

FLORES SEM CHEIRO

POESIAS

DE

José Ignacio Gomes Ferreira de Abenceres

ESTUDANTE DO 5.º ANNO DA FACULDADE DE DIREITO
DE S. PAULO.

*Com um estudo entido
de Augusto Perillo*



RIO DE JANEIRO

TYP. EPISCOPAL DE ANTONIO GONCALVES GUMARAES & C.^a
RUA DO SABAO N.º 82

1863

FLORES SEM CHEIRO.

FLORES SEM CHEIRO

POESIAS

DE

José Ignacio Gomes Ferreira de Menezes

ESTUDANTE DO 5.^o ANNO DA FACULDADE DE DIREITO
DE S. PAULO



RIO DE JANEIRO

TYP. EPISCOPAL DE ANTONIO GONÇALVES GUIMARÃES & C.^a
RUA DO SABÃO N.^o 82.

—
1863

Meu Pai

D'entre todos sou de vossos filhos aquelle, cuja educação mais cáro vos tem custado!

Embalastes-me ao som de idéas que mais tarde, com o meu crescimento, sem me consultardes, começastes de pôr em execução. Á isso não me oppuz; erão vossos desejos; á esses desejos eu accedi com a minha mais humilde obediencia.

E por que não acceder? E por que não fazer um esforço sobre mim se a profissão que me apontaveis era nobre, e elevada, ia dar-me uma dupla existencia, embora me fizesse ermar entre espinhos, embora me levasse aos labios a esponja de fêl de Christo, e a taça de cicuta de Socrates!

Curvei-me, pois, ergui nos meus pequeninos hombros essa cruz immensa pregada por vós na eupula do meu berço!

Fui feliz que ainda achei no caminho do meu Golgotha, nas rnas de miulta amargura estas flôres que apanhei! Eil-as meu Pai; não cheirão.... mas beijão vossos pés!

SOLTAS.

INTRODUÇÃO.

IDE, meus versos, ide.... ide voando....
Ide as azas abrindo em céos de amôres;
E' tempo, eu creio, minhas scismas, ide!...
Meus tristes sonhos... meu *bouquet* de flores!

Ide vogando assim, correndo mundos:
Batel sem quilha não deixeis esteiro!
Estrella opáca de meus céos nublados
Nos céos da Gloria não sereis luzeiro!

Lampada fria n'um sacrario estreito
Não podeis, como o sól, dar ignea luz;
Fraco e frouxo clarão só derramaes
Como um gasto tocheiro juncto á cruz!

Correi, meus cantos, como folhas seccas,
Que leva a viração nas tardes frias;
Ide correndo pelo chão das campas,
Como pr'a morte meus chorozos dias!

Guardai-vos muito no regaço d'alma
Como o mar guarda o cófre naufragado:
Hoje ao mundo vos lanço; ide, meus cantos,
Pobres, humildes como a flor do prado

Não vos cubro de joias emprestadas;
Ide, simples, e nós de falsas galas;
Não tendes sedas que tapetes várrão;
Flores sem cheiro não adornão salas!

Meu topazio de amôr, ide, modesto,
Pobre de brilho, sem engastes d'oiro;
Talvez n'um peito de mulher morena
Sereis um dia immorredôr thezouro!

Ide, *minh'alma*, adeus; ide, suspiros
Que eu sozinho exhalei nas fundas dôres;
Branco anjinho de Deus, ide, em meu leito
Não vireis mais lançar cestas de flores!



Canto do Nauta.

Corre, meu lindo batel
Os plainos corta do mar ;
Avante, avante á vogar
N'este azulado oceano!
Vamos romper estas vagas
As vélas soltar ao vento!
Deste cruel elemento
Sê tu, pois, o Soberano!

Tu és na terra o meu anjo,
As noites passo contigo !
Onde tu vás eu te sigo,
Do nauta és a espôsa qu'rida ;
Vigilo quando vigilas ;
Durmo contigo ao serêno,
Ao murmurar tão ameno
Da corrente enlanquecida!

Que noites bellas e lindas
Tenho eu dormido á teu lado ;
Sentindo o mar agitado,
Vendo as estrellas no céu
E tu, tão meiga e donósa,
No collo o amante embalando,
Nos olhos lhe desdobrando
Um soporifero vêu !

Quer bravo o Noto se ostente
 Montanhas d'agoa elevando,
 Quer seja o Zephiro brando,
 Espelho d'agoa este pègo;
 Qu'importa a sanha dos máres
 Se unidos em p'renne abraço,
 Qual iman que attrahe o aço,
 De amores todo me cêgo!

Não quero purpuras nem oiro;
 Palacios, festins e galas;
 Da mulher fingidas fallas
 No baile em cláros salões!
 Odeio os labios da virgem
 Volcão de frases mentidas,
 A' esmo, soltas, perdidas,
 Indo esmagar corações!

Qu'importa sceptros e c'rôas,
 Thrônos de lindo docel,
 Se eu n'este tosco batel
 Sou nauta intrepido e ousado!
 Luto á braços com a procella;
 Meu lenho corre ligeiro;
 Não temo o voraz pampeiro;
 Sulco o mar assoberbado!

Ao longe, lá d'entre as vagas,
 No seio do mar nascendo,
 A lúá eu vejo rompendo,
 Qual virge em leito de flôres!
 Languida côr no semblante;
 Morbida luz nos olháres;
 Só respirando pesáres;
 Propicia mãe dos amôres!

Qual a mocinha engraçada,
 Borboleta nos salões,
 Em torno dos corações,
 Por momentos adejando;
 Que busca em fadiga o leito,
 Desfaz as negras madeixas,
 Suspira á medo mil queixas,
 Sonhos d'archanjo sonhando

Assim a lua em contemplo
 Num céu, de nuvens cercada,
 De estrellas mil rodeada,
 Num mar de azul se banhando !
 Assim ao dubio clarão
 D'esse encantado luar,
 Molles endeixas ao lar
 Vou merencorio entoando !

D'aqui, no oceano, isolado;
 D'esta morada ambulante;
 Sob este tecto gigante
 De azul celeste forrado;
 As vistas espraio além.....
 Não vejo o palmo de terra
 Que minha existencia encerra....
 Não vejo o meu lar amado !

Qu'importa se o fado austero
 Levou-me aos labios só fél !
 Qu'importa ! se o meu baixel
 Faz-me entre gozos nadar !
 Deu-me o destino este lenho
 Pra zombar do fero Eólo,
 Pra descançar em seu cólo
 Quando Morpheu me turbar !

Corre, meu lindo batel
 Os plainos corta do mar;
 Avante, avante á vogar
 Neste azulado oceano !
 Vamos romper estas vagas;
 As velas soltar ao vento;
 Deste cruel elemento,
 Sê tu, pois, o Soberano !

Ai de ti!

Ai de ti, rola perdida
 Dos amôres na corrida
 Onde irás parar, meu Deus!
 Não te percas, virgem linda,
 Tens poucos annos ainda
 Escuta os canticos meus !

No baile — os sonhos sonhados
 Nos toilettes franjados,
 Dos candelabros á luz;
 A flôr que na contradança
 Te prendem cheirosa á trança
 Luxózos moços tafús;

São desperdicios de amôres,
 Paineis de mui lindas côres,
 Reversos d'essas medalhas !
 Não te illudas, virgem linda,
 Tens poucos annos ainda
 São falsos pavões, são gralhas !

Chama ás palpebras doridas
 O somno das noites idas
 Em teu berço embalçado;
 Sonha no leito teus sonhos
 Com as mãos no peito, tristonhos,
 Que um Anjo vela á teu lado!

Vermelha rosa de um dia
Não te vás manchar na orgia,
Tapete seres do Harem!
Que a odalisca entre os beijos
De um Don Juan de desejos
Sonhos no somno não tem!

Só vigílias, louco anelo;
Só perfumes no cabelo;
Só de gôzos seu viver!
Lindas Madonas que as faces
Nos quentes lábios fugaces
Não sentem fêl á correr!

Ai de ti, rola perdida,
Dos amôres na corrida
Onde irás parar, meu Deus!
Não te percas, virgem linda,
Tens poucos annos ainda
Escuta os canticos meus!

Segredo !

Eu sinto, e o meu sentir pulsa no peito
N'um doce madornar!
Ter-lhe amôr é um crime! Eu revelal-o
Só quando delirar!

Tão linda e bella! Pobre flôr que os son
Das noites me perfuma!
Fresca róza do valle... as castas pétalas,
Vão marchando uma á uma!

Tão moça! Porque chóra? Cá bem dentro
No palpitar do seio,
Dorme sua imagem de cabellos nêgros,
E seu olhar de enleio!

Que fazer, ó meu Deus? Levar-lhe ás faces
A pallidez da lua?
A flôr roubar-lhe que nas cheias tranças
Mollemente flutúa?

Que fazer? ó meu Deus! Nos alvos seios

Tão moça! Eu choro. Num festim de nupcias
 Foi sombra que passou!
 Fragil rolinha, que saudando a auróra
 No ninho se abrigou!

Cysne que o collo n'um momento algou,
 N'um momento, meu Deus!
 E eu ousei ainda qu'erer um novo canço
 Gerar nos seios seus?

Que amor grande, meu Deus! e cresce ainda
 Cada vez... mais e mais!...
 Este amor é um crime qu'eu odeio
 Oh! vai-te Satanaz!

Quanto custa soffrer, conter fingido
 As dôres ameiçã!
 Ter firme a taça d'amôr o amoroso liquido
 Sem nunca transbordar!

.....

Quereis saber meu crime?— Amar um ente
 Que á outrem se ligou.
 Sentir que os seios divididos batem
 Da mulher que já amou!

Canção.

Aqui sozinha?
 Foge lindinha,
 Corre á valer!
 A noite é perto;
 N'este dezerto
 Podes morrer!

Quem foi que os passos
 Guiou-te, escassos,
 N'este ermo val?
 Quem foi, lindinha?
 Diz-me? Avezinha?
 Rôla, ou pardal?

Quem foi? Teu fâdo,
 Triste e pezado,
 Trouxe-te aqui?
 Foi teu destino...
 Rumôr do sino
 Da Ermida, ali?

Olha! No monte
 Qu'encobre a fonte
 A noite é já!
 Busca guarida,
 Pomba perdida,
 Guarda-te lá!

Olha! Da vargem
 Na estreita margem
 Dorme a corrente!
 Olha! Na relva,
 No val, na selva,
 Tudo é silente!

Foge, lindinha!
 Tenra florzinha,
 Neste ermo, só!
 Volta com a auróra,
 Mas fôge agóra,
 Que cauzas dó!

Um Instante!

Tremeu-lhe a dextra.... recuou corando,
De subito a mãosinha;
Baixando os olhos.... palpitou-lhe o seio
Que alvura, céus! que tinha!

Ai! . . ai! . . disse baixinho.... tão baixinho....
Qu'eu só, meu Deus, ouvi!
Tremeu-lhe a face.... no rumôr da sala
Eu só.... só percebi!

Um aperto, de mão!.... tão doce aperto!
Que rapido voou!
Foi aureo grão de arcia que a ampulheta
Da vida me vazou!

Queres ir?

Queres ir? Corre, vae! Talvez qu'em sonhos
 A gruta visses onde amôr s'esconde!
 Queres ir? Corre, vae! sombra mïmoza;
 Mas antes de correr, diz-me p'ra onde?

Porque corres? Escuta! A flôr nos campos
 Perfuma a gramma sua irmãa no solo;
 Tu na louca corrida irmãas desprezas,
 Vãs molliando a cambraia do teu collo!

Hã quem sabe em teu peito amôr tão grande
 Que faz-te oppresso o coração pulsar?
 Tu queres ar mais livre, espaços longos?
 Queres todo o Universo para amar?

Porque corres? Não vãs! Olha que a briza
 Abelha aerea quer sugar tua trança!
 No branco leito de teus roseos sonhos
 Teu corpo, ao menos, de correr descança!

P'ra onde corres assim? Lá nas campinas
 Hã muitas solidões... só rôlas gemem;
 Na ribanceira as juritys suspirão;
 P'ra onde corres assim? Teus membros tremem!

Não vãs mais longe! Escuta! Ali, na fonte,
 Tristes phantasmas vão beber á noite!
 Não vãs além! Descança aqui bem juncto
 Deste meu coração que sempre amou-te!

Bem, bem juncto de mim desata as tranças ;
 Incensa os ventos tropicães da auróral
 Canta-me um canto do teu virgem Album;
 Teu peito um écho me concede agóral

Tu não me estimas, não! Na voz dos sonhos
 Dormida nunca me chamaste — Amôr!
 Se em tua face vou pousar um beijo,
 Te perseguindo como a briza a flôr;

Tu vás correndo, borboleta alvinha,
 E eu não te alcanço minha garça airoza:
 Tu me desprezas porque um beijo é fogo,
 Te queima a cutis qu'ê vermelha roza!

Queres ir? Corre, vae! Talvez qu'em sonhos
 A gruta visses onde Amôr se abriga!
 Queres ir? Corre vae! sombra mimoza!
 Mas ao menos consente qu'eu te siga!



Meus Sonhos!

Forão meus sonhos como tenue aragem
Que sopra á margem de um modesto lago;
Magico fácho, que á um tufão violento,
Vae n'um momento se apagar, presago!

Pezados, tristes, como dobres lentos
Vão somnolentos me passando os dias;
Phantasma negro que me assombra o leito
Me esmaga o peito com manóplas frias!

Pende-me a fronte varonil aq pezo
De um fôgo accezo que se nutre em mim;
Pulsão-me os seios, se dilatão, tremem;
De dôr se premem n'um sangrar sem fim!

Planta isolada, que n'um ermo, azinha,
Triste e mesquinha lá cresceu perdida!
Tal eu vegêto nestas plagas longes,
Quaes sanctos monges em singela ermida!

Chóro; meu pranto n'um morêno cóllo
Meu Deus! não rôllo que tão longe estou!
Gemo isolado; nesta terra agreste
De dôr se veste um coração que amou!

Louco exilado que vagueio errante
Longe e distante das madeixas della;
Trema, quem póde supportar o mundo,
Da campa o fundo que meu peito anhéla!

Pobre do Bardo que sonhou na terra,
 No val, na serra, na planície e mar;
 Com os olhos fundos nos paineis da vida
 Alma dóida vae nos Céos pousar!

Que dôr nas fontes que me turva os olhos
 Doces escolhos que n'um Anjo achei!
 Ferve-me o peito que sentio-lhe as faces
 Pezar fugaces n'um enleio.... eu sei!....

Pallidas louzas que o luar prateia:
 Mulher-sercia qu'inflammou-me o seio,
 Longos cyprestes, murmurar de sinos
 Lugubres hymnos, aborreço, odeio!

Abrão-me as praias movediço leito
 Ao corpo affeito á delirar, e já!
 Levem-me as ondas; no crescer das vâgas
 A' longas plagas me arremessem lá!

Não amo a terra; nos lençóes do mar
 Deixem boiar meu corpo que morreu!
 Quero que a garça me esvoace em volta -
 Da argila solta do cadaver meu!

A Cruz de Cedro.

Dorme, ó virgem qu'em flôr pendeste! adeus!
 Morreste apenas no cerrar dos olhos!
 Inda a boca conservas semi-aberta,
 Roza que á sombra não vingou das campas!

Vôa!... vôa bem longe, e alada alcança
 O pavilhão de azul que cobre os mundos!
 Que o archanjo divo, arrêgçando nuvens,
 Dos céos as portas te escancára, alegre!

Dorme ó virgem qu'em flôr pendeste! adeus!

Tu deixaste na Terra a mobil sombra
 De beija-flôr mimozo de açucênas!
 Que estampou n'um momento o escasso vulto
 No chão grammádo da campina extensa!

Beija-flôr que morreu!

Beija-flôr que morreu, sagrando ao mundo
 Um sorriso de dôr; lançando ás turbas
 Vesgo olhar de desdem qu'ellas em massa
 Do lôdo arrancão porfiando a posse!

Dorme, ó lyrio em botão, que a foice d'ouiro
 Do segador de Deus cortou tão cedo!
 Vae desatar no céu, nivea caçoula...
 Vae vazar teu perfume aos pés de Deus!

.....

A cruz de cedro... ali, te erguei nos braços,
 Dos braços veio um Anjo e te roubou!
 E, no regaço das setineas roupas,
 Envolto em nuvens para os céos te alçou!

Tão triste!

N'um album de moça.

Virgem, que a vida sem folgedos passas,
Orphã de rizo, que dos seios nasça....
Não descrêas de Deus; aos olhos d'elle
Da castidade a cruz, constricta, abraça!

Virgem, que a c'rôa d'encantados sonhos
Adormecida machucaste ao leito,
Não descrêas de Deus, que vê-te em fêbre,
Com as mãos morenas opprimindo o peito!

Virgem, que as tranças desatadas cuidas
Nas castas hóras de o roupão fechar,
Não descrêas de Deus, que te olha tanto
Quando ao teu toucadôr te váes ornar!

Virgem que os olhos verdes tens tão lindos
Porque chóras de dôr? Vai-te alegrando!
Não descrêas de Deus que deu-te uns olhos
Onde a côr da esperança está brilhando!

Sou eu !

Quem vive qual peregrino
 Errante, sem ter destino,
 Em lutas com acerba dôr;
 Quem chora quando amanhece,
 Quem scisma quando anoitece,
 Sou eu que não tenho amôr!

Quem vive qual luz sem brilho;
 Quem perdeu da vida o trilho;
 Quem traz na face o pallôr;
 Quem pende a fronte incendiada,
 Em sonhar sempre embebida,
 Sou eu que não tenho amôr!

Quem busca esp'rança nos seios
 Da mulher, quem só de enleios
 Grinaldas tece sem côr;
 Qual viajante cançado,
 Que nunca achou gazalhado...
 Sou eu que não tenho amôr!

Quem vê da terra um dezerto,
 Fanal de clarão incerto,
 Taça de amargo sabôr;
 Quem nunca a cutis mimoza
 Beijou da mulher formosa,
 Sou eu que não tenho amôr!

Quem nunca em leito de anhelos
 Soltos, nem prezos cabellos
 Tocou na febre do amôr;
 Quem nunca vio perfumada
 Soprari-lhe a briza orvalhada
 Nas faces sem viço e côr;

Sou eu... sou eu. que deliro;
 Sou eu. sou eu... que suspiro,
 Donzella. que gemo anciôzo!
 Sou eu... sou eu, que ao martyrio
 Nas aras sagrei-lhe o cyrio
 De meu viver desditozo!

Sonha e dorme!

Salve, salve, meu Anjo, á sombra virgem
 De teus sonhos-anhelos dorme um pouco
 Mas dorme juncto à minh; dorme inclinada,
 Bem pendida em meu seio a face branca;
 Meu seio qu'è vulcão d'affectos, todo!
 Não temas a erupção... e sonha e dorme !

E sonha e dorme!... que no leito as flôres
 Do teu viver tão casto não se esfólhão!
 Que assim dormida os offegantes seios
 A seda do roupão embalão, doce,
 N'um frouxo laço que o Pudôr desata
 Em feixado recinto!

E sonha e dorme! Sonharemos junctos!
 Deixa qu'importa, que fervente, o mundo
 Arremesse sedento sobre as rôlas
 Que seu minto fabricão n'um só ramo,
 Voando uma á pár d'outra, ao som de arrullhos,
 Ollháres apinhádos!

Nós somos, pois, duas rôlas que fallámos!
 Qu'em pensamentos conversámos mudos!
 Que n'um breve oscillar d'olhos discretos
 Lemos. . . relemos nos volumes d'alma,
 Sem volvermos a pagina que lêmos..
 Leitura que não finda!

A vida.

A vida — é Tant'lo sedento,
 Soffrendo penar cruento,
 De sêde á morrer affeito:
 E' — Prometheu torturado,
 N'um rochedo agrilhado
 Abutre a roer-lhe o peito!

A vida — é painel de amôres;
 Bouquet d'inodóras flôres!
 Anhêlos d'aureo porvir!
 Cêga a fortuna rodando,
 E a cornu-copia entornando
 Sobre braços, sem sentir!

A vida — é verde palmeira,
 Que parece a derradeira
 Feitura da Creação;
 Quem a vê — moça elegante
 Não crerá que n'um instante
 Roja-a por terra o tufão!

A vida... immensos esteiros,
 Que o Céu dos mundos inteiros
 Forrão de arminho mimôzo!
 Esteiros.... são longos pannos
 Pra amortalhar os enganos
 De um curto sonho amorôzo!

A vida — é pir'lampo errante;
 E' luz de cyrio expirante;
 E' flôr que a orgia enfeitou!
 E' nauta em tremulos mares
 Na flauta esquecendo azâres....
 Dôres que o peito chorou!

A vida — é sombra que corre;
 Que a mente affaga e que morre,
 Que se persegue e desfaz!
 A vida — é soffrego anceio:
 E' negro livro que eu leio,
 Na nuvem que o raio traz!

A vida — é mar sem bonança.
 Rizo de alegre criança,
 Que a dôr festeja, sem mêdo!
 E' precipicio escondido;
 Aurco letreiro esculpido
 No chão que cob're a Tancredo!

A vida — é nada.... é vizão....
 Quentes ais do coração,
 Que a dôr continua esfriou!
 E' punhal occulto em flôres;
 Em taça d'aureos lavôres
 Veneno que alguém deitou!

A vida — é Tant'lo sedento,
 Sofrendo penar cruento,
 De sêde á morrer affeito!
 E' Prometheu torturado,
 N'um rochedo agrilhado,
 Abutre a roer-lhe o peito!

A Vendida.

Ai da vendida que o pudôr de virgem
Arremessou ao charco das orgias!
Ai da pobre donzella que no alcouce
Foi marear o ouro de seus dias!

Morreste para o mundo, e só da plêbe
Ouves constante os passos á tua porta;
Pudor calcaste aos pés; pejo não tens;
Ês flôr sem cheiro, desbotada e morta!

Qu'è dos teus labios virgens, salpicados,
D'um doce orvalho, matutinas rozas?
Qu'è da vóz qu'harmonias similhava
D'angelico alaúde, sonorósas?

Ai do cysne gentil que as brancas plumas
Pelos cêus azulados extendia!
Que abrindo os áres n'um voar soberbo
Seu niveo collo, tão formôzo, erguia!

Ai! do cysne gentil de brancas plumas!
Ai! do collo formôzo qu'elle erguia!
Fero arcabuz levou-lhe a morte ao seio;
Eil-o já que no lodo se batia!

Foi tua a mesma sina que a do cysne!
Candido e puro já pulsou-te o seio;
Muita pureza n'alma já tiveste;
Hoje aonde encontrar pudor, receio?...

Onde o doce rubôr, o olliar modesto
 Com que te vi na Egreja, toda pejo?
 Hoje, mulher (donzella não te chamo
 Que de tal m'envergonho) és só desejo!

Hoje, qu'ê dos teus bailes? Quem franquêa
 Honesta entrada á torpe Messalina?
 Vedão-te ingresso; chamão-te devassa;
 Na frente te soletrão « és indigna! »

Onde os aareos espelhos, toilettes,
 Que te mostravão nos salões o rosto?
 Hoje o miras nos charcos nauseabundos
 Onde insectos zunindo tem seu posto!

Quem vio-te, como eu vi, de brando corpo
 Por singelo roupão óculto apenas.....
 Em molle leito de perfumes cheio.....
 Nos frescos labios cheiro de açucenas;

Mulher; Quem o creria? Quem teus labios
 Com um simples beijo ousára desbotar?
 Eu vi-te; eras no leito, tão singela!
 Tremi d'um bafo impuro os nodoar!

Hoje, porém, teus labios são mercados ;
 Teus alvos seios mostras ao passante;
 Por um obulo d'ouro o corpo entregas
 Sem as faces corar, febricitante!

Quantas noutes, mulher , no toscos asylo
 Te revolvendo nos brutaes tremôres....
 Pallida a fronte, soltos os cabellos,
 Labios visguentos, sem carmim, sem côres ;

Quantas noutes, mulher, vendendo gôzos....
 Vendendo dôres.... saturnaes leticias..
 Num transporte convulso... e os seios nus
 Tocando um corpo extranho, entre delicias;

Não tens pensado no verdôr da vida
 Que te vae definhando entre prazêres;
 Quanta lagrima triste pelas faces
 Te vae rolando á tôa, sem sabêres!

Nunca roçarão-te pela mente um dia
 Tristes lembranças da virginia idade?
 Nunca sonhaste em leito de ambrosias
 Ver reclinada a tua virgindade?

Ouro! — Brilho fatal que o se'lo offuscas!
 A' virgem roubas um thesouro immenso!
 Thrônos abates; compras braço e ferro;
 És do Templo de Venus puro incenso!

Mulher! volta de rumo! olha a voragem
 Que tens aos pés, que em breve vae sorver-te!
 A brusca noute em que caminhas, erma,
 Nem a luz de um relampago fáz ver-te!

Mulher! cautela! que o doçor da taça
 Não traga amargo fél cosido ao fundo!
 Medonho precipicio as vezes bordam
 Lindas flôres que occultão vacuo immundo!

Ai do cysne gentil que as brancas plumas
 Pelos Céos azulados estendia,
 Qu'abrindo os ares n'um voar soberbo,
 Seu niveo collo, tão formôzo, erguia!

Minha Infancia!

Lá nas aguas do pego azulado
Um baixel eu divizo vogár:
Elle sulca mansinho e garbozo
A planicie do liquido mar!

Multidão d'avezinhas volteião
No ceruleo gentil firmamento!
E o baixel nem ao menos balouça
E nem teme os furores do vento!

E a briza fagucira encrespava
A planicie do liquido mar:
Como o enfido no rosto da virgem
Faz-lhe a fronte nevado enxugar!

E a onda mansinha na praia
Ia a areia revtente oscular:
Era brando e suave o marmurio
Que fazião as aguas do mar!

A garboza e travessa menina
Roseas conchas corria a apaulhar:
E o baixel arrogante sulcava
As saphiricas aguas do mar!

Mas esse céu tão amêno
Inda á pouco tão sereno
Agóra negro se faz!
Essas nixens peregrinas,
Inda á pouco purpurinas,
Cada vez se toldão mais!

Esse mar tão bonançozo ,
 Inda á pouco tão bondôzo,
 S'entumêce, espuma, irado!
 E o baixel, coitadinho!
 Inda á pouco tão mansinho
 Pelo tufão é levado!

Tê o Nóto embravecido,
 Soltando agudo rugido,
 Faz a onda levantar;
 Como na guerra o valente,
 Que ao sôm do clarim fremente,
 Procura a lança enristar!

Já a travessa menina,
 Temendo a vaga ferina,
 Vae p'ra caza se abrigar;
 De medo da trovoada,
 Lá fóge toda assustada;
 Não quer conchas apanhar!

E o baixel? Foi seu fádo
 N'um rochedo, espedaçado
 Ir nas aguas se afundar!
 Inda, á pouco, tão garbôzo,
 Sulcava tão magestôzo
 Pela planície do mar!

Foi assim minha vida na infancia
 Socegada, tranquilla, innocente;
 Foi assim que passei venturôzo,
 Curtos annos da edade virente!

Foi assim que passei minha infancia,
 Descuidado da vida e seu termo;
 Com sorriso indiscreto, insensato,
 Eu zombava das dôres do enfermo!

Foi assim que passei minha vida
 Bafejada por brizas fagueiras,
 Não temendo no peito os embates
 Da lizonja, da intriga, embusteiras!

Logo apóz a desgraça maldita
 Converteu-me as doçuras em fél;
 E me dando á provar a desdita
 Fustigou seu fozozo corsél!

A meiguice, brandura, innocencia,
 Lá se forão; á sós me deixárão!
 Os olhares gentis da clemencia
 Sobre mim nunca mais se fitárão!

Nem jámais ostentou-me a pureza
 Seu semblante de meiga candura!
 Só deixou-me buscando a deveza
 Que conduz á suprema ventura!

Me deixárão soffrendo martyrios,
 E lufadas de amargo descrêr;
 Me gerando na mente delirios,
 E delirios que fazem morrer!

Lá se forão meus tempos tão bellos,
 Os meus tempos de rósas e flôres:
 Erão tempos izemptos de anhêlos,
 Erão tempos tão virgens de amôres!

Eu te adóro !

Eu te adóro; morêna, és um Cupido
 Que a aljava trazes sempre ao lado cheia!
 Mimoza aranha que de noute e dia
 Não tem descanço no formar da têia!

Eu te adóro! — És tão linda! rosas-puras
 Tuas faces c'illurem de innocencia e pejo!
 Pequenos seios qu'inda pouco avultão
 Dos anceios do amôr não têm dezejo!

Queres saber? — Sou louco se os teus olhos
 Em noites de luar s'erguem p'ra o céu!
 Sou louco se o teu pé pequeno amostras;
 Si o cheiro eu sinto do lencinhô teu!

Dóe-me.... dóe-me não ser folha perdida
 Das virações levada na torrente....
 Se o fôra..... não no chão, nas tuas tranças
 Eu pousaria p'ra dormir olente!...

Se eu te visse, Indiana dos Amôres,
 Com as faces quentes, palpebras cerradas,
 Na rêde adormecida com os balanços
 Dos ventos livres, auras perfumadas;

A fronte eu te beijára; e manso e manso
 Teu langue corpo iria embalançando....
 E de rozas em petalas desfeitas
 O teu regaço iria avermelhando!....

Queres qu'eu te ame d'um amôr bem fundo
 Que se enraize nos sciínhos teus?
 Dá-me um gemido que me aponte o rumo
 Que em vão procuro nos sonháres meus!

Morêna.... adeus! adeus! — Se a morte um dia
 Do meu leito ~~sentar-se á cabeceira~~.....
 Não chores, não, que o pranto enfeia o rosto;
 Não te quero p'ra minha carpideira!

Com teu livrinho d'ouro — album de preces
 Como na Igreja rezas ao Senhor.
 Vem, morêna Christãa, no meu sepulchro
 Ler-me esses cantos do — Divino Amôr!

O Anjinho da Procissão.

O' meu Anjinho mimózo,
 Com que andar magestozo
 Eu te vi na Procissão !
 Ias na frente marchando,
 Tão feiticeiro brincando
 Com teu lencinho na mão !

Todos te olhavão, sorrião;
 Adeus todos te dizião;
 E os meninos invejosoz
 De te verem tão galante,
 Pizando tão triumphante,
 Te olhavão d'olhos chorózost

Saiste de carmezim,
 Sapatinhos de setim
 Teus pézinhos apertavão !
 Pedras mil de varias côres,
 Ramalhetes de mil flôres
 No teu peito scintillavão !

Lindos brinquinhos galantes,
 Dos mais polidos brilhantes
 Nas orelhas te luzião !
 Alvas plumas agitadas,
 Pelas brizas perfumadas
 Teu capacete cobrião !

Louro cabello ondeado,
 Luzidio, bem toucado,
 Sumião teus hombros nris!
 E das mãozinhas pendente
 Tu levavas reverente
 Um martyrio de Jezus;

Esse martello sicario,
 Que á Deus pregou no Calvário
 P'ra nos remir do peccado;
 Segue, meu Anjo innocente,
 Mostra esse emblêma ao descrente;
 A' esse povo apinhado!

Oh! se tu com esses vestidos,
 Com teus cabellos compridos
 Ao Céu, meu Anjo, voasses.....
 Em vez do confeito amado,
 O doce maná sagrado
 Talvez agóra gostasses!...

Vai, meu Anjinho mimôzo,
 Entre esse incenso cheirôzo
 Qu'era ondas s'erguem p'ra o Céu;
 Seja esse arôma azulado
 Do teu leito o cortinado. . . .
 De virgem teu molle véu!

Ruinas da Gloria.

Inspira-te, ó muza, nas ruinas que vês,
 Nas pedras vetustas, nos tectos cahidos!
 Inspira-te, e ensaia na lyra um lamento,
 Soluça, pranteia, desprende gemidos!

Oh! chóra, minh'arpa, não sejas vaidóza,
 Não temas que o pranto te caia no pó!
 Oh! geme um suspiro nas cordas rouquenhás
 Enluta-te, ó lyra, que o vate tem dó!

Minha harpa, querida, tu que só d'amôres
 Nas cordas fallavas com vóz tão sonóra,
 Trajando só gálas, te visto de lutto
 De flôres cahidas te cubro eu agóra!

Que negrás ruinas! meu Deus! qu'espectaculo
 Que attesta dos se'los as mãos musculózas,
 Columnas cahidas, de relva enfeitadas,
 Out'ora no Templo cobertas de rózas!

Vaidade, soberba, grandeza, opulencia,
 No espelho dos se'los correi á mirar-vos;
 Oh! grandes Monarchas que sceptros regeis
 Oh! vinde! que os se'los lições querem dar-vos!

Assim como a pedra coberta de limo,
 Assim como a louza que o tempo ennegrece;
 Assim como os tectos, que eu vejo abatidos.
 Assim vosso throno também apodrece!

As purpuras que pendem de hombros reaes,
 Tambem hão-de um dia de pó se cobrir;
 As dextras vaidozas que sceptros empunhão
 Tambem hão-de a fragil velhice sentir !

Trabalhos humanos qu'a um sopro do tempo
 Vacillão, descórão, se abatem de chófre;
 Ayarós, que a terra fazendo de Erario,
 Thezouros inuteis trancaes n'esse cofre ;

Oh! seja este exemplo de combro e ruinas
 Severo e medonho... revele grandéza!
 Curvai-vos, gigantes... despi-vos d'orgulho,
 Rasgai pergaminhos qu'attestão nobreza!

— * * * —

Desengano.

Quando em teus braços te amimava as tranças
E te beijava a face em fogo ardendo,
Que pensavas, mulher dos meus extremos
Das promessas qu'eu te ia então fazendo?

N'um dia eu te compunha estrofes lindas,
Chorosos cantos no luar bebidos!
N'outro um album de versos inspirados
Dos tempos em que amôr nos trouxe unidos.

Quando eu qu'ria escrever-te, andava às tontas
A' procurar papel-setim bordado;
Se á janella chegavas d'improvizo
Tu me vias passar almiscarado!

Que pensavas de mim.... dos meus extremos?
Seria eu todo amôr, paixão, e aneio?
Diz-me baixinho aqui, no meu ouvido....
A róza que te dei murcha em teu seio?

Pobre róza d'um amôr falso e mentido,
Piza ao chão com teus pés a flôr impura!
Tu pensavas que a róza inda era virgem....
Tinba orvalho nas petalas.... frescura?....

Engano ainda! Te menti.... perdôa!
Era indigna essa flôr de vêr teu seio!
Tu guardavas serpente venenóza
Um falso talisman.... de affecto alheio!
.....
Beija-flôr que amanhece entre rosciras,
Qu'entre brancos jasmims vóa inconstante;
Abelha qu'entre as flôres zumbe incerta,
Sem distinguir alguma para amante;

Assim eu sou! — Não tenho ancora no peito,
 Nem firmes crenças.... nem suspiros fundos!
 Eu corro os mares da inconstancia, alegre,
 E Byron váe comigo ao fim dos mundos!

Quando, ás vezes, o tédio nos surpr'hende
 Buscamos diversões, jogos, passeios:
 Todos buscão folguedos, brincos, dansas,
 E o enfado espalliar por varios meios.

Eu cá que sou romantico e poeta...
 Qu'amo assim por pagóde e distração;
 Que se plirazes de fôgo solto ás moças
 É dos dentes p'ra fóra e n'um salão;

Dou muito apreço á um rosto de morêna;
 A uns dentes alvos, bocca carmezina;
 As lindas tranças de um cabello negro;
 Á um pé pequeno em elastica botina!

Amar? — Nessa não cáio — Só momentos
 De distracção procuro juncto ás bellas;
 Já de amôres morri — flagicios tive;
 Hoje eu zombo da vida e zombo d'ellas!

Já no fôgo de amôr, nas chammas vivas
 O meu corpo arrojéi — oh! que loucura!
 Julgando achar n'um peito de mulher,
 Só vida, só prazeres, e só ventura!

Falsos juizos, desvairado intento
 De quem só de illuzões nutre seus dias;
 Agóra juncto ao marco da descrença
 Viver quero do amôr sem agonias!

Somno da Virgem.

Sensitiva mimoza, eil-a no leito
 De amôres virgem como a juryty;
 Branquinho lyrio, intacta açucena
 A virgem loura está dormida ali!

Ei-la dormida a filha da innocencia!
 Seus seios meio nús vão pululando!
 Qual vê-se a lúá, como a nivea angelica,
 Aberto o calix, d'entre o mar brotando!

Eil-a estendida no macio leito;
 Stá sem'envolta n'um roupão de garça;
 Leve sorriso brinca-lhe nos labios,
 Com a loura trança pelo collo sparsa!

Não entres; pára; n'este virgem leito
 Somno d'archanjo dorme uma donzella!
 Rola innocente; pura como a concha
 Lá no fundo do mar, intacta e bella!

A' Germanica.

Eu vi-te na Igreja, tão linda e constricta,
 Julguei-te uma santa na terra lançada;
 Com o livro de preces, prostrada ante a Virgem
 Eu vi-te, rev'rente, com a fronte curvada!

Em fervida réza teus labios tremião.....
 Tão rubros, carmineos, fallavão á Deus!
 Tu meiga donzella, tão pura, e tão casta,
 Tu temes ... recéas não lres p'ra os céos?

Tu rezas, meu anjo? — Que réza ha mais sancta
 Qu'um doce suspiro de um peito de môça!
 P'ra vida no seio de Deus tu viveres
 Um ai... um gemido, meu Anjo, qu'elle ouça!

Quem há dos humanos que a dita gozasse
 De um dia seus olhos cazar com os teus!
 Tu curvas a fronte; de pejo enrubéces;
 Teus olhos s'elevão sómente p'ra Deus!

Que vezes, meu anjo, que vezes d'angustias
 Não hei m'exforçado por vêr teu semblante!
 Só dizem « E' bella! seu rosto mimôzo
 Maltrata de amôres um peito arrogante! »

Acaba-se a prece; d'envolta com a turba
 De cem mil beatas te somes de mim!
 Eu vou te seguindo; beijando teus passos;
 Não paras; caminhas; eu canço por fim!

Tu fóges, meu anjo? — Que tecto te abriga?
 Meu Deus onde vive tal gemma subida?
 Ella ergue-se. acázo, n'um throno de nuvens,
 Rosadas, purpureas, á sancta guarida?

Quem sabe se um aureo palacio de Fadas
 Será seu Imperio, setu sceptro umí condão?
 Quem sabe se é doce vizão que se apaga
 Qual conto da infancia, na doce estação?

Mulher? Por que fóges? Que encanto ou feitiço
 Te furta á meus olhos que morrem por vêr-te?
 Mulher ou sybilla, mysterio ou vizão....
 Dos homens tu zombas, quem póde vencer-te?

Mulher! Por que os olhos sómente na terra,
 Tu firmas, tão ternos, tão cheios de unção?
 Mulher! Teu desprezo, teu odio, e desdem....
 Por ti me desperta mais forte paixão!

Adeus! Não te esquives! Meus olhos vagueião
 Buscando nas trevas um astro fulgente.
 Mulher! Não t'esquives que a dôr do meu peito
 Se augmenta incessante; me torna demente!

Recuerdos.

Nunca na vida, nunca na existência
 Meus dias tão fagueiros s'escoárão ;
 Nunca sonhos tão bellos vio meu somno
 Como esses que se forão... já passárão !

Inexperta criança ! Na ferida
 Qu'em meu peito lastrava eu lia—Amor !
 Occultos dentes serpentinos erão
 Que manso e manso o f'rião sem rumor !

Era a virgem que amei—linda morêna...
 Ollinegra, vivace, almo condão.
 A' furto, às vezes, n'um olhar *sympathico*,
 Cria eu ver despejar-lhe o coração !

Bella quadra de amôres! --Tinha a virgem
 Incompletos trez lustros; trez eu tinha!
 Tal esse amôr crescia em nossos peitos
 Qual nas trevas o brilho da estrellinha!

Vinhão-lhe os seios despontando á custo
 Da tela fina do corpinho airôzo:
 Qual tenue vaga que de arcar começa. .
 Qual lindos pômos de um sabor gostozol

Bem como a borboleta, que, gerada,
 Em crysalida mimoza se debate;
 Bem como o lyrio que o fechado calix
 Confia às mãos da aurôra que o desate!

Nas faces, côr de um jambo sazonado;
 Nos frescos labios, purpura sem par;
 No rizo, as galas de um risonho dia;
 De perólas, seus dentes um collar!

Amei-a!—Se da Terra aos Céos pudesse
 Um throno d'alvos anjos levantar!
 Nas longas azas d'um condor gigante
 Erguel-a-hia para ahi ficar!

No mais alto degrão com a fronte altiva
 A cupula do céu quazi tocando;
 E os anjos loiros á tocarem harpa;
 Minha estatua de amôr celebrizando!

A' um leye acêno meu d'infyndos ástros
 Far-lhe-hia um docêl todo brilhante!
 Por sobre sua fronte unidos todos,
 Abóbada d'estrellas, tremulante!

Suspensa a lúá em frente de seu throno
 Illuminando-a... lampada suave!
 Qual vê-se em Templo solitario, á noite,
 Lampada argentea que se prende á nave!

Esse amôr foi palacio encantado,
 Que figura nos contos da infancia;
 Qual fumaça, que o vento agitado
 Vae soprando p'ra longa distancia!

Foi um sonho sonhado em criança,
 Qu'eu julguei despertado affagar;
 Foi gemido, que o mar em bonança
 Foi na areia saudôzo expirar!

Foi um canto que o náuta sentido
 Do seu lenho ambulante exhalou;
 Que n'um breve momento perdido
 Nos profundos do mar s'affogou!

Foi um canto, que o cysne soltou
 Junto á beira de um lago encantado;
 Sensitiva, que á um toque murchou,
 Inda á pouco viçôza no prado!

Foi das harpas celestes um hymno,
 Que nas portas do céu desmaiou!
 Foi um êcho tristonho do sino,
 Qu'entre as torres da Igreja expirou!

Oh! que linda mulher!... Que affagos docces...
 Que palpitantes seios. e que olhâres!
 Ao vê-la folgazã brincar na praia,
 Vergar o corpo nas pueris corridas,
 Deixar na areia de seus pés a estampa
 Pequena e mal impressa... os tenros labios
 Estampava tambem na estampa d'elles!

Nossas faces morênas se tocãvã
 N'um beijinho de rôla ao sól da tarde:
 Ao longe a jurity cantava arisca,
 Ao longe a briza, que soprava doce
 Das molles tranças da gentil menina
 Lhes sorvia o perfume, que, n'um vôo,
 Rompendo a atmosphera, ia direito
 Reunir-se aos perfumes que Elohá
 Junto ao throno de Deus, prodigo entorna!

Dous peitos pequeninos, que, tão frageis
 Pulsavã pela infancia, amavão tanto!
 Baptisei-lhe as bonecas. que, lindinhas,
 Aos seios animava com um desvêllo
 Que fazia corar mães extremozas!

Quaes duas açucenas enlaçadas
 N'um frouxo abraço, tão singelo e simples,
 Dormiamos brincando!. A frente d'ella
 N'um menceio gentil, quasi esquecida
 Me tocava o cabello em desalinho
 Qu'innocente viver! Que amôr tão puro!
 Que souho de criança em berço afado!

Fomos da edade vigorando as forças
 Fomos, cuidôzos, cultivando o sólo
 Para a planta do amôr lastrar raizes.
 Essa planta vingou... cresceu frondôza.
 Qu'eu cria as nuvens acoutar com as grimpas!
 Ô que pouco faltou! Mas.

A' Pedido.

Eu vi-te exprimindo
 No rosto tão lindo,
 Frenetico aneio!
 Teus meigos olhares
 Seduzem milháres
 D'amantes, eu creio!

Eu vi-te.... e o crespinho,
 Cabello lourinho,
 Voando em vaivem!
 E a face de róza,
 E a cutis formóza,
 Beijar-te tambem!

Eu vi-te.... e meu peito
 Senti qu'foi feito
 Pra sempre te amar!
 Na mente milháres,
 De aereos altáres,
 Votei-te á scismar!

Amei-te em segrédo ...
 Não quiz.... tive médo.....
 Meu Deus! eu tremi!
 Quem sabe se o pejo,
 Pedindo-te um beijo,
 Te rouba de mi?

Amei-te! E que vezes,
 Que dias, que mezes,
 Meu fogo occultei!
 Vivendo á teu ládo,
 Por ti fascinado....
 Soffri e te amei!

Por mim tu passavas.....
 Contente brincavas.....
 Folgavas e rias!...
 E en, tão desprezado,
 Meu Deus, triturado
 Soffrendo agonias!

Que fiz-te, lindinho,
 Meu anjo lourinho,
 De rosto mimózo?
 Que fiz-te? — Perdóaa....
 Se o peito m'entôa
 Suspiro amorôzo!

Que fiz-te? Que o rosto
 Divino composto
 Tristonho me fêchas?
 A mão me retiras?!
 Meu peito não firas!
 Attende-me às queixas!

Que queres? — Caricias?!
 Num mar de delicias
 Me vêres nadar?!
 Teus braços m'estende;
 Teu tédio suspende;
 Que eu vivo de amar!

Um beijo... um só beijo
 E quanto eu almejo...
 Um beijo? Tu córas?
 Recenzas? Num ládo
 Do rosto nevádo.....
 Tu tremes! Demóras?!

Um beijo! — Tens mêdo?!
 Oh! dá-m'o, é segrêdo
 Qu'eu guardo com a morte!
 Oh! dá-m'o lindinho,
 Meu anjo lourinho,
 D'angelico porte!



Parodia.

Se eu morresse amanhã, rizo d'escárneo
 Me sulcaria as faces macilentas;
 Nem um adeus sentido enviaria
 A' este pelago negro de tormentas!

Se eu morresse amanhã deixára o mundo
 Como deixa os grilhões alma captiva;
 Nem um ai de pezar m'abrira os lábios;
 Nem uma préce errante e fugitiva;

Se eu morresse amanhã nem um suspiro,
 Nem um soluço amargo eu solitaria;
 Olhares ternos.... cheios de saudade. . .
 Jámais ao mundo infâme eu lançaria.....

Esses fogos de amôr esses enlévos.....
 Sem o pranto verter. . . os perco embóra!
 Gargalhada insolente ao mundo atiro
 Dos umbráes do sepulchro, n'essa horá.

Que perderia então? -- Venturas?. Nunca
 Me roçarão por mente n'este mundo!
 Torturas infernáes. . . sêde de gozos. . .
 No coração me abrirão cancro immundo!

Que perderia então? — Uns olhos negros
 Da travessa morêna, e seus sorrisos?
 Desprézo tudo; sonhos de momento.....
 Eva moderna em novos paraizos!

Que mais tenho á perder? Se tudo em vida
 A' olhos nús eu vi tornar-se um sonho!
 Apenas vi surgir-me estrella amiga,
 Que a vi logo afundar em céu medonho!

Hoje eu só quero a morte! A paz dos tumulos
 Me agrada, mais que nunca, á meus martyrios!
 Quero a fronte esmagar de encontro á louza
 Esta fronte qu'encheo-se de delirios!



Eureka.

A' doce sombra de um tranquillo exilio
 Dormiu meu coração somno de infante;
 Igual áquelle que a rolinha implume
 Dorme em leito de musgo verdejante!

Era assim meu viver, como um baixel
 Que, solto ao mar, vagueia em molle abálo;
 Era um canto de nauta os meus amôres..
 Amôres que na terra eu soffro e cálo!

Sem norte e leme, e bússola e piloto
 Meu baixel de existencia ia afundar .
 Um phanál de venturas... lá, bem longe,
 Entre as vagas da sorte eu vi brilhar!

Doce phanál que a vida qu'eu levava
 Transformou, n'um momento, em regio fado;
 Aureas minas brilhantes não mostrou-me,
 Nem cofres prenhes d'um metal doirado;

Fez transparente um coração de virgem
 Em cujo centro se desfez em luz!
 Aclarou-me um Sacratio, e dentro d'elle
 Meu aureo talisman de affectos puz!

Tranquillo o coração, dentro do peito
 Sinto a briza amoróza vir soprál-o:
 Meu baixel já tem leme, e vae certoiro
 A's plagas da ventura óra leval-o!

Hoje meu céo tem nuvens còr de róza;
 Meu vergel d'esperanças bruta flôres..
 Aureas taças de gôzo já circulão
 No festim dos meus sonhos furta-côres!

Troco cyprestes por pompozos louros;
 Minhas taças de fêl lanço ao passado;
 A fortuna acenon-me; e prêzo às rodas,
 Do seu carro feliz, corro encantado!

Em que pensas?

Em que pensas, mulher, que sonho embálas
 Na candidez dos seios?
 Um amôr mallogrado? — Ave da auróra....
 Desprende teus gorgeios!

Oh! nem sempre a manhã rompe sombria
 Nem sempre a madrugada!
 Ergue a fronte afflictiva, ave da auróra,
 Vem saudar a alvorada!

Já viste, ao romper d'alva, a flôr do prado
 Pender murcha em botão?
 Já viste a rola, nas manhãs do outomno,
 Gemer na solidão?

Ergue a fronte afflictiva, ave da auróra,
 Vem saudar o arreból!
 Tão tenrinha, meu Deus, tua existencia
 E' inda nado sól!.

Teu futuro é do céu! — Teu doce pranto
 Só vertas juncto a Deus!
 Oh! não morras assim! Enche teus seios
 Da vóz dos cantos meus!

Eu sou beija-flôr.

Eu sou beija flôr,
Traquino e travêso,
Folgando entre as flôres,
Das flôres m'esqueço !

Amôres? — Se os tenho
Não fêrem meu peito;
Oh! nunca tristonha
Medito no leito;

Se eu sonho.... meus sonhos
São còr d'esmeralda.....
Fagueira estrellinha
Da nuvem na falda!

Se juras me pedem
Por Deus vou jurando!
Não còro de pejo. . .
Vou juras quebrando!

Não tremo se extranlia
Mão d'homem aperto,
Se um beijo me pedem.....
Meus labios offerto!

Namóro ao garbozo
Mocinho elegante,
Que aliza entre os dedos
A luva alvejante!

Se olhou-me... sorrio-me!
Tambem que m'importa!
Passou; foi-se embora....
Bati n'outra porta!

Que eu sou Beija-flôr
Não faz mal que digão;
Agitem-me o lenço,
E o vôo me sigão;

Devaneio.

Amei-te muito, mulher! Éras um anjo
 Quando eu vi-te na salla a vez primeira;
 Alvo vestido... de alabastro o cóllo....
 Rizo d'archanjo em bocca feiticeira!

Amei-te mais que o berço, onde innocente,
 Meu roseo corpo descansou na infancia!
 Sacrario de pureza, onde só flôres
 A vida nos perfumão de fragancia!

Amei-te mais que o cóllo d'essa virgem,
 Qu'embalou-me em criança, minha irmã!
 Amei-te mais que as flôres do jardim
 Onde a vida sorrio-me na manhã!

Vi teus dedos mimózos percorrerem
 D'um piano o teclado de marfim!
 Echos de amôr soárão-me no peito....
 Fiquei louco, meu Deus, fóra de mim!

Vi-te á sombra fagueira em hóras mortas
 Pairar sobre o meu leito de solteiro
 Vi-te em sonhos doirados, côr de róza,
 Unir teu peito ao meu, sende o primeiro!

Longas noites de insomnias e de vigalias
 Passei sentado juncto á meza, aqui!
 Vinha-me á fronte tua imagem casta;
 Mulher divina, só pensava em ti!

Vi-te sempre, meu anjo, qual eu vejo
 Quotidno alvorecer, trevar-se o poente;
 Vi-te sempre, qual vejo á tardezinha,
 Sobre um céo d'escarlata, o sól cadente!

Vi-te sempre, qual vejo das montanhas,
 Em fria noite, o divagar da lúá;
 Eu vi-te sempre, como vejo sempre,
 Meu peito palpitar por culpa tua!

Nas quentes noites d'escaldada febre,
 No revolver-me ás tontas no meu leito,
 Entre aureas nuvens, distinguia á furto,
 Um semblante de virgem sobre o peito!

Pallida fronte desbotada e langue
 Semi-mortos esgâres me lançava.
 Moribunda sereia, que a procella
 Em crespos vagalhões amortalhava!

Amei-te muito! — No painel das virgens
 Foste aquella que mais me fascinou!
 Amei-te muito! Dar-te-hia c'rôas,
 Se p'ra dar-te tivesse-as quem te amou!

Tanta sêde de amôr, tantas loucuras. . . .
 Tantas noites de febre delirante!
 Nem um olhar se quer, em recompensa;
 Me dêste agradecida, um só instante!

Sempre vi-te de gêlo, e a indiferença
 As fibras de teu seio resfriar!
 Jámais, mulher, teu corpo estremeceó,
 Quando de amôr ouzáva te fallar!



Eu vi-te.

Eu vi-te; era á tarde; na relva macia
 Teu corpo jazia n'um doce abandõno;
 Eu vi-te; era á tarde; soprava uma aragem
 Por sobre a folhagem; morrias de somno!

Eu vi-te o semblante tão meigo, e de amôres
 Senti de furôres meus seios arfârem;
 Eu vi-te, tão virgem, teus olhos pezados
 De somno agitados s'erguerem, fecharem!

Eu vi-te; e, contente, só tinha um desejo,
 De dar-te um só beijo, na face, á sonhar!
 De longe te olhava; de mêdo tremia
 Da noite, que eu via teus seios gelar!

De todo fechaste teus olhos de virgem
 E doce vertigem meu corpo abalou!
 Senti no meu peito ferver um suspiro.
 « Meu Deus, eu deliro » meu labio expressou!

Dormiste, meu Anjo; volateis cantores
 Com doces rumôres teu somno excitavão!
 Nos braços gigantes do Deus somnolento
 Ao frio relento teus ais se orvalhãvãõ!

Eu vi-te; e n'um meigo, tão surdo gemido,
 Com um doce ruido, tua bocca se abrir;
 Corri de mansinho; voei pela relva.....
 Qual serpe que a selva procura attingir!

Meu Deus! que doçura! — Que somno profundo!
 Quem sabe si o mundo, dormida, esqueceu?
 Com um beijo a desperto; subtil sensitiva
 Que mão fugitiva lhe o viço sorveu!

Mas ai! que a avezinha que os ares retalha
 Um grito de grallia te solta aos ouvidos!
 De susto estremeces... acordas gelada.....
 Que a briza orvalhada te humecla os vestidos

E a noite, em seu gyro, das trevas rainha,
 Tristonha caminha, conviva da morte!
 E a pallida virgem que a briza esfriava
 A relva deixava, correndo sem norte!

Lá fóge a lindinha com as tranças ao vento
 Que entoa um lamento, zumbido agoureiro!
 Lá fóge a lindinha; de susto tranzida;
 Lá dobra a avenida, n'um passo ligeiro!

Lá fóge a lindinha; seus membros 'stão frios!
 Vae trilhos esguios, sem folgo, abrindo;
 Lá fóge a lindinha; meu beijo ella o leva,
 Formóza qual Eva —da serpe fugindo!

Lá vae, meu anjinho; seus passos se apressão;
 Meus olhos não cessão de vê-la correr!
 Lá foi-se; sumio-se; morreu-me a esperança,
 De ver, de bonança, meu astro se erguer!

Um Anjo do Céu!

E' bella, como a flôr que nas campinas
Exhala o nectar puro da ambrozia;
E' linda, como a virgem que o poeta
Tem traçado na sua phantazia!

E' pura, como a lúã q'entre nuvens
Váe mostrando seu rosto senhoril!
E' casta, como é casta uma vestal;
Estrella de luz pura — em céos de anil!

E' simples, como a virgem que nos prados,
Descuidoza de amôr, vive contente;
Que teme a vista esbelta do mancebo
E o coração do poeta, fôgo ardente!

E' sua voz—harmonias que no Olympo
Em harpas d'oiro os serafins entoão!
Tão sentida, tão meiga, e tão cadente,
Que os corações mais bárbaros magoão!

E' seu terno suspiro tão sentido
Como o canto do cysne á Eternidade!
Seu olhar!... ó meu Deus! não sei pintar
Como os habeis pinceis da ultima idade!

E' meiga, como a rola que nos bosques
Innocentinha folga entre verdôres!
Ingenua, como os brincces que na infancia
Encerravão meus unicos amôres!

Na vida, sim, é ella o Pallinuro
Que me guia o barquinho da esperança!
Um meigo olhar, um rizo de seus labios
Dá-me á vida mil sec'los de bonança!

E'—a nuvem rozada que me occulta
Dos punháes da desgraça e desventura!
E' a lucida luz que as sombras rasga
Do céu do meu porvir—a sepultura!

E' de magia um quadro sublimado!
E' das obras de Deus a mais galante!
E' do céu de minl'alma, entre as estrellas
A estrella para mim mais scintilante!

A' um Vigario.

De luvas côr de canario,
 Passeia um Padre Vigario,
 De bengalinha na mão;
 Falto de vista, a luneta,
 Adorno d'alta etiqueta,
 Traz pendente ao coração;

Como um rosario benzido
 Nas áras do Deus-Cupido!

Do lenço branco rendado,
 Vê-se no centro marcado
 Um verso em letra machúcha;
 Deu-lh'o a velha penitente,
 Mas se gába que é presente
 D'uma menina gerducha:

N'um becco asquerôzo e escúro
 Cobrindo um franguinho síro!

Quando ao baile, vae não cança
 De arrastar os pés na dança,
 Como um pato abrindo as azas!
 E depois, cáe nas orchatas,
 Da goiabada nas latas,
 Fazendo sózinho as vâzas!

Excommungando os meninos
 Que bolem nos doces finos!

Quando a walsa toca a orchestra
 Se está n'alguma palestra
 De guapas moças mettido,
 Voa logo o Cupidinho,
 A' ver se encontra um parzinho
 De algum rôe corda esquecido!

E' feliz qu'encontra um par
Que o faz na sala voár!

Se vai pregar um sermão
Quer logo a esmola na mão,
E o pão de ló pr'a o afilhado;
E assim o Padre Vigario,
Que nunca lê Breviario,
Vai vivendo endinheirado!

Sem se lembrar que a barriga
Da bolsa franca é amiga.

A barriga? Ora essa é bôa...
Que vá passando com brôa;
Jejúe... seja christãa!
Barriga cheia e pezada,
E' uma horrivel massada,
P'ra quem só dança o kan-kan;

Batendo os pés no assoalho
Como um pica-páu no galho.

Assim vai vivendo á alheia,
A' custa de farta ceia,
O gordo Padre-Vigario!
Sem lh'importar a leitura
Da antiga e velha escriptura;
Sem ler o seu Breviario!

Por ser Ministro do Eterno
Não tem receio do Inferno!

Não se fie, vá rezando;
Não cubra a corôa, quando
Fôr no baile namorar:
Ninguem há que desconheça,
Que há, na sua cabeça,
Cabello suplementar!

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



INTIMAS

Saudades de meu Pae!

Quando em mim me concentro e dentro d'alma
Eu sinto flôr por flôr, petala por petala
O jardim de meu peito ir dessecando
Sem o pranto, se quer, regal-o ao menos,
Gemidos roucos solto, suffocados!
Só de um Pae a lembrança me acalenta!
Longe bem longe alteio o pensamento;
Nas rôixas azas da saudade um êcho
De dôr gemido no meu longo exilio
Lhe envio ao menos, pois tem azas, vôa!

Quando em mim me concentro, e pela mente
Mil idéas me paixão pungidoras.
Curvo a fronte, e medito! E um genio amigo
Por sobre mim, fagueiro desdobrando
Branças azas ligeiras, vem-me um nome
No cerebro acender letra por letra!
E, como uma Iris multi-côr d'esp'rança,
Fazer cessar as tempestades d'alma!

Esse nome sancto que o meu genio
Em aziagas horas imprensou-me
Na fronte afflicta, gemedora e triste,
Que eu vejo erguer-se venerando e grande
Nas mornas noites que o pensar m'esmaga.
Qual Gigante Babel romper-me o cranco.
E' teu nome, meu Pae, que adóro tanto.

Como a raça pagã curva os joelhos
 Em oração suprema ao só nascente,
 Como se adóra a Deus, de mãos erguidas,
 Olhos fundos no Céo!.. Como os suspiros
 Amão a flôr dos labios dos que soffrem....
 Taça-de fêl amargo que se entorna
 Que se evapóra ao menos.... Como a raça
 Do paganismo eu sou! Só sempre claro
 Sem sombra, e sem penumbras, tu me guias;
 Eu me ajoelho; e em mim lanças teus raios,
 Quentes raios de amôr paterno e doce!
 Como se adóra á Deus, te adóro e muito!
 Santo amôr de meu Pae, não me abandones!

Tu me dêste a existencia, e no materno
 Tão casto seio viste-me sorrindo
 Junto á meu berço, eu cria-te um luzeiro
 Uma estrella brilhante, de luz cheia
 A' me aclarar o tecto de meu leito,
 Meu cyrio sacrosanto!
 Qual flôr tenrinha que o botão desata
 A's vistas caras de cultor zelôzo,
 Cultor tu foste assim de minh'infancia!
 Tu me dêste a existencia; á que affanozos
 A' qu'immensos trabalhos te has curvado?!
 Ha tantos annos cultivando um solo,
 Cuidozo e disvellado, o que has colhido?
 Espinhos, parasitas, rudes çarças!

E prosegues ainda? As cãns te alvevão
 Na fronte calva; teus serões de artista
 Vão te apoucando a vida! A morte branca,
 Subtil espectro que só traja luto,
 Porque de noite a sombra e o luto irmanão.
 Na tua banca pouza o vidro cheio
 Do secante da vida, areia mobil
 Que em um fio escorrega desprendido,
 Do fino coador ligeiro e p'renne!
 Matando as gerações, ceifando as flôres
 De existencias louças!

Dos ternos laços de um amor segundo
 Fui seu unico fructo vividouro!
 Tenra vergontea teu altivo tronco
 Da morte a tempestade entre trovões
 Decepou-lhe metade!

Minha mãe succumbio! Meus tenros passos
 No raiar da existencia tropeçarão
 Em um tumulto aberto!
 Minhas faixas de infante, vi tão cedo
 Na negra tinta de funereos tumulos
 S'insopãrem de todo!
 Minha mãe succumbio! Nas faces pallidas
 No marmor frio dessa dextra amiga
 Que eu via, oh! tantas vezes me afagando
 Da fronte meninil—tão carinhoza,
 Me affastando os cabellos!
 Na dextra amiga; nas geladas faces
 Colei meus labios sem temor e mêdo!
 Minha mãe succumbio! Com a fouce aguda
 Os deleterios tempos me apagando
 Forão da fronte seus formozos traços!
 Perdi-os todos; foi-me um sonho a vida
 Nos meus primeiros annos; sonho horrivel
 Por mil vizões de espectros perturbado!

Só tu pois me ficaste! Santo arrimo
 Bastão de viajor, fonte de vida,
 Doce orvalho do Céu, que me unge a fronte,
 Santa unção de meu Deus, que me unge os olhos
 O coração e a fronte! Me abre os labios
 Supplices, doces em canções divinas!
 Meu pê recia do encoberto abysmo;
 Me affasta a mão do aspide venenôzo;
 Faz-me vêr o futuro envolto em nuvens;
 Dá-me as vistas do lince; e da sciencia
 Me aponta a estrada immensa, areenta e triste
 A' mim pequeno vulto, onde gigantes
 Em meio canção, de cansaço expirão!
 Aonde a agua é cicuta, a flôr veneno;
 Quentes raios do sol fogo insoffrivel;
 Aonde cada bosque é um Paraizo:
 Em cada arbusto um fructo prohibido.

Só no céu de minh'alma uma estrellinha
 Eu vejo scintillar,
 Essa estrella me alenta, á luzir sempre
 E sempre á me animar!

Aos olhos cegos um pharól suspenso
 Eu sinto me aclarar!
 Sempre suspensos, radiantes sempre
 Me excita á caminhar!

Na longa vida qu'eu carrego ermando
 Nesta terra de exilio;
 Um nome apenas me suffoca o tedio,
 Me suspende o delirio!

Um braço amigo, lá dos céos pairando
 Me abencôa e bemdiz;
 Me faz detter á borda dos abysmos
 Me ensina á ser feliz!

Essa estrella luzente que fulgura
 Cá nos céos de minh'alma;
 O suspenso pharól que me aclarando
 Me faz seguir com calma;

O doce nome que no longo exilio
 Tenho prezo na mente,
 Que o tedio me suffoca, e os meus delirios
 N'um sonhar tão fervente;

O braço amigo que atravessa o Atlantico
 Qual iris de bonança,
 Por sobre os Céos qual fita multi-côr,
 Minha arca de alliança;

Que sobre a fronte me depõe grinaldas
 De mil bençãos tecidas,
 Que faz-me, errante, suspender á borda
 De fauces denegridas;

E' meu Pae, tão sómente, que no mundo
 Me derrama venturas;
 E' meu Pae á quem hoje eu toço um hymno
 E canções de ternuras!

E meu Paé qu'entre as suas, carinhôzo,
 Me sustinha as mãozinhas para andar!
 E' meu Paé, que primeiro as mãos ergueu-me,
 Qu'ensinou-me á rezar á Deus no altar!

.....
 E tu, ó minha Mãe, perdôa ao filho
 Se aos manes tristes goivos não te lança;
 Dormes ao som de angelicas choréas;
 Juncto ao throno de Deus hoje descança!

Acolheu-te, o Eterno em seu regaço,
 Nas dobras santas do seu manto azul;
 Lá, n'um throno de nuvens tu dominas,
 O mundo inteiro desde o Norte ao Sul!

Tu lá vives, risonha! Tens por leito
 Molles tapetes das Elyseas flôres;
 Ao casto ouvido tangem-te os archanjos
 Nas aureas lyras cantos de louvôres!

Cercão-te a fronte os fulgurantes raios,
 Que circumdão á Deos n'um brilho immenso;
 Virginias filhas tecem-te grinaldas,
 Cohorte d'Anjos te derrama incenso!

Goivos não te desfolho: são profanos;
 Da lyra os échos não t'os dou,—perdôa;
 Meus incensos se perdem, não te alcançao,
 Da terra aos Céos minh'harpa não echôa!

.....
 E tu, meu Paé, recebe de meu peito
 Um ai de soledade!
 Não te esqueças do filho, que exilado
 Definha de saudade!

Minha Mãi

D. Alexandrina de Menezes Drumond.

Passaro errante que emplumou nos ares,
Que o corpo seu não viu no qu'rido ninho
Vigorar e crescer. Sem mãi... sem trinos...
Sem canções da manhã... sem doces carmes!
Passaro virgem sou d'osculos maternos,
Dos cantares macios da floresta,
Do quotidiano alimento, implume ainda.
Passaro virgem sou... passaro errante,
Que por não ter na terra asylo amigo,
Corre, vága no céu, sacode as azas,
Quer nas nuvens achar aéreo ninho!

No mundo existo! alguém lançou-me, eu creio
Mas alguém que eu não sei; não vi; só sinto!
Chaga de viva dôr, abutre indocil,
O coração m'estraga, e me diz: « Soffre!
« Teu soffrer é sem fim, como os tormentos
« De Tântalo e Sysipho! Vai soffrendo,
« Qual heróe do martyrio, as fundas dôres
« As dôres da agonia!... Mãi se tive,
Bem poucos beijos me encostou nas faces...
Bem poucos dias me nutrio de leite...
Bem poucas vezes me embalou no berço!

Contava-me meu Pae qu'ella era loira,
 Que no caixão cortou-lhe as tranças moças
 D'ouro polido, e qu'inda as guarda hoje ;
 Que ella era linda, e que nos olhos tinha
 Desses fogos azues a côr phantastica
 Qu'em vapôres subtis s'erguem dos lagos!
 Bella côr que ás deshoras nos sepulchros
 Semelha á luz de estrellas, quasi extincta,
 Que cahindo do cêo pouzão nas campas
 De luz banhando-as, azulada e fátua!

Pobre filho qu'eu sou! Vivo n'um ermol
 Orphão de affectos della que em seu seio,
 Sent me aquecer morreu! Levando as faces
 Puras d'oscuros meus, e a flor da vida
 Em botão semi-aberto... inda era moça!
 Flor da vida plantou-a nos canteiros
 Dos seus novos jardins d'outra existencial

Inda outr'ora um consolo eu tinha ao menos!
 No dia dos finados para a Egreja
 Do Senhor Bom Jezus da Via-Sacra
 Meu Pae pela mãosinha me levava
 D'olhos chorozos, taciturno e triste
 A' vizitar as urnas dos Irmãos,
 Lacrymatorio doce dos parentes!
 Meu Pae inda era moço! Fundas rugas,
 Sombras de dôr, grinaldas de pezares,
 Revelação do genio, que na fronte
 Pouza do artista, que medita, absorto,
 Burilando na mente idéaes sublimes
 Eu contei-as, olhando-lhe p'ra o rosto!

Qual asphaltito mar, qual negra Stygia,
 Coeyto escuro d'aguas paludozas,
 Se el vando e abattendo em grossas ondas,
 Me parecia o povo que de lutto
 Se ajoelhava em frente d'esses cofres
 De mortas affeições, de cinzas brancas,
 Que s'erguia saudozo, e soluçava,
 Que, saudades trançadas em corôas,
 Nas cruces dos sepulchros pendurava!

Todos choravão ! — Só meu Pae á um canto
 D'esse triste recinto de suspiros,
 Sansão de angustia a columna do seu templo
 Com as mãos ambas no peito segurava :
 « Vem cá, meu filho, vámos ver tua Mãe
 « Minha espôza querida que há dez annos
 « Orphão deixou-te, e a mim ! Vem ver-lhe o esqúleto,
 « Vem beijar-lhe a caveira... ao menos isso!
 « Eis o que d'ella resta ! — óssos desfeitos!

« Diz a historia que alguns heróes houverão
 « Que dos templos imagens saqueavão
 « Que as fazião em pó, que as destruíão! . .
 « Iconoclastas vis outr'ora houverão!
 « Não tão vis como o Tempo, e deleterios !
 « Isto que vês aqui... ossos apenas
 « Um corpo de mulher compôz bem lindo :
 « Face branca, cabello loiro e crespo
 « Por bem lançados hombros se espalhavão.
 « Amei-a muito ! Si eu não chóro agora,
 « E' que meu coração soffre bastante !
 « Já não tenho mais lagrimas p'ra dar-lhe !
 « Vem beijar-lhe o esqueleto ! Ao menos isso !
 « Isso que apenas d'ella hoje te resta ?

Alta ia a manhã ! Poucos devotos
 Junto de nós oravão nos sepulchros!
 O Pae e o filho, sua Esposa e Mãe
 Lá deixarão ficar! — Seu filho a chóra
 De tão longe onde está, onde hoje vive!
 Já que o tumulto não póde ir-lhe enfeitando
 De frescas flores, de perpetuas roixas
 Na polida fronte da caveira um beijo
 Ungido de respeito e d'almo affecto,
 Depozitar choro... ao menos dá-lhe
 Um canto, uma oração fervente e doce,
 Hymno sagrado que seus labios benze
 Que da boca lhe faz uma harpa Eolia.

Meu Irmão!

Zeferino de Menezes Gomes Ferreira.

Era ainda botão a flôr da vida
 Marchou... foi só de mais!
 Também no céu a estrella accende o brilho
 Scintilla e se desfaz!

A' sombra do cypreste a campa é negra,
 O goivo nasce rôixo!
 E os solitarios ramos só lh'enverga
 Desabrigado môcho!

Deixa qu'eu seja um môcho que o cypreste
 Cubra de sombra agora!
 Deixa que um pranto de affeição te verta;
 E' teu irmão que chora!

As auróras da vida durão pouco,
 Gottejão pouco orvalho!
 Canta um momento o cysne e apoz o canto
 Na morte aela agazalbo!

Pobre moço!—Sorrio-te uma criança
 Nas vespas de morrer!
 Flôrzinha de saudade que deixaste
 Sobre o tumulo á crescer!

Deixa qu'eu dobre meus joelhos juncto
 Ao teu marco da vida!
 Deixa que a fronte que se abrasa, esfrie
 Nesta pedra polida!

Deixa-me.... Eu fico aqui á sombra escura
 Deste cedro sentado!
 Quero, á luz das estrellas, vêr das campas
 Sahir fôgo azulado!

Dorme.... dorme, ó Irmão, que eu vélo ainda,
 Mas não me dóe morrer!
 Cá bem fundo, no peito, plantei goivos
 Que eu já sinto crescer!

E tu, tão moço ainda! D'azas curtas
 N'um vôo tão comprido....
 Patativa de Deus, dentro das nuvens
 Foste alçar teu gemido.

Heide chorar-te, Irmão; sonhar-te vivo....
 Encarnar teu esqu'leto!
 E nessas noites de um luar vermelho
 Has de ser meu Hamletto!

Adeus!—Do fundo deste lodo acceita
 Esta triste oração!
 Gravo o teu nome aqui, triste lembrança
 De que morreste, Irmão!

Meu Filho !

Quando (se a Morte não levar-te ao collo)
 Ao som de hosannas dos Anjinhos loiros
 Que junctos brincão desfolliando flôres
 Com as mãos gordinhas derramando incenso
 Quando meu filho na infantil idade
 Dos brincos futeis de criança viva
 Tu já soubéres do teu nome as letras
 Soletrar e escrever.... quando, meu filho,
 Travêssos fôres remecher-me a estante
 Meus livros folhear, volver ás tontas;
 Entre elles has de achar um livro amigo;
 Uma flôr já mirriada de poesia,
 Qual a malva que a moça deo ao amante,
 Que no livro de estudo sêcca a um anno!

Filho! eu sagro-te aqui meus cantos puros
 O que há puro no mndo aqui te offereço;
 Grinaldas brancas de campestres rózas,
 Saudades brancas de um jardim de moça,
 Eu deponho em teu berço; aceita a offrenda.
 Pobre o filho dos Ermos n'um rochêdo
 Vivia á beira-mar! Passou-lhe um dia
 Camponeza gentil com a trança ao vento,
 Salpicada d'orvallio e os pés descalços!
 Ia forte o Inverno. Os troncos seccos
 Das duras crostas rebentar não qu'rião
 Um renovo se quer! Orphãos de flôres
 A ribanceira e a encosta e o prado estavam!

E a camponeza olhou... o céu sem côres...
 E o mar battia desigual nas praias!
 Do Ermo o filho retorcendo os dedos
 E os braços nús cruzando sobre o peito.
 Abraçando um suspiro.... ajoellhou-se.
 E a camponeza foi... passou sorrindo,
 Triumphou da estação... não teve flôres
 Mas um voto de amôr n'um ai gemido!

E assim tu me vês!.. Orphão de flôres,
 Meu jardim de poczia murchou cedo!
 Vai-me o Inverno tambem do peito as fibras
 Me envelhecendo aos poucos, tão depressa.

Hoje eu sou como o pobre filho do Ermo
 Nada tenho p'ra dar-te! Aceita um canto,
 Um joellto no chão juncto ao teu berço,
 Um suspiro de amor paterno e doce!

Teu Pae, meu filho, é moço, inda arde em fogo
 Inda tem um vulcão dentro do peito
 Que nas horas da dôr comprime afflicto
 Quando mais a cratera vae se abrindo!

Teu Pae tem coração, meu filho, e é delle
 Que tu verás brotar almos conselhos
Orações de mulher... preces sublimes...
 Cantos de rolla que perdeo seu ninho,
 Teu Pae tem coração; és fibra delle!

Cresce... cresce, meu filho! Dá-me as mãos
 Firma na terra teus pèzinhos curtos...
 Vem soletrar comigo estas palavras!
 Espera! é cedo!—O berço inda balança!
 Não te encommodes, não... meu filho dorme!
 Dorme! Este livro tu lerás.... mas quando?

Dorme, ó filho de Deus! E' cedo; espera
 Deixa a lua crescer, mingoar nos céos,
 Deixa que o tronco seque, e o orvalho caia
 Na gramma extensa qu'esmeralda os campos
 Deixa que o lago augmente ou seque as agoas,

Que o pobre esmolle sem achar piedózos,
Deixa teu Pae morrer!—Se fôres vivo
Dá-lhe um beijo na campa, abre este livro
E lê, attento, ao menos, esta folha!

Nunca em desejos me gastei, nem preces
Fiz de mãos altas, implorando um filho!
Nunca um anseio libertei do peito
Só por não vê-los á seguir meu trilho!

Nunca, ó meu Deus! illuminei-te a fronte
Com um cyrio bento no oratorio teu!
Nunca pedi-te de joelhos curvos
Que me arrancasses o socego meu!

Nunca, meu Deus! e sem pedir... m'ò deste
Bemdicto seja o vosso mandamento!
Tenho hoje um filho qu'è rostinho d'anjo
D'olhos d'estrella em limpo firmamento!

Dous corações, meu Deus, se amarão muito
Bebêrão junctos o anôr e a esperança!
Como é lindo, meu Deus, um céo d'amôres,
Como é doce um vagido de criança!

.. .. .

Em quanto o berço balançar teu corpo
Dorme, meu filho; não te acordes, não !
O louro Archanjo que te guarda é firme
Tem forte o braço de um audaz Sansão!

Has de crescer meu filho, e no teu peito
Verás talvez brotar cecém divina!
Ou quem sabe si goivos, flôres murchas
Quando a dôr do poeta a lyra afina!

A lampada do estro dá mais brilho
Dá luz mais pura quando o oleo é fino,
Abraça o harpejo doce dos teus cantos,
Nunca compouhas prostituto hymno!

Pobre criança! Eu sei! Há vallos fundos.
 Bellos coxins que o sól nunca esquentou!
 Sei que a luxuria da mulher perdida
 Só a luz da orgia dos festins brilhou!

Há brancos leitos onde a flôr do pejo
 Sonha noivados n'um abraço impuro;
 Mas quando o calix quer abrir a auróra:
 Vae alta noite, e o firmamento é escuro!

Pobre criança! Eu sei! Ha vasos d'oiro
 Onde o buril adoça o fêl contido!
 Mas nos faltão as Hebbes d'esse Olympto
 Aonde o nectar doce era bebido!

..... ..

Vive e cresce feliz! Se a fronte moça
 Virgem de rugas te pezar na mão,
 Não maldigas de mim... verte o teu pranto,
 Ergue os olhos á Deus!... linda oração!

Perola pura de profundos máres
 Tu devias brilhar de um brilho santo,
 Mas o mundo, meu filho, deu-te lagrimas,
 Mollhou teu talisman de ardente pranto!

Deus quiz porém que a perola escolhida
 Fosse cair na bava da serpente!
 Tu foste a flôr qu'em doces seios lindos
 O amor orvalhou de orvalho olente!

Volver d'olhos.**A' H. D. M. S.**

Inda te lembrás dos passados dias
 Em que de amôres definhámos tanto?
 Inda conservas bem lembrados n'alma
 Doces olhares que nublou teu pranto?

Não te esqueças Herminda, ama esses dias ;
 Ama as noites em que d'amôr fallámos ;
 Nunca deixes de amar-me com disvellos,
 Disvellos com que a vida embellesámos !

Nunca esfria o amôr; embóra os Tempos
 Arrastem no correr mil negras dôres !
 Não me deixes, Herminda; enche teus seios,
 Guarda meu nome qual bouquet de flôres !

Não me desprezes, não. Inda estou môço ;
 Meu amôr é botão qu'hontem se abriu,
 Não me firas de tédio; abre-me os braços ;
 Herminda, Deus no Céu p'ra nós sorriu !

Vês? — lá no alto... nesse azul tão longe
 Tão largo, immenso, que estrellado céu !
 Lá nos brilha a esperança bem no centro,
 Péde á Deus que a conserve assim sem véo !

Vês?—lá no campo os cordeirinhos brancos
Podem viver a vida inteira assim!
São seus amôres transparente lago...
Varzea estendida que procura o fim!

Este exemplo é mesquinho; é bello apenas;
Deus formou-nos mais bello o coração!
Sê-me firme; e com a morte iremos junctos
Ao nosso Deus erguer uma oração!



Tanto soffres!?

Tanto soffres, donzella! — És anjo... basta!
 No mundo has-de soffrer!
 Planta mimoza n'um paiz selvagem,
 Crescida ao sôpro de ceeste arageir,
 Sem sciva, has-de pender!

Em terras bravas só vicejão cardos
 Morre em flôr a cecêm!
 No mundo os anjos se desbotão cêdo-...
 Suas azas tremem de receio e mêdo-...
 Que o mundo horrôres tem!

Não chóres cá na terra! — Prantos d'anjo
 Não gerão crocodilos!
 Deixa á mulher de carne o pranto ardente,
 Deixa os seios rasgar... vae tu, contente
 Junto á Deus consumil-os!

Sim! Que os anjos no céu não chorão tanto,
 E si chorão, de Deus, no azul do manto
 Solução sem ruiôr!
 Mas, si da terra és filla immaculada
 Alcança nuvem linda — auri-rosada —
 E sóbe ao Creador!

Não tardes! — Sobe! sobe! olha no mundo
Has—de vêr um abysmo escuro e fundo
Com a bocca a se rasgar!

Não te chegues p'ra perto... olha a vertigem,
Affasta os olhos. que a grinalda virgem
No abysmo póde tombar!

Não chores cá na terra! — Prantos d'anjo
Não gerão crocodilos!

Deixa á mulher de carne o pranto ardente,
Deixa os seios rasgar... vae tu, contente
Juncto á Deus consumil-os!



Lê!...

E' nosso amôr um laço que se aperta
 Mais forte.. forte.. com doçura e enleio!
 Não ha na terra mãos que o desafrouxem
 Meu Deus, meu Deus, eu creio!

Loucos amantes qu'insensatos julgão
 Que é bella a vida desperdiçando amores!
 Seguem com os olhos corredôra estrella.....
 Borboletas nas flôres!

Canção; e um dia que o futuro aponta
 Para lhes dar aos sonhos um c'lorido,
 Tarde... qu'importa! chegará sem luz
 Nublado e amortecido!

Assim não somos nós; hemos plantado
 Em nossos corações esp'rança e fé!
 Hemos traçado um alvo no futuro....
 Que Deus sómente vê!

Na vasta immensidade destes mundos
 Vale um ser para mim mundos dobrados!
 Ferem meus olhos tão sómente um ponto
 E ahi ficão pa... ra... dos!....

A' meu sincero e leal amigo

O Sr. Dr. Americo Brasilio de Campos.

Se eu fosse poeta, se a Muza inspirada
 Brotar me fizesse na mente um vulcão,
 Enchendo de fogo meus labios, um hymno
 Nas cordas da lyra farte-hia oblação!

Se o bardo sombrio cantando o seu Fingal,
 Oscar malfadado, seu lyrio innocente,
 Se o velho chorôzo da Escossia gnerreiro,
 A fronte me ornasse de um louro fulgente,

Se o Lord—Poeta— cantor dos sombrios
 Dos tristes retiros de um Loch na Garr,
 Seu berço de infancia, que ouviu-lhe os vagidos
 Correndo entre as rochas de manso á echoar;

Se o filho do mundo qu'arvora o estandarte
 Por sobre os seus mares abrindo-o orgulhozo,
 Um som de sua harpa nas azas da briza
 Mandasse em minh'harpa pousar sonorôzo;

Feliz eu seria; tecera-te um hymno
 Bem santo, querido, bem puro e leal;
 Grinalda singela de fiôres silvestres
 Do meu puro peito colhidas no val!

Pobre filho do exilio! Não me é dado
 Chegar meus labios á Castalia fonte,
 Maltar a sede, saciar-me nella!
 Pobre filho do exilio! Não me é dado
 Erguer da terra meu rasteiro vôo
 Galgar nas azas o Parnazo altissimo!
 Do collo airozo das Irmãas de Apollo
 Um momento, siquer, pairar em torno!
 Tenho as azas quebradas!

De longe, de mui longe avisto apenas,
 Qual dentre as vagas a Jovina filha
 Toda brilhante de belleza e graças,
 Lá, das torres do céu, entre aureas nuyens,
 Purpureas, brancas, escarlate e azues,
 Erguer-se um Templo, um outro Paraizo!
 « E' o Templo das Muzas » diz-me o Bardo!

Pobre filho do exilio! Por que tentas
 Teu vôo imbelle erguer para o impossivel?
 Fecha as azas mesquinhas!

Não posso! E' mero o esforço: é vão trabalho!
 E' querer descambar d'etherea altura!
 E' rojar-me no barathro insondavel
 Da minha pequenez!

Ai da rolinha, que na varzea amena,
 Nos simples arrozaes vivendo alegre,
 Timida o vôo apenas ensaiando,
 Quer, louquinha, encontrar a fortaleza
 D'Agua soberba, nas azinhas curtas
 Que a natureza fez de seda frouxa
 Para esconder a cabecinha linda,
 Quando o bosque simelha um tumulto verde!
 Quaes os humildes vôos da rolinha.
 São assim os meus vôos de poeta!
 Porque subir mais alto, si eu conheço
 Que é temerario o passo qu'aventuro?
 Porque deixar meu bando, humilde grelha
 Buscar alheio ornato, e, empavesada,
 Ir no grupo formozo confundir-me?

Esse thezouro de Apollo
 Enraizado no solo,
 Que derrama melodia,
 E' vedado á mim, que só,
 Qual verme, vive no pó,
 Despojado de harmonia.

Tu sim!.. Mancebo, corágem
 Segue incessante a romágem;
 Corre: á galgar o Piério!
 Tu sim; lá podes entrar;
 Aureas lyras dedilhar
 No recinto d'esse Império.

Mas eu que bem reconheço
 Da minha lyra o apreço,
 Do meu estro a pouca flamma;
 Eu que, d'orgulho despido,
 Qual de vestes é Cupido,
 Menino que á todos ama;

Não lançarei no olvido,
 Não ficarei esquecido
 Do teu sonoro canto,
 Que me offertaste, tão cheio
 De um tão doce devaneio.
 Nascido de um peito santo!

Recebe, pois, mancebo um testemunho
 Ao teu engenho;
 Oh! não foi igualar-te em melodia
 O meu empenho:
 Só dar-te provas de um affecto immenso
 O meu desvelo;
 E prender á cadêa da amizade
 Mais um elo!

A' minha Irmãa!

Si é bello e doce no volver da tarde
 Vêr a avesinha
 Buscar nas grimpas do carvalho annôse,
 Qual andorinha,
 Que abrigo busca, e morada incerta,
 A' noitesinha,
 Seu tenue alvergue nos virentes ramos
 Innocentinha;

Si é bello e doce no volver da Auróra
 Vêr a estrellinha
 Tão linda, envolta no vapor delgado
 Da nuvemsinha,
 Quando almo dia com seus fulgôres
 Já se avisinha,
 Fanar seu brilho tão tremulante
 Pallidasinha;

Si é bello e doce vêr a açucena,
 Tão niveasinha,
 Em verde calix, linda, á embalar-se
 Na hastesinha,
 Alçar a fronte com gentileza,
 Bem qual Rainha,
 E vir a briza com sópro impuro,
 Ai pobrezinha!
 Juncar a terra de niveas flôres,
 Ah! coitadinha!

Si é bello e doce vêr-se nos prados
Triste rollinha
Com meigo arrullo buscar seu ninho,
A' tardesinha,
E sem consorte viver nos bosques
Oh! tão sosinha!

Mais doce e bella tem mais encantos
Tua bondade;
Oh! minha Irmã teu peito abriga
Só castidade;
Tu és archanjo, tú és emblema
De virgindade;
Teu peito exhala doce ambrozia
De piedade!

Imitação

A' Zeferino de M. Gomes Ferreira.

Si eu morresse amanhã, essa perjura
Ornára a trança da mais virgem flôr;
Si eu morresse amanhã... mais um trophéo,
Mais um louro offertado ao Deus de Amôr!

Si eu morresse amanhã, ave de agouro
Com as negras azas me toldára o céu;
E um raio morno d'um luar de inverno
Brincára frio no sepulchro meu!

Si eu morresse amanhã, que de milhares
Nesse alpendre de Amôr achára abrigo;
Si eu morresse amanhã, novas grinaldas
Um novo amante lhe offertára, amigo!

Si eu morresse amanhã, negro phantasma
A' tardas horas lhe surgira ao leito;
Braço d'espectro lhe esmagára o cráneo;
C'roas de goivo lhe atirára ao peito!

O sangue lh'eu sorvéra; e os frescos labios
Num beijo de possesso os desbotára;
E em posto infame o corpo da lourcira
Aos cães da praça, eu, soffrego, arrojára!

Si eu morresse amanhã, meus sonhos ledos....
Meu laurel de poeta murcharia!
Virgens que ámei, serpentes enganosas,
Com asco e tédio á plebe lançaria!

Meu aureo talisman rojei no lôdo;
Condôr de amôres baqueei n'um lago!
Sonhei, descri, á borda do sepulchro,
Quero o Lethes sorver n'um longo trago!

Desesperança !

Gratos, bem gratos da infantil idade
 Meus sorrisos já forão n'outros tempos;
 Castos, bem castos, quaes da rolla os trinos,
 Já pulsárão meus seios! . . . Tive amôres! . . .
 Cá bem dentro de mim, no fundo vaso
 Das doces emoções, fiz votos puros;
 Abri meu coração dorido e enfêrmo
 Em noites de verão, aos frescos ventos
 Que á lúá atirão pardacentas nuvens! . . .
 Tive amôres! Sorrio-me a estrella amiga
 Que outr'ora me prendeo do berço a cupula!

O qu'heide eu hoje esperar? Dôres sómente!
 Moribundo de amôr, vou definhando;
 A's raivas da paixão entrego as forças;
 Já sumidas vizões enchem meu peito,
 Onde não vejo mais em sonhos lindos
 A bocca da mulher, que amei devêras.
 Em minhas faces vir pousar, rosada!
 Já não respiro o procurado arôma
 Que os seus cabellos soltos entornavão,
 Que perfumou-me o travesseiro um dia,
 Sempre em sonhos, meu Deus, na febre ás vezes!

Oh! que amôres qu'eu tive! Inda hoje os guardo
 Sem as cêres da esp'rança, lisongeiras!
 Roseira em flôr que o vento arranca, doudo,
 Da terra fresca, rociada e fertil,
 Bem como o Simoúm, meus goivos tristes,
 Myrrhados, sem vigor, d'alento escassos,
 Queimou n'um dia; m'os varreu n'uma hora!

Nunca, meu Deus, achei, d'entre essa turba
 De fingidas mulheres, uma ao menos,
 Que me entornasse um pouco de perfume
 Neste meu coração de amôr vazio!

E são tantas, meu Deus, quantas rozadas
 Polidas conchas do oceano a enchente,
 Prodigas empurra sobre a branca areia!

E são tantas, meu Deus, nem uma, ao menos,
 Das feridas de meu peito condeu-se;
 O sangue m'estancou que jorra affectos!

Oh! nem uma, meu Deus, sagrou-me um canto,
 Deu-me, sorrindo d'innocencia e pejo,
 Um som d'essa harpa virginal dos seios!

Nem uma m'escutou; serpente eu fôra,
 A mulher m'escutára então, submissa!
 Facil, bem facil ser-me-hia, ousado,
 Curval-a á meus caprichos, dominal-a,
 E os olhos lh'eu pejar da luz da astucia!

Meia noite?**A' H. D. M. S.**

Meia noite! meu Deus! é mais um dia
 Que a ampulheta da dôr tem esgotado!
 Já tenho esp'rado tanto! Eu desanimo!
 Eu scismo; eu penso; eu durmo de cansado!

No prado a flôr fenece a mingoa d'agua,
 Ressequida ao calor!
 Eu tambem vou morrendo, e a funda magôa
 Gangrêna o meu amôr!

Meia noute! meu Deus! minhas esp'ranças,
 Meus castellos se abatem, tão singelos!
 Já tenho esp'rado tanto! Eu desanimo!
 Eu soffro tanto: eu sei! Morro de anhêlos!

Minhas rozas de amôr murchão tão cêdo,
 Inda em botão fechadas!
 Que dôr, meu Deus, de vê-las tenho medo
 Na haste debruçadas!

Meia noute! meu Deus! ardem-me as palpebras:
 Me dóe o coração na dôr do aneio!
 Como tarda o meu dia de venturas
 De lhe abrir o roupão, e vêr-lhe o seio!

Já não posso! Sou martyr! Desde a infancia
 Tenho sêde de amar!
 Meu amôr... meu amôr... minha constancia
 Com a morte ha-de lutar!

Nunca affaguei no leito amôr impuro;
 Da orgia nunca o lodo revolvi!
 Minh'alma é virgem qu'adormece em flôres
 Rolinha implume que no ninho eu vi!

Rolinha implume, coração de virgem,
 Sou conchinha do mar!
 Levem-me as ondas na fugaz virtigem
 Eu puro hei-de ficar!

Tão puro como a vi! Desceu das nuvens
 Com a trança ornada de celestes flôres;
 Foi anjo que pousou na terra o vôo;
 Peregrina do Céu, sonhando amôres!

Que frenesi! meu Deus! Sou fogo ardente,
 Vesuvio á estremecer!
 Louco que eu fui de amar quão fortemente
 Meus seios fiz bater!

Quando tenrinho adormecia á noute
 Com os futeis brincos não sonhei si quer;
 Nas acres dôres, no velar d'enfermo
 Nos plumbeos sonhos soletrei—mulher!

Que transição! na infancia há só folgedos,
 Amamos nossa Irmãa!
 Mas logo odiamos infantis brinquedos;
 Soffremos amanhã!

O pampeiro da dôr nos varre esp'ranças
 A morte d'alma nos sorp'hende cedo;
 E quando a vida nos sorri mais bella
 Convivas somos do infeliz Tancredo!

Meia noute! E' de mãis! Eu vou no leito
 Sonhar com seus cabellos!
 Abrir-lhe as tranças, escutar-lhe o peito,
 Arquejando de anhélos!

Esta sêde de amôr quem m'a sacia?
 Um mar profundo eu, soffrego, esgotára!
 Meu amôr é possesso em furia accezo,
 Que na louca vertige o céo galgára!

Vou dormir! Vou sonhar! Goivos myrrhados
 Amanhã colherei!
 Si a morte me acenar d'olhos vidrados
 Amanhã morrerei!

Morrerei! morrerei! Que vale a vida
 Tronco sem seiva que o tufão despio?
 Jardim com flôres que brotárão murchas
 Exhausta fonte que o romheiro vio!

Ella dorme.

Ella dorme no leito! A febre é muita;
 Fogo liquido nas veias!
 Alta a cabeça em throno de almofadas;
 Negras tranças cahidas, debruçadas,
 Sem fitas e sem pèas!

Suas fontes queimam; e as já sumidas faces
 São rozas que murcharão!
 São rozas della que aninhei no peito;
 Que murchas inda seguem-me no leito;
 Tem côr... não descorarão!

Agora ella respira! A vista errante
 Procura abranger tudo!
 Seus labios tremem, se descerrão, collão;
 Seus castos seios no pulsar se enrôlão;
 A' um lado eu vélo mudo!

Mudo! Que as grandes dôres não tem vozes,
 Nem telas nem pinccis!
 Não há arte que as pinte; a mão do genio
 Extremece na tela, e em vez de premio
 Quebrará seus paincis!

Ella soffre, meu Deus! Seu céo d'esp'rança
Quem sabe se nublou-se?
Ainda hontem a vi; no ollhar que lumes!
Nas cheias tranças que subtis perfumes!
Tão cedo ella auzentou-se!

Hoje é statua á ferver! Dentro um vulcão
Vulcão de febre ardente!
Statua, não se move; só respira;
Quando a febre é de mais, pobre, delira
Arqueja docemente!

Spleen e cigarros.

A' quantas heide eu amar? Todas as tardes
 Eu vejo, oh! caiporismo! um ladrãozinho,
 Uma moça delgada, esbelta e fina,
 De roupão meio frouxo e tez morena!
 Um novo encanto sondo-lhe nos olhos.
 Nos seus lindos cabellos sonho aromas,
 Que odalisca gentil deitou nas tranças!
 Me agrada essa mulher ; faço protestos,
 Juramentos d'uma hora á virgem linda,
 Que assim me enfeitiçou! Ensaio um canto
 No mais prompto papel qu'encontro á meza,
 E n'um arrojo do novel poeta,
 Que por pouco se enleva, em soltos versos
 Faço da minha Deuza, em poucos traços,
 Um genuino typo de belleza!
 Se o verso me agradou, corrijo-o ás pressas
 Nas brancas, lisas folhas do meu Album
 Com apurada lettra os sons imprimo
 Da lyra que gemeu!
 Aos Anjos, que as cortinas do meu leito
 Abrem-me á noite pr'a me dar guarida,
 Rezo *os meus bréves*, fervorozo e attento
 P'ra o coração fechar-me á um novo affecto,
 Fraqueza de mulher! D'olhos abertos
 Eu caio em novo abysmo, e me apaixonou!

Apaixonar-me eu? Se amar á virgem
 E' phrazes doces lhe atirar ao ouvido
 Entre as flores do baile, em doce enlace
 No voltear da walsa, é tel-a amado?
 Se amar á virgem, é, bem perfumada,
 Mimóza carta, da janella, á tarde,
 N'um terno *degagé* mostrar-lh'a á furto
 N'um disfarce sublime! . . . e a linda moça
 (Se o fôr, stá claro) com um sorriso d'anjo,
 Com um aceno subtil consente a entrega
 Travando-se o namôro... A tarde expira,
 Sombreado as varzeas descorada e triste,
 E, em doce desalinho, entra no leito
 Escarlata do occazo! A tarde expira,
 Qual filha de Sorrento, as tranças soltas,
 N'um abraço de amor! Pressuroza, a noite
 O denso manto em forasteiro gyro,
 Desdobra longo, sobre a terra opaca!

Uma... duas... trez... quatro... e mais vezes
 La ronda o moço a porta da dilecta
 Nas largas dobras do capote envolto;
 De longe espreita, ancioso, que a menina
 Descerre a gelosia e agite o lenço!

Range alfim o postigo. . . elles se avistão;
 As mãos se apertão, se desligão, unem
 (Mas a carta ficou nas mãos da deuzá,
 Um pouco amarrotada, isso qu'importa?)
 Que cautelozá a leva ao seio tremulo,
 Do correio de amor mimoza mala!

Mais um mimo; um *bouquet* todo formado
 De escolhidas florinhas, que n'um grupo
 Sympathica expressão revelão junctas!

E segue avante a marcha do namôro.

Mas p'ra mim pára aqui; sempre estas scenas
 Cartinhas, mais cartinhas, sempre ao largo,
 Sempre em guarda, e disposto á aparár golpes!

Malditas digressões! Ia eu dizendo
 Agora me recorde... ia eu dizendo
 Que protestava sempre amar aquella
 Que eu via derradeira! Isto é verdade
 Agora ouvi-me que illudir não ousou
 Nem pretendo enganar-vos. Fallo serio!

Saio as tardes; passeio, d'olhos baixos,
 Pelas ruas da cidade vago errante
 Sem tremulos erguel-os; receioso.
 Que d'alvas saías Satanaz se vista
 E eu quebre de hontem de firmeza as juras!
 Foi-me balda até hoje erguer castellos;
 Pompózos palacetes d'aureos tectos...
 Tombando às vezes n'um prosaico arrojio!
 No dobrar d'uma esquina aperto o calo
Que eu mais estimo... e cuidadozo livro
 Do stulto Mac-Adam d'invenção nova!
 A's vezes distraido o pé falseio
 Pizo em pedra ambulante e me equilibrio...
 Bem *janota* papel fazendo sempre!
 Só as moças não dormem: vigilantes
 Folgando vivem, e bem poucas chorão
 Quando devem chorar, lagrimas tristes!

Quanto a fina risada insulsa e tola
 De indiscreta mocinha desaponta!
 Com grasnado tão forte, acordo, escuto!
 Então levanto a fronte qu'esquecida
 Dormia-me entre os hombros machinando,
 Nos aureos artezões dos meus palacios
 N'um pallido scismar lh'erguendo as cupulas!
 Então levanto a fronte, ageito os oculos;
 Quero altivo desdem mostrar no rosto;
 Desarranjo as feições, fico pateta;
 Dou novo tropeção fico sem geito;
 Desaponto em excesso... e vou qual pipa
 Que roda aos trambulhões, cruzando a rua!

Olho e vejo! E' travêssa moreninha
 D'olinhos pretos, bem luzente trança,
 Vestida de cambraia branca e fina,
 Mostrando em corpo a cinturinha airóza;

Qual tenue e nova se balança á briza
 Esguia cazuarina em tenue abálo!
 Ella ri-se de mim; dobra-se toda;
 O lenço alvinho á boca ergue faceira;
 Ri-se, ri-se á valer do meu calistro!
 Estou perdido! Seu traajar tão simples,
 A cruz brilhante, que lhe treme ao seio
 Na convulsão do rizo... e a mão curtinha,
 Que foi graciosa segurar na trança
 Seu lindo *malmequer*.... Estou perdido!
 A menina vivaz de amôr me mata!
 E' mais um anjo que me escolta os sonhos;
 E' mais um rosto de mulher que eu amo;
 E' mais *um locus* que meu peito occupa;
 E' mais um canto que minh'harpa exhala;
 Que solta aos ventos... qu'amanhã se perde;
 E' mais um novo altar qu'ergo á Inconstancia!

Se abrir meu coração pudesse á todos,
 Se transparente o possuísse ao menos,
 Oh! que linda marmota, e qu'espetaculo!
 Ahi verieis, qual daguerreotypo,
 Pompoza galeria de mil quadros
 De rostos de mulheres, tão pequenos,
 Que a lente mais subtil custára vê-los!
 Qu'incansavel eu sou! Eu busco ainda
 Ainda, e mais e mais encher d'effigies
 De retratos gentis, meu peito ainda!
 Que eu todas, por inteiro, não me é dado
 Em carne e osso possuil-as junctas!

Cançado ás vezes de pensar *em tantas*
 Busco esquecel-as n'um dormir profundo!
 Accordo em sobresalto; encáro as trevas;
 No leito me revolve; e, suffocado,
 Comprimo o peito que, dorido, sinto
 Pulsar mais forte, sem compasso e louco!
 E' então qu'eu desperto e me arrependo
 De ter-lhes retractado a boca e os dentes,
 Que tanto me maltractão cá por dentro;
 E tão forte me mordem que até gemo!

Grande impressão causarão-me as dentadas
 D'essas bocas de roza; á mil pezâres
 Sorombaticos dei-me; á mil juizos
 Entreguei-me, innocente de meus males!

Sentia, ás vezes, barulhada enorme
 D'encontro ás portas *do meu tal mosaico!*
 Finca-pês nas paredes, rumôr surdo....
 Algazarra infernal, meu Deus, ouvia!
 Qual fazem camondongos, alta noite,
 Em fechada dispensa á guinchar, prezos!
 Erão quaes vozes de abafado orgão
 Em fechada capella; era um inferno!

Chamei facultativos; fez-se junctas!
 Os doutos Esculapios dos meus males
 Não souberão a cauza! Longas horas,
 (Disserão elles,) pallidos vellarão
 A' consultar profundamente os livros
 Da grande therapeutica dos Mestres
 Mais lidos nas Escolas! Pathologicos
 Systemas, mais systemas, lhes apontão
 Profundos, reflectidos, ruminados
 Por testas charlatães de forte tempera!
 E não me derão volta á dôr do peito!
 E a sciencia falhou; falharão junctas!
 E a barulhada enorme ia em progresso!

Descobrio-se afinal! *Eureka!* exclâmo!
 Batti palmas á mim; dei vaia aos Bias
 Aos medico-cirurgico-futricas
 Ao longe nas esquinas, quando os via,
 Bochechudos d'orgulho a fronte alcarem,
 Mandingueiros da moda, feiticeiros;

Ri-me, ri-me de mim! Grande, excessivo,
 Era o mal para o qual buscára cura;
 Meu mal é ser voluvel, e inconstante,
 Como a fórmula que as nuvens d'hora em hora,
 Occupão, varias, no azul dos céos!
 Meu mal é ser voluvel e inconstante,
 Como a folha que, secca, o vento arrasta
 No sólo plano e em corações volteia!
 Ludibrio dos tufões, em bello esquite,

N'um embálo de amôres fui vogando!
 Os portos que avistei saudei de longe!
 Era cedo p'ra mim; d'ancora erguida
 Seguia eu sempre á devassar os mundos
 (Não esses mundos que sonhou Colombo,
 Mas os mundos de amôr, onde eu faceiro,
 Meu throno erguesse n'um jardim de virgem;
 Onde eu cheio d'aromas, *Mousselines*,
 De luvas de *Jouvin*, lunêta ao olho,
 Casaca de *Fresneau*, calças da moda,
 De cabello frisado, e em linda pampa,
 (Qual vê-se entrar ovante, em carro d'oiro
 A's portas da cidade um Cyro persa,
 Fosse altivo senhor de olhares ternos
 Do palpitar dos seios, dos suspiros
 Do rizo alegre, do scismar das virgens!
 E que mais desejar? Louros se murchão!
 E eu quero sempre verdes renoval-os!
 Se a vida é nevoa, passageira sombra,
 Somno d'infermo. pardacenta nuvem
 Que a lua esconde no passar ligeiro,
 Se a vida é breve porque amar deveras?
 Porque correr em busca de uma sombra
 Abraçal-a em delirio ao peito ardente!
 Sonhar, sonhar com ella e só por ella!

A' Um Romantico.

Porque, mancebo, n'um scismar tristonho
 Te vejo agóra?
 Sonhas acaso matutinas perolas
 Nas mãos da auróra?

Que doce enleio te esvoaça em mente
 Que louco affagas?
 Sombra de virgem que sagrou-te um beijo
 Com que te embriagas?

Tu suspiras, mancebo? Mais sentida
 A fronte tu pendeste?
 Porque, tão joven, teu scismar se augmenta
 No pouco que viveste?

Em fogo os olhos se te afundão, lentos,
 Nas orbitas girando;
 A côr dos labios, e o setim das faces
 Já vão se desmaiando!

N'um tardo rizo que o sentir transuda,
 Gelado como a morte,
 Deixas apenas entrever o *engaste*
 Da dentadura forte!

Que fazes? Choras? Quem levou-te aos seios
 A seiva desse amôr?
 Quem no peito entornou-te esses perfumes,
 Perfumes dessa flôr?

Oh! não chores! — Othelo que o perjuro
 Sofreo d'uma mulher,
 A fronte não vergou, sentida, ao peito
 Um instante se quer!

No peito d'aço, no carvão das faces,
 No saio do guerreiro;
 Jamais dos olhos entornou o pranto
 O negro aventureiro!

Sê, pois, Othelo; fernenis sentires
 Do peito desaninha;
 Ergue a fronte mais alto, e falla ao céo
 Na luz dessa estrellinha!

Que fazes, louco? — Desbotado o rosto
 N'esse espelho tu miras?
 Quem deo-te as flôres qu'esses labios beijão?
 Tens febre. tu deliras?

Lamina d'aço qu'esse cinto aperta
 Por sob a negra capa....
 Irá, eu tremo, te alistar dos mortos
 No truculento mappa!

Mas antes... corre! No doirado espelho
 Estampa teus olháres!
 Teus cabellos perfuma... alisa-os bem
Do Gosto nos altares!

A morte é tua noiva! Não trepides
 Arroja-te em seu leito!
Obaddon já te acena, e em negra nuvem
 Te paira sobre o peito!

Mas não! Por que morrer? No val da vida
 Tu podes colher flôres!
 Quebra essa taça do presente amargo
 De pallidos lavôres!

Dá-me o braço; vem cá; deixa esta sala
 Teu berço de sonháres!
 Leve o demo a tristeza que te esmaga...
 Olvida esses pezâres!

Aprompta-te e saiamos! Toma a capa;
 A noite é feia e venta!
 Queima-me as faces a *garóá* estúpida;
 A lúá é macilenta!

Embuça-te... não vês? Eu tremo... é frio!
 Um frio qu'enregéla!
 Acende o teu *Trindade*, e dá-me fogo...
 Não caias... oh! cautela!

Tomemos esta rua; aqui bem perto
 Teremos bôa proza:
 Abre o rosto á alegria, e chama ás faces
 As petalas da roza!

Guarda p'ra logo teu scismar de amantes
 Narcotico do leito!
 Põe de lado os amôres que nos matão
 Sem tirarmos proveito!

Minha Vida.

Minha vida é combate reuvido
 De paixões, de soffrer e de dôres,
 Fragil lenho por ventos batido,
 Impellido,
 Branca pomba nas garras de açôres!

Minha vida, meu Deus, qual tem sido?
 Que prazeres na terra hei logrado?
 Trago o peito á sangrar, denegrado,
 Carcomido,
 Qual penedo n'um mar agitado!

Minha vida qual é? — N'um deserto
 De desgraças viver isolado,
 Meu futuro... oh! oh! tão incerto,
 Livro aberto,
 Só de folhas em branco formado!

Minha vida!. Qu'importa! Eu desprezo
 Como inúteis, meus sonhos de amôr!
 Que me quer o destino? Que eu, louco,
 Por tão pouco,
 Me definie dos annos na flôr?

Morta!

Rozas, rozas do Céu, descei mais baixo,
 Vinde crescer n'um tumulto de virgem,
 Que, mulher em botão, morreu sorrindo!
 Vinde, estrella de Deus; brilhai mais perto;
 Sê-de cyrios ardentes, de luz cecios,
 De luz bem viva, no sepulchro d'ella!

Quinze annos! meu Deus! Brincou nos lagos,
 Pizou, correndo, por vergeis mimózos,
 Seguindo a borboleta irmã louquinha,
 Inconstante no brinco e na corrida!
 Com as mãos alvinhas sobraçando as vestes,
 Arfando alegre, de cansaço exhausta,
 Lá seguia a gentil mulher criança,
 D'olhos brilhantes, de joelhos curvos,
 De pézinhos descalços, na carreira,
 Na carreira sem fim; airóza sempre!

Era uma linda filha dos amôres,
 Casta, virginea, sem baptismo ainda!
 Era uma rola d'innocente arrulho
 Pura, mais pura do que a concha n'agôa!
 Andorinha de Deus, subio mais alto....
 D'azinhas curtas n'um voar comprido
 Adejando p'ra Deus, passou... morreu!...
 Rozas, rozas do Céu, descei, viçozas,
 Vinde murchar n'um tumulto de virgem!

Vinde, estrellas de Deus, descei mais baixo
Vinde brilhar mais perto! A virgem morta
Não quer nada da terra! As nuvens brancas
Que bambeão no céu, soltas sem rumo,
Como um manto de Fada, que os tufões
Na carreira sacodem, ondeando,
Linda mortalha p'ra os seus rozeos membros
Levem-n'a envolta!....

Creancinha de Deus, vac Magdalena
Mais bella ainda, Magdalena vi:gem,
Juncto à cruz de teo Deus beijar-lhe as plantas
Corar teus labios nas feridas d'ellas!



Se eu morresse de amôr.....

Se eu morresse de amôr era hoje poeira.
 Nem sombra d'esqueleto!
 Se eu morresse de amôr—ave ferida.
 Com o olhar, ao menos, affagára a vida
 Martyr... martyr de affecto!

Longe, que longe vão tempos de outr'ora
 Meus tempos de illuzão!
 Eu, morena criança, amava tanto
 Nos olhos da mulher, meu livro santo,
 Eu lia uma oração!

Tão pequeno, meu Deus, no amôr tão grande
 Tão grande uma vez só!
 Se eu morresse de amôr quando era infante
 Meu coração pequeno de gigante
 Estaria hoje em pó!

Não morri p'ra viver! Se a vida é sonho
 Só vivo p'ra sonhar!
 A's vagas solto meu baixel de amôres,
 E n'um oceano de tristeza e dôres,
 Meu baixel vae vogar!

E voga ainda! E' cedo! As longes praias
 O mar com as ondas cobre!
 E' cedo! Meu baixel lá não alcança!....
 Ha-de o tufão varrer-te essa esperança,
 Meu pobre baixel! pobre!

Quão distante é meu porto! Eu vogo.... eu durmo....
 Eu sonho com as sereias!
 Não tenho leme que me aponte o rumo;
 No mar revolto minhas vistas sumo!
 Alli... bancos de arcias!

Sonhando com as sereias, sonho falsas
 Mulheres qu'hei-de amar!
 Oh! não quero viver! — Se a vida é sonho!....
 Eu prefiro morrer! E' tão medonho
 Viver para sonhar!

Se eu morresse de amôr era hoje poeira,
 Nem sombra de esqueleto!
 Se eu morresse de amôr, ave ferida,
 Com o olhar ao menos affagára a vida!
 Martyr, martyr de affecto!

Roza Feliz!

Minha roza feliz! Dormiste um dia
 Ao doce abrigo de uns cabellos negros
 Um somno d'odalisca em molle estofo!
 Somno que os anjos dormem, esquecidos,
 N'um subtil ressonar que não se escuta;
 Mais brando e doce que as canções das harpas
 Que elles toçao no cêo, cantando hosannas!

Palida e murcha te agazalho ainda
 No peito exausto do anhelar continuo!

Minha mumia de amôr, viva lembrança,
 Já secca pelo tempo que, passando,
 Soprou-lhe a morbidez nas frescas petalas,
 Quebrou-lhe o viço, e o calix debruçou-lhe!

Minha mumia de Amôr! Thesouro immenso
 De que eu sou avarento, um louco em furia,
 Em guardal-o p'ra mim, sumil-o ás vistas
 D'estranhos olhos que d'inveja, ardendo,
 M'o cubicem, talvez!

Minha roza feliz! Destino d'ouro,
 Do arvorecer ao declinar de um dia,
 Teu Fado te sagrou!

Ditozo aquelle que, occupada a vida,
 Colhendo flôres, leva na passagem!
 Que nunca a estrella qu'encarar costuma
 Nuvem perdida lhe passou por cima!
 Que nunca vio a mão, chumbada e longa
 Do frio desengano, affouto e rindo,
 D'escarneo e mófa, no azádo instante
 Em qu'erguemos em sonho os altos tectos
 Dos castellos Babel, altos em nuvens,
 Ephemeras, phanthasticas e bellas,
 Affouto e rindo... debruça-os para a terra,
 E n'um baque abafado assenta, justo,
 N'um sepulchro aberto, onde, apinhadas
 Dos homens adormecem,
 Inda frescas d'orvalho as esperanças,
 Como folhas d'arbustos verdejantes!

Minha roza feliz! Dorme em meu seio
 Mais longos dias, mais serenas noutes!
 Murchaste cedo, como murchão flôres
 Que o chão da sala festival tapizão!

De mãos estranhas, virgem te conservo!
 Cá bem dentro de mim dorme aquecida
 Minha roza feliz, dorme em meu seio!



Adeus.

Eu levo uma lembrança dos meus sonhos
 Dos castellos gigantes qu'eu formei;
 Eu levo um nome qu'innocente e virgem
 Em tristes noutes sempre soluicei!

Prezo, bem prezo como em fundo oceano
 Dorme o ferro da não firme e pezado,
 Seu doce nome, qu'eu não digo, occulto,
 Cá bem dentro do peito está guardado!

Eu levo uma lembrança é desses dias
 Que tão curtos passarão de um amôr;
 São assim meus prazeres, flôr cheiróza
 Que pende na haste em dias de calor!

Que longas horas e que noutes tristes
 Não passarei sozinho no meu leito!
 Que noutes de vigilia, e que suspiros
 Me morrêrão em flôr dentro do peito!

Sonhar! sonhar é sempre meu destino!
 Meu condão infernal, dormindo eu vélo!
 Creio vel-a á meu lado, descuidosa,
 Formar brincando a trança do cabelo!

Creio vel-a sorrir, fugir correndo
 Vergar a fronte com modesto pejo;
 Quando em meus olhos desvendava arcanos
 Doces preludios p'ra roubar-lhe um beijo!

Creio vel-a com a mão curta e mimoza
 Passar doce perfume em meus cabellos !
 Creio vel-a á janella, a fronte pensa,
 A' luz da lúá á suspirar anhélos !

Creio vel-a, furtiva, a dextra amavel
 Recuar corando de meus labios pallidos;
 E os seios della arfarem convulsivos
 Extuantes de amôr, de febre callidos !

Creio vel-a! meu Deus! E' crença apenas
 Seccou-se a flôr do meu jardim d'espr'ança!
 Meu doce Oasis, meu Paraizo amêno,
 Toldou-me a nuvem de crueis provanças!

Nova Babel, ergui, gigantes Templos,
 Mil doirados tropheos na mente ergui-lhe!
 Arca santa de amôr, seguia ao longe.....
 Beijando o sólo que pizar senti-lhe!

Nunca nas faces tão tenrinhas pude
 Meus labios lhe pousar n'um curto beijo!
 A' sós, às vezes, n'um abraço extremo....
 Tão pura e casta me roubava o ensejo!

Oh! quanta vez mansinho me chegando, '
 Sem ella o presentir, beijei-lhe a trança;
 Sempre o pejo no rosto, e um ar de enfado,
 Me roubava o vai-vem de uma esperanza!

Quanta vez almejei ser de seu leito
 Almofada macia de setim;
 A' tarde, á noute, a somnolenta fronte
 Com as tranças soltas, reclinára em mim!

Se a morte um dia me ceifar as flôres
 Dos meus curtos janeiros,
 Sê tu, ao menos, quem me dês teus prantos,
 Teus suspiros primeiros !

Fagueiros dias p'ra ventura volvem,
 E os meus volvem tardios!
 Si eu morrer cá distante, solta ao menos,
 De lagrimas, dous fios!

Que me importa que o sino se recuze
 Dobrar por mim, finado?
 Qu'importa! Se um soluço que me envie
 Me tem amortalhado!

Desfolha, ao menos, por memoria minha,
 Goivos murchos embóra!
 Pede a briza uma aragem que m'os traga
 N'essa aziaga hóra!

Depois... conserva aquillo..... sim..... conserva.....
 Bem juncto aos seios teus!
 Não te esqueças jamais d'esses affectos....
 Affectos que são meus!

Entes da terra que os segredos vendem
 Não venderão os meus!
 Lá no fundo do céu, bem fundo... fundo.
 Os contarei á Deus!

Hontem !

Hontem que noute tão bella eu passei....
 Que noute tão grata, meu Deus, que ventura!
 Vazou-se-me n'alma ceeste alegria,
 Por ter-te á meu lado, divina feitura!

Embóra tão perto de ti me sentasse
 Bem pouco falli-te de amôres que eu tinha !
 Cantaste tão terna, na voz, no semblante
 Julguci-te do bosque, sentida rolinha!

Rubor de modestia passou-te nas faces,
 Qual nuvem rozada que a tarde namóra!
 Nem quero contar-te qual foi meu delirio;
 Que sonho acordado sonhei nessa hóra!

Meu Deus! que m'importa qu'eu só no Universo
 N'um campo sozinho, na arêna apinhados
 Mil filhos da terra, Titans de affectos,
 Esmaguem na luta meus membros quebrados! !

Embóra! Que o pômo que alçou a discordia
 Não lião de provarem seus labios nervózos!
 Sim, morrão de inveja! Triumpho sem premio,
 Terão, vencedores, em pleitos pompózos!

Luzeiros, — seus olhos da vida a romagem
 Me apontão, macios, boiando em languor!
 São flôres que eu pizo na estrada; são flôres
 Que eu colho, viçózas, com viço e frescôr!

Incenso dos labios entorna se canta,
 Se as magôas do peito soletra na vóz!
 Mulher, se ella o fôra, não tinha os meus versos
 E' anjo que a auróra molhou no arreból!

Narceja nas aguas não é mais mimóza;
 Um collo mais puro sonhando não vi!
 Se a trança desata seu quarto é um harem;
 Se aperta a cintura, d'encantos gemi!

Damasco se a face corou de surpresa;
 Se accorda sonhando mãos sonhos de amôr!
 Sou louco se a vejo sentada á costura,
 Não mãos distrahidas, quebrando uma flôr!

Accacia singeļa que o pejo viceja
 Não tarda que a fronte te cinja o noivado;
 Então, bem ligados pelos laços do amor,
 Veremos o dia dos gozos chegado!

N'um Album.

E' mão d'espectro, tetrico phantasma
 Que a penna empunha aqui para escrever!
 Ergueste a louza; o pallido poeta
 No doce somno foste interromper!

Queres um canto, joven? Dos sepulchros
 Um êcho triste, como d'orgão santo?
 Escuta o bardo, qu'infeliz, sentio
 Seu lindo talisman molhar o pranto!

« Cresci no berço! Perfumada a briza,
 « No mobil leito me embalou, mansinha;
 « No céu sereno abrilhantada estrella
 « Luzir eu via sempre á tardezinha!

« No brilho ameno d'essa estrella amiga
 « No céu sem nuvens sempre á vacillar,
 « Cria ver o futuro que, de longe,
 « Risonho e ledto eu via me acenar!

« Volverão-se-me os annos; e da infancia
 « Os quadros vi sumirem-se á meus olhos;
 « No sólo ingrato que pisava, ermando,
 « Eu via arrebentar sómente abrólhos!

« Amei um dia! A' um rosto de mulher
 « Um Templo colossal no peito ergui!
 « Que louco eu fui! Serpente monstruôza
 « Em meus tremulos braços comprimi!

Perdão mancebo! . . . O curo do teu livro
 De negro pranto eu quasi mareei!
 Pediste um canto... apenas dos sepulchros
 Uma funebre nenia te entoei!

Piar de mocho á sombra de cyprestes
 São-me os échos da lyra gemedôra!
 Risonhas vozes, canticos festivos,
 Não tem minha lyra, sempre soffredôra!

..

Sê na vida feliz! Sem Palinuro
 Não deixa ás tontas teu baixel vogar!
 Ai se dormires! e no mar sanhudo
 Sereia astuta fôr te despertar!

Sê na vida feliz; são puros votos!
 Mentir não sabe o poeta, falla á Deos!
 Cubrão-te a fronte flóridas grinaldas;
 Mentor sincero guie os passos teus!

E' mão d'espectro, tetrico phantasma
 Que a penna empunha aqui para escrever!
 Ergueste a louza; o pallido poeta
 No doce somno foste interromper!

A'

Antonio Homem de Barros

(Fallecido á 5 de Dezembro de 1861.)

Tinha rosto moreno; era alto moço;
 De buço virgem; de cabellos negros
 Luzentes e annelados!... Se a poesia
 Si abrigasse em seo leito á sombra d'ellés,
 Nas encantadas noutes de seus sonhos,
 Crêr-se-ia ao lado adormecer de soltas,
 Cheirosas tranças de uma virgem linda!
 Tinha fronte espaçozal! Erão serenos
 Seus olhos onde a luz brilhava opáca,
 Tepida e branda, como um cyrio que arde,
 Quando a noute vai alta, em Templo escuro!
 Lê-se nos olhos o porvir das almas!
 Era o d'esta viver... firme na crença
 Que o amanhã da existencia era já findo;
 Que a jurity morrêra com a alvorada;
 Que a patativa soluçava amores
 Desgraçados no bosque! e que no peito
 Seu coração de moço era já velho,
 A' força de soffrer. de amar tão cedo

Porque morrêo! Não sei:—A dôr que falle....
 O tufão que responda á ave aninhada
 Porque quebrou-lhe o tronco, e o seu ninho
 Se embalançava com a tenissima prole.
 O tufão que responda!

Leva a corrente no regaço d'agua
A roza em pet'las soltas, semilhando
Tintas conchas de nácar! — Corre a moça

Engraçada e gentil, olha a rozeira,
Que'inda á pouco um botão prendia apenas!
Lança os olhos p'ra o lago... A flôr que a trança
Já toucada esperava... onde está ella?
O tufão que responda!

E assim váe o tufão varrendo as plantas,
Arremessando a roza ao manso lago;
De flôres salpicando a face delle!
Amontoando o pó sobre os sepulchros!
Assim leva o tufão a flôr da vida,
Tenrinho arbusto que a fortuna alada
Com a farta dextra semeando vai!

Firmes no lodo, pedestal immundo,
D'orgulho cheios somos reis d'argila!...
Depois. ossos roídos nos sepulchros. .
Sombra qu'errante ondeia em cemiterios!
Phantasmas tristes á plantarem goivos...
Perpetuas rôxas nos jardins suspensos...
Nos tectos de seus tumulos, pezados!

Porque morreo? Não sei. A dôr que falle...
Que falle o coração triste no seio
Da mulher qu'elle amou! — Que fallem rôlas!
E o sabiã no bosque, á sombra escura,
Da lorangeira em flôr no fim da tarde!
Que falle porque a dôr falla nos bosques!

Elle foi meu irmão nas primas luttas
Dos estudos pueris; elle era amigo
Que se votava ao amigo, como aos Idolos
O Paganismo cêgo se votava;
Elle foi bom irmão; bom filho! Oremos!...
Sobre o tumulo delle um goivo triste...
Um symbolo de dôr plantemos junctos!

A' Pedido.

Ausencia! ausencia! no meu peito echôa
 Como no bronze o dobre por finados!
 Era feliz o tempo em que na vida
 Erão meus brincos, perennaes cuidados!

A vida eu não sentia! Era tão joven
 Julgava-a só de flôres tapizada!
 Era infante que corre pelos bosques
 Sem pensar na serpente envenenada!

Deixei-te ó virgem! Perpassei os mares!
 N'um terno adeus vazei-te o meu tormento!
 Senti teu peito esbrazear-me o rosto
 N'essa hóra lethal, n'esse momento!

Deixei-te ó virgem; e no mar da vida
 O meu fragil baixel deixei vogar!
 Perdi o rumo; espedacei o leme;
 Fêl-o noto bravio —sossobrar!

Deixei-te ó virgem; e no vacuo encontro
 Colosso ingente de medonho porte!
 Segue meus passos no raiar da vida,
 É a louza fria que me aprompta a morte!

Esperanças! Quem sabe, ó minha virgem
 Se inda as posso nutrir fóra do lar!?
 Deixei-te meu santelmo d'esperanças;
 Quiz a sorte p'ra sempre m'as roubar!

Essa grinalda de virentes flôres
 Com que meus dias ennastrar vieste,
 Murchou, donzella, as pétalas cahirão.....
 Hoje eu bebo amargura em taça agreste!

Onde esse espelho em qu'eu mirava encantos
 Com que a natura te dotou em graça?
 Onde esses laivos de languor ingenuo
 Que a phantazia em minha mente traça?

Onde o sorrizo que n'um mar de amôres
 Eu me engolfava de ternura e gôzol
 Onde esses olhos, que á mais linda estrella,
 Em brilho excede, no semblante airôzol

Tudo, tudo perdi! Té mesmo a esp'rança
 Me volta a fronte carrancuda e mésta!
 A dôr, sómente a dôr, espectro immundo....
 Qual gigante de angustias só me resta!

Illuzão, illuzão! Queres deixar-me?!
 Tambem me mostras no teu rosto enfado?
 Queres abandonar-me?! Vai qu'importal
 Recusas dar a mão á um desgraçado?

Espéra, ó virgem, que o futuro é grande!
 A fé não percas; debes esperar!
 A tormenta que os raios illuminão
 Em bonança costuma-se a mudar!

Tudo muda, donzella; só meu peito
E' firme como a rocha em fundo mar
Das yagas do infortunio soffre as sanhas
Só a morte é capaz de as acalmar!

Adeus, ó virgem; não te esqueças, nunca,
De um ente que a existencia te sagrou!
Recorda as juras, e os protestos santos
Que uma amante fiel nunca olvidou!



Triumphaste.

Triumphaste, meu anjo! Amôr como este
 Qu'eu te consagro, santo, oh! não existe!
 Nossos dous coraçõs n'um mar de affectos
 Vão boiando, boiando.... e sempre unidos...
 Entrelaçados sempre em doces extasis!
 Este amôr que é tão forte, se me prende
 Se me enraiza, fundo, cá no peito!

D'este amôr, ó meu Deos, quaes os limites?

A fria lage do sepulchro um dia
 Quando a lua nadando nas alturas
 No campo azul do céu filtrar passando
 Branco raio de luz sobre os meus ossos!
 Findo assim nosso amôr terrestre, iremos
 Os braços entrançar n'um doce encanto
 No mundo dos espiritos diaphanos
 Beijar-nos junctos; e nas negras tranças
 Subtis perfumes de celestes flôres
 Entornar-te em caçoilas d'ouro fino!

Nunca tive um amôr... nunca um affecto
 Que em febre o coração me ardesse tanto!
 Nunca um suspiro que m'entrando n'alma
 Sem sementes brotasse um simples goivo!

Era meu coração—steril Shaara
 Sem uma fonte d'agua, um velho arbusto
 Que á tarde, ao pôr do sól, ligeira sombra
 Ao frouxo viajor dêsse um repouzo!

Era a descrença — a rede — luxuosa
 Em que cançado me arquejava o espirito
 N'um delira d'idéas, incessante!
 Entregue á sonhos que no Inferno as Furias,
 Em leito de serpentes, mobil sonhão!

... ..

Hoje o triumpho é teu! Sonhos de Furia.
 Sede de amar sumio-se! O steril Shaara
 E' jardim cubiçado; os pomos d'ouro
 D'arvore gigante que plantei no peito
 Crescem vicózos, tem sabor immenso!
 Triumphaste p'ra sempre! E o teu captivo
 Cheirozas c'roas á teus pés desfolha!

Hymno á morte.

Ha quem digá que a morte traz horrôres....
 Quem trema de morrer!
 Eu suspiro por ella que já tarda
 Em vir me accommetter!

Venha a morte! — Porque tremer de medo?
 Morrendo não se vive?
 Quero viver mais alto... envolto em nuvens
 Pra onde os olhos tive!

Viver no mundo é cubiçar desgraças...
 Ver saudades murcharem!
 Viver no mundo é ver fronte pendidas
 Suspiros exhalarem!

Viver no mundo é soluçar pezâres!
 Chorar esp'ranças mortas!
 E' ver o sabio que viveo vigiliãs
 Esmolar-nos ás portas!

Viver no mundo... quem deſeja? A virgem...
 Fragil cabeça loira!
 Lindos esqu'letos, um porvir ephemero...
 A existencia lhes doira!

Viver no mundo. . . quem deseja? A virgem...
 « Um baile é tão bonito!
 « Um dia de noivado tem delicias...
 « Tem prazer infinito!

Viver no mundo... quem deseja? A virgem,
 A aldeã modesta!
 Gosta de ouvir o sino que na aldeia
 Toca um dia de festa!

Não quer morrer deixar vazos floridos...
 Seu jardim que plantou!
 E mais *um que* que o peito lhe advinha,
 Um noivo que ella achou!

Destes, pois, fuja a morte! Vá p'ra longe...
 Não os faça infelizes!
 Inda um dia virá em que elles queirão
 Morrer p'ra ser felizes!

Há quem diga que a morte traz horrores...
 Quem viver só anhela!
 Almas grandes de medo, esse receio
 De morrer não me gela!

Oh! se eu fosse junctar-me de alguns ossos
 A já sumida poeira...
 Não fugira da morte, pavorôzo,
 Beijara-lhe a caveira!

Eu que olho para o céu seguindo o vôo
 Da andorinha errante...
 Que sinto n'alma não poder, voando,
 Dos céos ser habitante;

Eu que em noites serenas de luar
 Me entristeço por ver
 Que o céu está tão longe de meus olhos...
 Que é preciso morrer;

Que é preciso morrer para alcançá-lo!
P'ra exceder á andorinha
Que o vôo sobe, mas não toca as nuvens
Com a ponta da azinha;

Eu preciso morrer! Quero ter azas
Para alcançar o céu!
E os *reptis*, na terra, olhando ficam
Pr'a esse *azulado véo!*

FIM DA SEGUNDA PARTE.



TRADUCÇÕES.

Loch na Garr.

(Traduzido de Byron.)

Longe, longe de mim, risonhos prados,
 Semeados jardins de rosas pulchras!
 Vague (qu'importa) o filho da opulencia
 Por vos os arvoredos sombreado!
 Almejo, apenas, meus rochedos, onde
 Se grimpa a branca neve!
 Quanto é caro ao amôr, á liberdade,
 Sua amena soidão, seu doce abrigo!
 Que extremoso qu'eu sou oh! Calidonia,
 Quão caras são pr'a mim tuas montanhas!
 Embora os brancos cimos testifiquem,
 O magestoso choque dos trovões!
 Embora a catarata em crespas ondas
 Vá perder-se espumante, e além s'espraie!
 Eu vejo aqui, de manso, ir o regato
 Morrer sem um gemido!
 Eu prezo embóra, suspiroso eu gêmo
 Pelo sombrio valle do retiro
 De meu Loch na Garr!

Menino ainda meus tenrinhos passos
 Em seu rustico sólo vacillarão:
 Singela touca a fronte me cobria:
 Na capa envolto os membros aquecendo;
 Segnidos dias infantis passava
 Em travessas corridas, pereorendo

De pinheiraes as lugubres florestas!
 Dahi, do meu retiro, uma lembrança
 Dos já finados bravos evocava,
 Por cujas fronte's seculos passarão!
 Só quando o dia os ultimos adeuses
 Na duvidósa luz, que aclára o mundo,
 Dorido á terra envia n'um suspiro,
 Deixando ver, á meio, entre o crepusculo,
 A chamada Polar, lucida estrella;
 Era então qu'eu tristonho, e á passo lento
 Voltava em busca de agasalho amigo!
 Ahi, á noitezinha, mil historias,
 Brilhantes narrações pasmado ouvia,
 Em rude estylo, feitas pelos filhos
 De meu Loch na Garr!

« Sombra dos mortos!—Por ventura a briza
 « Da tarde procellosa, as vossas vozes
 « Zunindo, irada, não me as leva ao ouvido?
 « E' sem duvida, eu creio, a tenue sombra
 « Do Heróe famóso que, pairando errante,
 « Prendida ás azas dos velozes Euros,
 « Se apraz de assim vagar por sobre os valles,
 « Onde a luz vio primeiro!
 « Da tempestade os turbidos vapôres
 « De Loch na Garr em torno se agglomerão!
 « Ahi o Inverno intenso empunha o sceptro
 « Em seu carro de gêlo assoberbado!
 « As sombras de meus Pais ahi divizo
 « Em mil nuvens envoltas!
 « Ellas habitão... vivem lá por^a cima...
 « Em meio dos trovões... das tempestades...
 « Do meu Loch na Garr! »

« Desgraçados guerreiros bravos sempre!
 « Julgaes acaso que o Destino cêgo
 « Nossa causa olvidou? Jámais, guerreiros!
 « Oh! que não pôde o louro das victorias
 « As fronte's moribundas circumdar-vos!
 « Era em Culloden, a sorte o decretára,
 « Que devieis morrer!
 « Na mesma campa fostes, tão serenos,

« Com as vossas gerações dormir unidos,
 « E vossos ossos confundir devieis
 « De Braemar nas cavernas!
 Feliz eu me julgára assim morrendo !
 « Em vossas honras repercute o valle
 « As doces vozes da campestre gaita,
 « Vossos feitos famosos indo ao longe
 « Fazer sombrias narrações aos échos
 « De meu Loch na Garr ! »

Depois que te deixei hei visto longos
 Os annos succederem ;
 Succederem verei mais annos inda
 Até que eu torne á ver-te !
 Negou-te a Natureza as lindas flôres,
 E a verde còr dos campos, todavia
 Não prezo tanto os plainos de Albion
 Como um Loch na Garr !
 Insulsas graças, morbidas bellezas
 São teus unicos dotes, Inglaterra!
 Aquelle que viveu errando ao longe
 Em montanhas immensas, te despreza
 Oh! quanta preferencia eu voto ás rochas
 Selvagens, magestosas, gigantescas,
 E os escarpados e sombrios sitios
 De meu Loch na Garr !

Fragmento.

(Traduzido de Ossian.)

Vem de Lumon ó astro sempre bello!
 Do retiro obscuro sae; é tempo!
 A tormenta cessou; do valle a briza
 Balança a verde grimpa dos carvalhos
 Do Castello de Morven! « Eu conheço
 Teus cruentos pezares; nem m'espanto
 De ver teu rosto se molhar de pranto.
 Mas um dia na vida os bravos morrem!
 O proprio Fingal morre; heróe tão grande;
 E, como fumo ou pó, levou o vento!
 Teu amante viveu; mas não censures,
 Não lamentos a sorte qu'elle teve!
 Qual um Rei triumphante elle morreu!
 A harpa d'Ossian, em tristes cantos
 Celebrou sua morte; e, immensa gloria
 A' fugitiva sombra lhe enviou!
 Oh! qu'elle como eu, não vio seu filho
 Inda tão joven, minhas esperanças,
 Cahir aos golpes de assassino ferro!
 Sob tectos reaes, áureos palacios,
 Conquista filha do seu forte braço,
 Brillão inda p'ra elle puros dias!
 Eu tambem já fui Pai; já tive um filho;
 Oscar, qual branco lyrio florescia
 A' meus olhos, presente! Flôr singela,
 Simples ornato d'este sólo amêno,
 Murchou aõ romper d'alva; em pó desfez-se!
 Hoje só permaneço; o filho e a espôza,
 Se tornárão cadaver; só eu vivo!

Insultos e ameaças.... oh! quem sabe...
Meus tardos passos seguirão um dia
No castello de Morven, isolado!
Meu debil braço sem vigor, sem forças,
Deixará sem castigo tanta audacia?
Vem, Sulimala, senta-te em meu carro;
Do ermo, triste, merencoria pomba!
Em iguaes infortunios nos achámos!
Vem, pois, segue meus passos; juncto á Fingal
Molharemos de pranto nossos rostos!
Tu chorarás a Cathmór, o intrepido!
E eu, meu filho Oscar, o malfadado!



○ Amôr triumphante

(Traduzido de Schiller).

E' pelo amôr que os deuzes são felizes;
E que os homens aos deuzes se assemelhão!
Torna mais bello o céu, e faz da terra
Mansão celestial o amôr sómente!

Um dia, o Mundo (no dizer dos Poetas)
De rochedos stereis foi formado,
E a pedra d'homens assumio as formas,
De rocha e pedra corações lhes dêrão;
A luz celeste, então, de suas almas
Não aclaráva a noite!

Não lhes dêrão prazer as ternas muzas
De ouvirem dos seus cantos a harmonia;
Nem mesmo o doce amôr trazer-lhes vinha
Roseas, frescas corôas!

Para tecer-lhe floridas grinaldas
Nem um amante havia! As primaveras
Voavão para o Elyseo;
Ninguem saudava a auróra, que do seio
Dos mares s'elevava;
Ninguem saudava o sól, quando emergia
Seus frios raios no intimo das ondas!

De um ferreo jugo sob o pezo erravão
Esses miseros seres á luz baça
De um pallido luar; secretas dôres,
Nenhumas, para os astros s'elevavão,
Em seus desejos, implorando os deuses!

Mas eis que d'entre as vagas azuladas
 Sobre a margem brinca . . . eis que apparece
 Doce filha do céu, folgando, alegre,
 Trazida pelas Nayadas!

Mocidade novel, d'então, inunda,
 Qual crepusculo d'auróra, o mundo inteiro,
 A terra toda, o ar, o céu, e as vagas!

Odóras flôres na raiz das arvores
 Desbrochão; e a luz do sôl sorri-se
 A' sombra das florestas!

Suspira já de amôr o primo canto
 O rouxinol; a fonte harmonioza
 Soluça o mesmo canto!

Feliz Pygmaleão! Teu marmore frio
 Anima-se e se move! Oh! Deus do Amôr
 Invicto poder, tua prole abraza!

E' pelo amôr que os deuzes são felizes;
 E que os homens aos deuzes se assemelhão;
 Torna mais bello o céu, e faz da terra
 Mansão celestial o Amôr sómente!

Alto, sobre seu throno, o raio branca
 Jupiter sentado; o Olympo treme;
 Sacode a fronte o soberano Mestre
 Com áres de ameaça!
 Abandona, porém, seu throno aos deuzes;
 P'ra juncto desce dos terrenos filhos;
 E qual pastor da Arcadia, entre a folhagem
 Jupiter suspira! E o vencedor
 Dos Gigantes Titanes dorme, escravo,
 De Leda ao som dos beijos!

Por entre largos e alongados plainos
 Os cavallos do sôl Phebus dirige
 Seguro á redeas d'oiro;
 Inteiras povoações abraza em marcha
 Com seus dardos de luz;

Phebo abandona seus luzentes raios...
 Seus brilhantes cavallos... tudo esquece,
 De rosto alegre, nos suaves extasis
 Do amôr e da harmonia!

Em frente á espoza do maior dos deuzes
 Os planetas se inclinão ;
 E os soberbos pavões brilhão diante
 Do seu pompozo carro ;
 E em seus cabellos perfumados vê-se
 A suprema corôa!

Bella deuzza, o amôr váe tambem lêdo
 Chegár mais perto á tua magestade!
 Dos deuzes a Rainha é pois forçada
 A' descer das esphéras elevadas
 Para das graças demandar o cinto,
 A' que unica encadeia os corações!

E' pelo amôr que os deuzes são felizes ;
 E que os homens aos deuzes se assemelhão ;
 Torna mais bello o céo, e faz da terra
 Mansão celestial o amôr sómente!

O amôr, das trevas, illumina o imperio ;
 O inferno do amôr, prompto, se acurva
 A' potente magia ;
 Os olhos de Plutão se ameigão, brandos,
 Aos da filha de Cere'almos sorrizos!
 O amôr, das trevas, illumina o imperio!

Nos Infernos, Orptheo, teu canto echoava,
 Com sonóro arruido; e foi d'est'arte
 Que os teus cantos domarão,
 O guarda horrivel das sombrias márgens!
 Minos, com os olhos humidos de pranto,
 Lavrou sentenças menos rigorozas ;
 As raivozas serpes, com ternura as faces
 Beijarão das Megéras; e o azorrhague
 Suspenso, foi deposito!

Ao som da lyra qu'empunhava Orpheo
 O abutre de Tythion foge appressado;
 O Cocyto e o Lethes parão suas ondas,
 Para, attentos, prestar-te ouvido aos cantos
 Porque ao amôr teus cantos consagraste !

E' pelo amôr que os deuzes são felizes ;
 E que os homens aos deuzes se assemelhão;
 Torna mais bello o céu, e faz da terra
 Mansão celestial o amôr sómente !

Semeados de flôres, só de flôres
 São os passos de amôr, por entre a eterna
 Surridôra natura; e, em toda a parte,
 Suas azas d'oiro, fluctuantes, voão !
 Se eu não visse os olhares de Aphrodita
 Nos raios do luar ;
 Se nos raios do sól eu não sentisse
 Sorrirem-me os amôres no oceano
 De innumeraveis astros. . . .
 O sól, a lua, os astros, jámais nunca
 Minh'alma animarião !
 E' o amôr, o amôr, que se reflecte
 Na natureza só, qual n'um espelho !

De amôres falla o corrego de prata ;
 A' correr mais suave o amôr lhe ensina ;
 Nossas almas a vóz de amôr escutão
 Do rouxinol nos quebros suspirozos ;
 O amôr, o amôr, só, nas vozes todas,
 Se faz comprehender, da natureza !

Cede, cede ao amôr, foge p'ra longe
 Sabedoria d'olhos penetrantes ;
 Se nunca o duro joelho ao chão vergaste
 Em frente dos Monarchas,
 Curva, verga o joelho, ao amôr, constricto !

Quem foi que aventurou, com um passo ousado,
 Pelo caminho dos astros elevar-se
 A' morada dos deuzes ?
 Quem foi, que abrindo, nos mostrou do Elyseo
 O puro sanctuario
 Por entre as rôtas fendas do semplebas ?

Nos ensina o amôr que hemos poderes
P'ra sermos immortaes!
Em balde, sem o amôr, nossos espiritos
O Universal sob'rano encontrarião!
E' o amôr, o amôr que só, nos leva
P'ra o Pae da natureza, as nessesas almas!

E' pelo amôr que os deuzes são felizes ;
E que os homens aos deuzes se assemelhão ;
Torna mais bello o céu, e faz da terra
Mansão celestial o amôr sómente!



A Emma.

(Traduzido de Schiller).

Passou-me, ó Emma, nas sombrias nuvens
 De um longinquo horizonte, a flicidade!
 Não vêem mais meus olhos qu'uma estrella
 Que bella ainda, com amôr, contemplão!
 Esta estrella, porém, é luz da noite,
 Porque as estrellas só nas trevas brilhão!
 Se em longo somno mergulhada fosses,
 Se os olhos t'os fechasse a morte dura,
 Tu pr'a o meu coração viveras, Emma;
 Tu ficáras em posse ás minhas dôres!

Mas oh! porque tu vês do sól o brilho
 P'ra os meus amôres tu não vives inda?

Acazo podem, minha Emma, doces
 Os desejos do amôr serem ligeiros?
 Chama-se amôr o que s'extingue e morre?
 Como um bem, que è da terra, póde a flamma
 Celeste, assim sumir-se?



Fragmento.

La róse se livre au Zephyre;
 La doce colombe au ramier;
 L'onde amoureusement soupire
 Sous la rame du batelier!
 Or, la fleur, la colombe, l'onde
 Me donnent des leçons d'amour;
 Et, pourtant, ma mère me gronde
 Quand je veux aimer á mon tour!

TRADUÇÃO.

Ao Zephiro a roza se abandona;
 A docil pomba ao bravo companheiro;
 A onda, mansa e languida ressôna
 Sob o remo que agita o bateleiro;
 A pomba, pois, a onda mansa, a flor,
 A amar me ensinão dando-me licção;
 Mas minha mãe me tracta com rigôr
 Quando eu quero ensaiar meu coração!



A Consciencia.

(Traduzido de Victor Hugo):

Quando dos filhos seus, semi-vestidos
 De pelles de animaes Caim fugia
 Das iras do Senhor,
 Com o cabello revolto, e o rosto pallido;
 Em meio dos trovões, tombava a noite!
 O apprehensivel homem juncto ao topo
 Chegou de uma montanha, situada
 Em planicie espaçosa;
 Fatigada a mulher e os filhos d'elle
 Sem folego lhe dizem: « Sobre a terra
 « Deitemo-nos um pouco, e adormecemos »
 Só Caim não dormio; perdido em scismas,
 Ao pé dos montes, meditava alerta!
 Levantando a cabeça, eis vio no fundo
 Dos céos escuros, grandemente aberto,
 Um olho que nas trevas o affligia,
 E que na sombra fixamente o olhava!
 « Inda estou muito perto! » A' tremer disse:
 E vae os filhos despertar que dormem;
 A' mulher fatigada erguer nos pulsos;
 E, sinistro, á fugir, se atira ao espaço!
 Trinta dias andou e noites trinta!
 Pallido e mudo elle ia, estremecendo
 Ao mais leve ruido, receiozo,
 Sem olhar para traz, sem tregoas nunca,

Sem somno e sem repouzo! e do paiz
 Depois chamado Assur, emfim chegando
 A's praias arenozas d'esses mares
 Vamos parar aqui, disse: « Este asylo
 « E' seguro; fiquemos! Nós do mundo
 « Aos limites chegamos! » E sentou-se...
 E sentou-se Caim. Lá, nos céos môrncs,
 Vio, no mesmo lugar, o olho importuno
 No fundo do horizonte! Estremecendo,
 Preza de um negro calafrio, disse:
 « Occultai-me! » E o tremor do avô tigrino
 Seus filhos todos contemplavão, mudos,
 E esquecido na bocca o dedo tinhão.
 Caim disse á Jabel — Pae dos que elevão
 No deserto profundo as moveis tendas;
 « Deita o panno da tenda d'este lado! »
 Dezenrolou-se o muro fluctuante;
 Plumbeos pezos firmarão-lhe os extremos.
 « Mais nada vedes? » Diz Tzilla, a loura,
 Mimoza filha dos seus filhos, doce
 Como a auróra ha-de ser! Caim responde:
 « Eu vejo esse olho ainda! »
 Jabel, o Pae dos que passão nos burgos
 A' soprar nos clarins, tocar tambôres
 Jabel disse: « Pois bem! Vou construir-vos
 « Uma barreira » E fez de bronze um muro,
 E collocou Caim por detraz d'elle.
 E Caim disse á elle: « Me olha sempre! »
 Vem Henoch e lhe diz: « E' pois, preciso
 « Edificar um ambito de torres,
 « Que tão terrivel seja, que não possa
 « Alguma cousa approximar-se d'elle!
 « Uma Cidade construamos, pois,
 « Com sua cidadella, uma cidade
 « Que nós a fecharemos. »
 Então Tabalcaim, Pae dos ferreiros,
 Uma cidade enorme, sobrehumana,
 Começou de formar. E os seus Irmãos
 De guarda na planicie os filhos Enos
 E os filhos de Seth repellião.
 Uns vazavão os olhos dos passantes;
 Lançavão outros flexas ás estrellas;
 De panno a tenda se tornou granito;

Prendeo-se á cada pedra élos de ferro;
 E parecia do inferno uma cidade!
 Dos torreões a sombra nas campinas
 Se assemelhava ao aproximar da noite;
 Aos muros deo-se colossal grossura;
 Sobre a porta gravou-se « Aqui nem Deus! »
 No centro, em uma torre de granito,
 Encerrarão o avô furiozo e lugubre
 « Diz-me agora, ó meu Pai, sumio-se esse olho? »
 Tremula e triste perguntou Tzilla:
 E Caim respondeo: « Não; sempre o vejo! »
 Então elle exclamou: « Eu quero, como
 « Em seu sepulchro um homem solitario,
 « Sob a terra habitar; não ver mais nada;
 « E mais nada me vê! » Abrio-se um fosso.
 E Caim disse: « Está bem » Incontinente
 Desce, sózinho, sob a fria abobada;
 Quando, porém, na sombra elle sentou-se,
 E lhe fechou alguém o subterraneo,
 O olho estava lá, cozido á tumba,
 E fitava Caim!



O Fugitivo

(Traduzido de Schiller).

Vivificante, a matutina briza,
 Docemente se eleva; a luz risonha
 Penetra os ramos do sombrio abeto;
 E sobre nuvens, que montanhas, c'róão,
 Doirados raios brilhão!

Alegre, em doces cantos, a calhandra
 Envia saudações harmoniozas,
 Ao sól que se sorri, que já se inflammã,
 Nos braços do arrebol!

Deus te salve, ó luz! No valle e serros,
 Teus raios tibios o calor derramão;
 Como tapetes de brunida prata,
 Os teus prados reluzem!
 Stão nas perolas de orvalho scintillando
 Myriades de sóes!

Em um doce frescôr da natureza
 Os brincos principião; e os Zephiros
 Adejão com amôr da roza em tórno;
 E as campinas risonhas, de perfumes
 Suaves, estão cheias!

Das Cidades no céu fluctuão nuvens
 D'escurissimo fumo!

Escouceão, relinção os cavallos;
 Rodão os carros no echoante valle;
 Se anima o bosque; pairão pelos ares
 Os falcões, gaviões; altivas aguias,
 Seu vôo elevão té tocar os astros!

Onde deverei ir, da paz no encalce,
 Com o meu bastão de peregrino, aonde?

Tão surridôra, tão risonha a Terra,
 Com sua vida, sua mocidade,
 E' u.n tumulo p'ra mim!

Luz da manhã. levanta-te e collure
 Com teus beijos as urzes e campinas!

Crepusculo da tarde. oh! volta... volta!
 Briza da noite de murmurios doces,
 Vem! Adormenta o mundo fatigado!

Auróra da manhã... tua luz reveste
 Um campo só de mortos!

Briza da tarde... no meu longo somno,
 Tu sómente murmuras!

Enlêvo.

(Traduzido de Schiller.)

Eu creio, ó Laura, mergulhar-me em raios
De um céu de primavera; eu creio ó Laura,
Em torno d'este mundo arremessar-me,
Quando teus ternos olhos nos meus olhos
Entornão sua chamma!

Eu creio que respiro o ar puro.... ethereo....
Oh! quando a minha imagem se reflete
No azul celeste de teus bellos olhos!

Eu creio ouvir do Paraizo as harpas...,
A' amorosos transportes minha muza,
E a melodia dos astros, se abandona
Quando um accento harmonioso escapa,
Da encantadôra bocca!

Como aos accordes da orphêa lyra
Vejo do amôr as azas se agitarem;
N'um doce abálo as arvores tremerem
Por detraz dos teus passos!
E em redór de mim, rapido, os pólos
Girão, quando os teus pés na dansa livre,
Balanção como a onda, que ligeira,
Se alonga e se retráe!

Quando, ó Laura, o amôr te agita os olhos
Os teus olhos darião vida ao marmore,
E palpitar farião os rochedos!
Laura! Laura.... os teus sonhos, quando eu posso
Lêr um pouco em teus olhos, não são sonhos,
E' pura realidade!

O Poeta moribundo.

(Traduzido de C. H. Millevoye.)

Cantava o poeta; da lampada firme
Os pallidos raios já se ião sumindo;
E elle, já quasi á morrer como ella,
Suas vozes sentia já irem fugindo!

Que rapido destino foi o meu!...
A flôr da minha vida se murchou;
A tarde do meu dia tormentoso
Quasi á manhã chegou!

Em longinqua praia existe uma arvore,
Onde habita o prazer juncto com a morte;
Desgraça áquelle que dormio á sombra
De seus ramos fallazes!
Volupia dos amores! Esta árvore
E' tua imagem! E eu, viajor leviano,
Debaixo repouzei da mortal sombra....
Mereci minha sorte!

Quebra-te, ó lyra, de um amôr tão grande!
Não viverás depois de minha morte!
E dormirãõ comigo esses teus hymnos
Sob a tumba, sem fama e para sempre!
Não hei-de apparecer em frente ao throno
Austero do porvir, que as glórias julga,
Com inflexivel voz, ganhas na terra;
Como nas margens dos seus tristes lagos,
Julgava o Egypto a sombra dos seus Reis!

Oh! meus amigos que me fostes cáros;
 Meus companheiros qu'encontrei, dispersos,
 N'esta triste viagem; sêde herdeiros,
 Dos meus cantos mesquinhos; e do olvido
 Trabalhai por salvar alguns ao menos!
 E vós mulheres, por quem sei que morro
 Mas á quem eu perdôo, os vossos traços
 Inda se offrecem á meu olho incerto
 Como um raio de sol do outomno, ou como
 Um sonho da manhã!

Doces phantasmas! Vinde! A minha sombra
 Uma lembrança ultima vos pède
 De agonia e de amôr... Desfolhai juncto
 Do meu cypreste, por offrenda, as rózas
 Que um dia apenas vivem!

.....
 Cantava o poeta; quando de repente
 Da mão moribunda soltou-se-lhe a lyra;
 Sua lampada, extincta morreu, e como ella
 No dia seguinte elle já não respira!

Cantos de Selma.

(Traduzidos de Ossian.)

Olhar casto da noite estrella branca,
 Brillante luminoso, do crepusculo
 Na fronte azul, o qu'olhas na planicie?
 Calou-se o vento; o echo da montanha
 Parece ir-se sumindo; as vagas lambem,
 Plajnas e quietas, do rochedo a base!
 De perfumes envoltos vespertinos,
 Volteando ás tontas, os insectos enchem
 De enfadonho zumbido os ares mudos!
 Brillante estrella o que olhas na planicie?
 Mas teu doce clarão já desce aos poucos
 P'ra as bordas do horizonte!
 Para te receber, banhar-te a argentea
 Cabelleira, de mar abrem-se em meio
 Promptas as ondas, ó celeste filha!

Adeos estrella do silencio amiga;
 Assim em vez do teu, se accenda o fogo
 Do genio meu, que sinto sob os gelos
 De minha idade se animar ainda!
 Com a sua luz eu torno á ver as sombras
 De meus amigos reunidos no alto
 Das colinas de Lora; e, circumdado
 De seus heróes Fingal eu ahi vejo!
 Revejo os bardos meus rivaes: Ullino
 O venerando, Ryno o magestoso,
 Alpino cuja voz são melodias;
 Miuna a triste, tão choróza sempre!

O' meus amigos, como staes mudados!
 Desde os dias em que nós disputámos
 Quem do canto teria o altivo premio
 Nos festejos de Selma; similhando
 Da primavera os zephiros que brincão
 Sobre a collina, e que, á um doce sôpro,
 De suas azas brandamente ameigão
 As pequeninas hervas!

Foi n'uma d'essas festas em que a terna
 Minona virão, toda feita em pranto,
 D'olhos fitos no chão, tristes, chorózos,
 Relembrando o passado! Pra escutal-a
 Os heróes commovidos se inclinárão,
 Quando a vóz ella ergueo, melodioza!

De Salgar que jaz hoje sob a terra
 Ella cantou os seus tristes amôres;
 E de Colma infeliz que juncto d'elle
 Dorme o ultimo somno!

Promessas de voltar antes da noite
 Fez salgar á Minona; a noite chega
 Descendo em torno d'ella, que sozinha,
 Sobre a collina abandonada vê-se!
 Oh! meus amigos, sua queixa ouçámos!

COLMA.

E' noite; eis-me aqui só n'esta collina;
 Da tempestade as nuvens se amontoão;
 Ouço o vento soprar; e ir da montanha
 Os flancos açoutando!
 A torrente que cáe brame descendo
 P'lo dorso da montanha; e eu não vejo
 Asylo algures que m'offreça abrigo!
 Ai de mim que estou só!

Facho das noites, lua, ergue-te e sae
 Do seio das montanhas! Espalhai-vos
 Éstrellas brancas no celeste véo!

Luz nenhuma benefica me guia
 P'ra onde está meu querido! Elle repouza
 Talvez n'algum retiro, das fadigas
 Da caça, com o arco frouxo juncto d'elle;
 De seus cães arquejantes, rodeado!

Ai de mim qu'esta noite é pois forçozo
 Que abandonada eu passe n'estes sitios!
 O rumor da torrente, e o vento cresce;
 E a vóz de meu querido ouvir não posso!

Salgar, que m'é tão firme, porque tarda,
 Porque não vem cumprir sua promessa?

Foi meu bello Salgar juncto d'esta arvore
 D'este rochedo juncto, e d'este arroio,
 Que prometteste vir antes da noite!
 Salgar, onde stás, dize?
 Por ti deixei meu irmão; por ti fugindo
 Abandonei meu Pae; há longos annos
 Que nossas gerações discordes, vivem!
 Mas nós, Salgar, não somos inimigos!

Aguas e ventos socegai um pouco
 A fim de que Salgar me escute as fallas;
 Salgar, Salgar, sou eu, eu quem te chama,
 A arvore está aqui; olha o rochêdo;
 Colma te espera; porque tardas tanto?

Eis qu'enfim apparece a lua, e a onda
 Brilhar no vallezinho agóra eu vejo!
 E a encardida cabeça dos rochedos
 Já se descobre; mas, no cimo d'elles,
 Eu não o avisto, e nem seus cães o guião!
 Desgraçada de mim aqui sozinha!

Porém quem são aquelles que eu descubro
 Deitados n'esta malta? E' meu amante?
 E' talvez meu irmão? Fallai-me, amigos!

Nada respondem; de terror minh'alma
Sinto agitar-se. Então é que morrerão!
Suas espadas stão tinctas de sangue!
Porque ao caro Salgar, irmão, mataste?
A' meu Irmão, Salgar, porque mataste?
Comvosco eu repartia iguaes affectos!

Para louvar-vos, que direi? Tu eras,
Salgar, o moço que mais bello achava,
Dos habitantes todos da collina!
Braço da morte, em campo de batalha
Tu éras, meu irmão! Fallai-me, amigos,
Escutai, minha vóz... Mas oh! se calão!
Elles se calão para sempre agora!
Seus corações gellados não palpitação
Mais sob a minha mão!

Sombras queridas respondi-me do alto
De vossas róchas e elevados montes.....
Não me assustaes; dizei: Onde o repouzo
Fostes buscar? Dizei: Qual será a grutta
Em que vos acharei?

Os ventos levão suas vózes todas;
Só fica o echo á repetir meus ais
Nas pauzas mudas que a procella deixa!
Eu me sento aqui só com minhas dôres;
Chorando eu quero esp'rar a madrugada!

Um tumulto erguei-lhes vós que os estimastes!
Não o fecheis ainda, esp'rai qu'eu entre!
A minha vida como um sonho esváe-se;
Para que ficarei, pois, juncto d'elles!
Quero achar o repouzo juncto áquillo
Que mais caro me foi; bem juncto á fonte
Que do rochedo cae!

Quando a noite seu véo fôr estendendo
Sobre as collinas eu virei, dos ventos
Nas azas, prantear n'estes lugares
Meus finados amigos. Da cabana
Humilde o caçador ha-de escutar-me!
Minha vóz será triste á seus ouvidos!

E os meus lamentos doces e arquejantes
Da Piedade lhe ha-de abrir a fonte
Quando os heróes chorar qu'eu tanto amava!

Cantava assim Minona, cujo rosto
Sympathico rubôr então fingia;
Os nossos corações oppressos stavão,
E o nosso pranto lamentava Colma!

Com a harpa em mãos Ullino adiantou-se;
De novo os cantos repetio de Alpino!

Era cheia de encanto a vóz de Alpino;
De Ryno a alma era fogo; de ambos mortos
Não mais em Selma os cantos se escutávão!

Voltando Alpino um dia da caçada
Ouvio seus cantos por Morar que a morte
Ceifado tinha, qu'era o mais valente,
Alma irmãa da de Fingal; sua espada
Como a espada de Oscar era terrível
Morar, porém, morreu! Seu Pae chorou-o;
Sua Irmãa derramou copiozo pranto....
Esta Irmãa desgraçada era Minona!
Quando ella ouvio de Ullino os cantos tristes
Bem como a lua que prevê tormentas
E a fronte bella esconde n'uma nuvem
Foi logo se afastando! E eu com Ullino
Dorido, um canto, dedilhámos n'harpa.

Ryno.

Chuva e ventos cessarão! Já vae cálmoo
O dia na metade; as nuvens soltas
Nos áres voão; para as verdes c'llinas
A mobil luz do sól foge correndo!
Róla a montanha avermelhadas aguas
Sobre as pedras do valle!

Oh!.. como me agrada da torrente
O murmurio; mas a vóz qu'eu ouço
Me é mais doce ainda! E' a vóz d'Alpino
De fronte curva pelo pezo d'annos
Que os mortos chóra com vermelhos olhos!

Filho das harmonias, porque Alpino
Te vejo só, sobre essa erma collina?
Como o vento gemendo na floresta?
Ou como a vaga em solitaria praia?

ALPINO.

Meus prantos Ryno, são por homens mortos!
Eu saúdo da tumba os habitantes!
Firme agóra de pé te vejo, ó moço;
Com a tua altura magestoza os filhos
Nascidos na planicie excedes todos
Os que mais bellos são! Mas... como o illustre
Morar has-de cahir! Virá sensível
Estrangeiro, sentar-se, e debruçado
Chorar sobre o teu tumulo! E as tuas c'llinas
Não mais conhecer-te-hão; lá, na cabana,
Teu arco frouxo ficará sem uzo!

Ligeiro como o cervo da collina
Tu eras, ó Morar; terrível como
O meteóro inflammado! A tempestade
Era menos funesta que a tua colera!
Brilhava menos na planicie o raio
Que a tua espada forte nos combates!
Ao rumôr da torrente quando a chuva
Já tem cessado; ao echo inda longinquo
Do trovão que ameaça tempestade
Tua vóz era igual, dir-se-hia o mesmo!
Mais de um heróe debaixo dos teus golpes
Tem succumbido; e o fogo da tua colera
Consumia os guerreiros! Porém quando
Voltavas do combate, o teu semblante
Como era então pacifico e serêno!
Depois da tempestade ao sól que brilha,
A' lua em noites de calmôzo estio,
A tua alma era igual; calma e serêna
Como o seio de um lago crystallino
Quando o vento no ar é mudo e quieto!

Hoje dos mortos n'um asylo estreito
Tu dormes; com trez passos messo a terra
Que occupas, ó Morar, tu qu'eras grande!

Quatro pedras musgózas te recórdão
 Na memoria dos homens; monumento
 Unico, este que perdura ainda!
 Uma arvore qu'uma folha apenas prende,
 Já murchos campos, cujas hastes seccas
 Da ventania os sopros estremecem,
 Eis o qu'indica ao caçador o tumulo
 De Morar poderôzo!

Será crível, Morar, que tu, tão môço,
 Já não existas? Tu, mãe não deixaste!
 Nem se quer uma amante p'ra chorar-te!
 Quem te deu a existencia é morta: e a filha
 De Morglan já não vive!

Quem é este ancião, que á nós se chega,
 Inclinado á um bastão? A muita idade
 Encanecido tem sua cabeça;
 Do pranto derramado, inda vermelhos,
 Seus olhos stão; seu passo é vacillante!

E' teu Pae, ó Morar; que um outro filho
 Não tinha além de ti; elle que ouvia
 De tua fama a narração nos prelios;
 E das fugidas das contrarias hostes;
 Mas que não soube teu fatal destino!

Chóra, Pae infeliz! chóra; teu filho
 Porém, não mais te escuta; sob a tumba
 Seu somno é bem profundo; e o travesseiro
 Que lhe descansa a fronte bem no amago
 Da terra está sumido! E jámais nunca
 Morar ha-de te ouvir; nem despertando
 Hade á voz de seu Pae responder nunca!

Quando a luz da manhã virá do tumulo
 As sombras dissipar-lhe? Quando o somno
 Tão longo de Morar ha-de acabar-se?
 Adeus... adeus p'ra sempre! Tu que aos homens
 Em bravura excedeste! Heróe valente
 Não mais ver-te-hão os campos de batalha
 Nem ha-de reflectir do bosque a sombra
 De tuas roupas d'aço o forte brilho!

Tu não deixaste filhos que te lembrem
Teus feitos igualando! Mas meus cantos
Do esquecimento salvarão teu nome!

Os seculos que hão de vir saberão tua gloria!
E o nome de Morar hão-de ir ouvindo!

Em nossas almas todas despertou-se
A dôr de Alpino aos cantos; mais profundo
Foi porém o suspiro que do peito
Sahio d'Armino! A imagem de seu filho
Ceifado pela morte, inda tão moço,
Na flôr dos annos vem-lhe agóra á mente!

Cormór estava ao pé do velho.

« Armino

« Lhe disse assim, porque tantos queixumes?
« Do Bardo aos cantos porque triste ficas?
« A melodia doce dos cantares
« Encanta as almas e intristece-as mais?
« São bem como o vapôr, que se elevando
« Váe do seio d'um lago e se derrama
« No val silencioso; as flôres se enchem
« D'orvalho; mas o sól reaparece,
« E o delgado vapôr se esvai aos poucos! »

Por que te assombras, pois, n'essa tristeza?

ARMINO.

Estou bem triste, sim, pois que ha motivos,
Cormór, teus filhos não perdeste ainda!
Calgar o bravo, e a tão formóza Anyra
Tu os vês, ambos vivem! Tua raça
Floresce sem morrer! Porém Armino
De sua raça extincta é o derradeiro!
Como é sombrio o leito em que repouzas
O' Daura, ó minha filha! Em teu sepulchro
Como é profundo e eterno esse teu somno!
Quando has-de despertar, Daura, e fazer-me
A doçura escutar dos teus cantares!

Ventos do outomno vinde, levantai-vos ;
 Sobre os negros tojaes, soprai; torrentes
 Das montanhas rugi; e o cimo altivo
 Dos annózos carvalhos, tempestades
 Do Norte, ide curvando!

Sobre as nuvens quebradas, rola, ó lua;
 D'espáço á espáço vae mostrando pallido
 Teu merencorio olliar! Lembra á minh'alma
 Essa noite cruel em que meus filhos
 Se perderão p'ra mim; em que o valente
 Arindal succumbio qu'era meu filho!
 Em que, como uma estrella lá nos céos,
 Sumio-se a minha filha, a bella Daura!

Como um astro da tarde sobre as collinas
 De Fura, ó minha filha, tu éras bella!
 Tu excedias na brancura á neve;
 E a tua voz tão linda, era suave,
 Como o sopro dos Zephiros!

Nada era igual á força do teu arco,
 De tua flexa a rapidez nos prelios,
 O' meu filho querido! similhavão
 Teus olhos d'homem ao vapôr sombrio,
 Que sobre as ondas se elevar costuma!
 E o teu escudo á nuvem portadôra
 Do raio embryonado!

Armar, forte guerreiro, um dia veio
 A' casa onde eu habito; apaixonado
 De Daura, quiz amal-a; excuzas longas
 Não teve de soffrer. Do par amavel
 Os sinceros amigos rodeavão
 Essa união, d'esp'rança e de alegria!
 O filho d'Odgal, Erath, em furia,
 Pela morte do irmão, que Armar matára.
 Desce ás praias do mar, mas disfarçado
 Em velho marinheiro, e deixa ás ondas
 Entregue a sua barca. Os seus cabellos
 Por muita idade brancos parecião;
 Serenos, serios, os seus olhos stavão!

Do nobre Armino, a filha mais formosa
 Das mulheres que existem, no mar alto,
 Bem proximo d'aqui, s'ergue um rochedo,
 Onde uma arvore se vê curvada ao pezo
 De avermelhados fructos. Sua querida
 Formóza Daura, ali Armar espera!
 Por entre as ondas conduzir-lhe a amada
 Foi p'ra isso que eu vim!

A crente Daura o segue; Armar chamando,
 Mas apenas aos gritos seus respondem
 Os êchos do rochedo.

Meu tão querido Armar por que me deixas
 Semi-morta de medo n'estes sitios?
 Armar, escuta; é Daura quem te chama!

A's gargalhadas atravessa o rio
 O traçoero Erath; ella ergue as vózes
 Chama o pae e o irmão; Armino, Arindal!
 Pois qué ninguém soccorre á vossa Daura?

Até á praia suas vózes chegão.

Dos despojos da caça carregado
 Vinha Arindal descendo da collina;
 Na mão trazia o arco; e as suas flexas
 Ao lado d'elle retinindo vinbão!
 Negros cães, que crão cinco, o acompanhavão!
 Elle vê sobre a praia Erath o —perfido—
 O persegue, o attaca, o prende, e o liga
 A' um rochedo; os membros do captivo
 Que com seus uivos amedronta os êchos
 Vinc'los robustos poderozos, prendem.
 No batel Arindal lança-se, e sobe
 Cortando as vagas, para sobre as praias
 Do mar conduzir Daura.

Armar lhe corre ao encontro, e firme julga
 Ser elle o raptor! No auge da raiva
 Uma flexa dispára, e a flexa vóa
 E no teu coração se enterra, ó filho!
 E, em vez de Erath, tu foste immolado!
 Fica immovel o rémo; sobre a rôcha

Meu filho cáe, se extorce, e enfim succumbe !

Que funda angustia não soffreste, ó Daura,
Quando viste correr fraterno sangue !
Contra a rócha o batel as vagas quebrão,
Armar lança-se á nado, resolvido
A' Daura soccorrer ou achar a móрте !
Forte golpe de vento, de improviso,
Dos lados da collina desce; as ondas
Armar abysmão, que não volta mais !

Sobre o rochedo, só, que o mar circumda
Enchia Daura o espaço de gemidos !. . .
Seu triste pai, ouvindo seus lamentos,
Levar-lhe algum soccorro não podia !

A noite inteira sobre a praia estive;
Por entre a fragil claridão da lua
Eu via minha filha; a noite inteira
Seus pungentes gemidos stive ouvindo,
Como a vóz dos phantasmas ! Furiozo,
Soprava o vento; e os flancos das montanhas,
Da tempestade a chuva ia açoutando !

Inda a áurora não tinha apparecido
Quando de Daura a vóz fraqueando aos poucos,
Foi-se extinguindo, qual frouxo murmurio
De muribundo Zephiro nas folhas !
Tinhão-lhe as dôres esgotado as forças
Morreu ! E só deixou-te, infeliz Armino !
Perdeste o filho que te dava alento
Quando ias ao combate; e o teu orgulho
No meio dos festejos, que fazias !

Desde essa noite horrivel, quando as vagas
O Nordeste alevanta, e a tempestade
Vem descendo dos montes, sobre as praias
Do mar vou-me sentar; e no rochedo
Fatal meus ólhos permanecem fixos !

Quando a lua no poente empallidece
Que de vezes hei-de visto de meus filhos
Suas sombras junctas, que conversão triste !

Não tendes pena do soffrer de Armíno?
 Não respond'reis um dia as vózes d'elle?

Ai de mim! Elles passam.... não me vêem!
 Stou triste, sim, Carmór, meus soffrimentos
 Não são pequenos, têm motivos grandes!

Assim em Selma os Bardos entoavão
 Seus cantos, e de Fingal o repouzo
 Com o som de suas harpas encantávão,
 E com as narrações dos tempos idos!
 Para ouvir seus concertos de guerreiro
 Correndo os chefes vinhão das collinas,
 Louvando á O'ssian o primeiro d'elles

Hoje, porém, os frios da velhice
 Têm minha lingua entorpecido; extincta
 A minha alma hoje está; comtudo ás vezes
 Dos bardos sinto ainda as sombras d'elles,
 E procuro reter seus hymnos tristes!
 Minha memoria, porém, já me abandona,
 E a voz dos annos, ao passar me grita,
 « Porque O'ssian tão velho canta ainda? »
 « O'ssian, qu'em breve n'um jazigo estreito
 « Repouzo ha-de encontrar; sem qu'algum Bardo
 « Sua fama çelêbre! » Ide passando.
 Meus tristes annos, ide; já que alegres
 Passatempos não mais trazer-me haveis!
 Abra-se o tumulo, pois, e O'ssian receba;
 Pois suas forças se exgotarão todas!

Os filhos da harmonia forão todos
 Do repouzo gozar; fica apóz elles
 Minha voz abatida, qual sussurro
 Qu'inda murmura na quebrada rócha
 Batida pelas vagas, quando os ventos
 Se calão todos, e, de longe, o Nauta
 Conten:pla, ainda uma vez, os ultimos b'lanços
 Das árvores da patria, que se somem
 Nas orlas do horizonte!

O moço enfermo.

(Traduzido de André Chenier.)

Apollo, Apollo, tu qu'és Deus da vida
 E dos sacros mysterios;
 Tu qu'és Deus Salvador, Triumphante e Joven
 Deus que a Python venceo, condoe-te d'elle!
 Tu que as plantas conheces salutareo,
 Tu que d'ellas és Deus, m'ensina alguma,
 Que o mal atalhe de meu filho enfermo!
 Condoe-te, Apollo, de sua mãe choróza,
 De sua mãe que só por elle vive;
 Que em abandono morre; e que não póde
 Resignada olhar morrer seu filno!
 Apollo, moço Deus, soccorre-o; é joven;
 Abranda a febre que o seu seio escalda
 Que a flôr devóra de sua vida insonte!
 Se eu conseguir, Apollo, que meu filho
 Do tumulo escapando, volte ao Ménalo
 A' cuidar dos rebanhos como outr'ora,
 Com estas velhas mãos, eu te prometto,
 Tua estatua enfeitar com a minha taça
 De puro onyx, à teus pés suspensa;
 E em cada novo estio, um bravo touro
 Em teu altar farei morrer, Apollo!

Então, meu filho, és tu sempre impiedôzo?
 Teu funesto silencio é inexoravel?
 Queres morrer, meu filho? A pobre velha
 Deixar tão só, tua mãe, no fim dos annos?
 Que os teus olhos componha quando morto?
 Que ás de teu Pae eu juncte as cinzas tuas?
 Estes cuidados só de ti eu esp'rava;
 E o meu tumulo tambem. teu pranto e adeuzes!

Meu filho, falla, que pezar te gasta?
 Não me escondas teus males: falla, filho!

O mal dissimulado é mais amargo!
Ergue um pouco os teus olhos macerados!

Adeus, eu morro; mãe, não tens mais filho;
Não tens mais filho, minha mãe querida!
Oh! que eu te perco, eu sei! Róe-me uma chaga
Ardente e gangrenada! Oh! com qu'exforço
Respiro.. Eu creio, ás vezes, que p'ra sempre!
Não quero mais fallar... adeus!.. adeus!....
Este leito me fére... esta coberta....
Me péza tudo... tudo me afadiga!...
Arrima-me que eu morro! Estou tão fraco!...
Oh! vira-me d'ilharga!.. Eu expiro! Oh! dôrest!

Toma, filho querido, este remedio:
Refarte-ha seu calor, força e coragem;
A malva e o poejo tem com as dormideiras
Misturado seus succos poderozos....
E te darão repouzo! Uma Tessalia
Doida de meu pranto, sobre o vazo
Que fervia em caixões, compôz encantos.
Teu debil corpo vio do sól trez giros
Sem Ceres conhecer, sem dar-se ao somno!
Toma, meu filho, cede ás minhas preces!
E' tua mãe que chóra sem consòlo....
Tua mãe que outr'ora te guiava os passos....
Que te sentava ao collo, e carregava;
Que dizias amar, que t'o ensinava!
Tua mãe que cantava, e muitas vezes
Te forçava á sorrir, quando os teus dentes
Já rompendo as gengivas doloridas
Teus olhos infantis chorar fazião!
Toma, meu filho, aperta com teus labios
Gelados, incolôres, qu'estes pe'los
Tu na infancia apertaste, ó filho, aperta,
Aperta um succo que te nutra e venlia
Appressado valer-te, como outr'ora,
O meu peito nutrio teus primos dias!

O' costas de Erymontho! ó bosque! ó valles!
Sonoro e fresco vento que a folhagem
Causavas dessocego; e que a onda pura
Tu fazias tremer; e que agitavas

Sobre seu joven seio as molles dobras
 De sua veste de linho! Agil, dançante;
 Esquadrão de bellezas, vans e ligeiras!
 Nas bordas do Eymantho, sabes... sabes?
 Lá nem serpentes, nem vorazes lobos
 Nem venenos que matem!
 O' divo rosto! ó festas! ó canções!
 Flôres, uma onda pura, e mil devezas...
 Não há lugar tão bello em todo o mundo!
 Nunca mais os verei, Deuzes, tão brancos
 Descalços esses pés tão delicados!
 Me leva, leva do Erymantho ás margens!..
 Quero inda desse tecto vêr ao longe
 Erguer-se o fumo em longos espiraes!
 Quero vêr essa virge encantadôra!
 Oh! Paê muito feliz que ao lado sentas
 A virgem filha que t'encanta a velhice!
 Com seus discursos. sua vóz tão terna!
 Por cima, ó Deuzes da elevada sébe
 Com passos lentos pensativa a vejo
 Com seus cabellos longos, espalhados,
 Sobre um tumulo só, e inanimada
 Ficar de pé, chórar sua mãe querida!
 Que doces olhos e que rosto bello?!
 Tu tambem chorarás sobre o meu tumulo?
 Tu, tão bella mulher, virás sobre elle
 Soluçando dizer: « Parcas crueis! »

Ah! meu filho, é o amôr, o amôr que louco
 A' um ponto tal ferio-te cruelmente?
 Ah! meu filho infeliz, que fracos somos!
 E' este amôr que aos homens sempre afflige!
 Se d'olhos d'homem, d'escondido pranto
 Não conheces a fonte!... oh! lêde... vêde...
 Bem fundo o coração pelo amôr vencido!
 Diz, meu filho, porém, qu'amante Nympha
 Que virgem viste ás bordas do Erymantho?
 És bello e rico; tão sómente as dôres
 Da face um pouco as flôres te extinguirão!
 Falla; diz-me, é Eglé, do Rei das ondas
 A filha encantadôra, ou a joven Irena
 De loiras, lorgas tranças?
 Ou essa b'leza attiva, cujo nome

Tão bello, eu ouço repetil-o sempre;
 De quem as bellas são ciozas todas?
 Que as mães, espôzas nos festins nos témplos
 Não podião vél-a sem espanto
 Sem pasmo e soffrimento, como dizem?
 A bella Daphné?....

Deuzes! Que has dicto?!..
 Cala-te, ó minha mãe; por Deus não falles!
 Ella é bella audaz, terrível, firme
 Bem como os immortaes; amão-n'a em balde
 Em vão milhares buscão seduzil-a!
 Segredo! ó minha mãe! Porque quaes outros
 Só della eu obteria audaz recuza!
 Oh! tormentos! ó morte! ó mãe querida!
 Bem vês meus dias em que enojos perecem!
 Escuta a minha prece, e vem valer-me!
 Eu morro; corre á achal-a; e possão junctos
 Teu rosto e a tua idade, a sancta imagem
 De uma mãe á seus olhos off'recer-lhe!
 Toma, toma esta, cesta e os nossos fructos
 Da mais bella estação; e a taça d'onyx
 Trazida de Coryntho!
 Nosso Amôr de marfim que d'estes sitios
 Tem sido sempre a honra! Oh! toma tudo...!
 Meu coração, meus ternos cabritinhos
 Minha vida tambem! Diz-lhe quem sou;
 Lança tudo á seus pés, diz-lhe que eu morro;
 Que tu oh! minha mãe não tens mais filho!
 Cae aos pés do ancião; geme; supplica;
 Conjura céos e mares, templo e Deuzas,
 Altar e Deus; e parte; e se voltares
 Sem tél-os feito te escutar as preces
 Adeus, ó mãe, adeus! não tens mais filho!

Eu terei sempre um filho! A bella esp'rança
 Me diz que eu vá, me acena! Ella se inclina;
 A fronte opaca pela angustia e pranto
 De mistura com os beijos maternas
 A triste cobre n'um silencio doce;
 Ligeira, inquieta e tremula se auzenta
 Com o andar receiozo e debil pela idade!

Ella que chega: de longe, arfando alegre;
 « Tu vivras, tu vivras meu caro filho!»
 Ella vem se sentar aos pés do leito!
 Com um sorriso na bocca o velho a segue,
 E a bella joven que corada e humilde
 Seguros olhos lança sobre o leito!
 Extremece o insensato; e sob as dobras
 Da cobertura quer sumir o rosto!
 Há trez dias, amigo, diz-lhe a moça,
 Que das festas fugiste! Que tens feito?
 Por que queres morrer? Diz-me; tu soffres?
 Alguem me disse que me amavas muito!
 Vive pois, meu amigo, e d'hoje em diante
 Uma familia formaremos todos;
 E assim ligados por tão puros laços
 Meu Pae será teu Pae, tua mãe a minhã!

FIM DA TERCEIRA E ULTIMA PARTE.



ESTUDO CRÍTICO.

ESTUDO CRITICO.

A collecção de cantos que tenho diante dos olhos, e de cuja critica estou incumbido immerecidamente pelo seu modesto e intelligente auctor, divide-se em tres partes : Poesias soltas, Intimas e Versões—. Vou tractar de examinar cada uma de per si, pedindo desculpa aos leitores e iniciados da arte, do incompleto do meu trabalho e de minha desastrada inexperiencia.

O livro de um Poeta é o livro de sua alma; seus hymnos manifestações de seu coração; paginas de sua vida; é preciso, portanto, muito cuidado, muito escrupulo em abrir essas folhas doces e perfumadas, sensiveis como a flôr silenciosa do *Lotius*, frageis como as rózas de *Smyrna*, que basta um bafejo para murcharem.

Respeito um Poeta como respeito a personalidade, como respeito os segredos, como venero a desgraça; se alguma couza injusta disser, se alguma corda quebrar da sua harpa, é devido á minha ignorancia, não ao desejo de ostentar, nem querer passar por mestre, nem tudo demolir. Deixo á outros essa desoladóra missão.

Passo á examinar agora, encarando debaixo de dous pontos de vista, as composições do Sr. Ferreira de Menezes; o do fundo e da forma, começarei, segundo o meu programma pelas

POESIAS SOLTAS.

E vária a essencia d'estas primeiras produções, como o titulo o justifica; ellas não têm ligação alguma entre si; são

peças distacadas; escriptas debaixo de impressões diversas e quadros extranhos uns aos outros. A tristeza, a alegria, o amor, os rizos satyricos, encontrão-se, roçãõ-se, misturão-se segundo o humor e a disposição do Poeta. Há ali alguma cousa de sarcasmo de *Heine*, de pastoril de *Gessner*, e do picante de *Nicoláo Tolentino*. São paginas desencontradas; e, á leitura d'ellas, parece que o auctor as compôz cada uma debaixo de um céu novo, de uma plaga remóta, de um sentimento rapido; seria pois temeridade procurar n'estes caprichosos vôos qual é o rumo que segue o Escriptor, qual a corda mais sonante do seu coração!

Assim, pois, ao lado da doçura e melancolia de sua suave canção, á par d'essa triste compaixão pela criança perdida no ermo, quando vem a noite descendo com seu pallio de sombras, e os genios invernâes levantão-se detraz das balsas para seduzil-a, no eço d'estes versos plangentes que assim começam:

Quem foi?—Teu fado
Triste e pezado
Trouxe-te aqui?
Foi teu destino?
Rumor do sino
Da ermida alli,

.....

Foge, lindinha,
Tenra florinha
N'este ermo, só!
Volta com a auróra
Mas foge agóra
Que causas dó!

Ao doce correr destas harmoniósas sextilhas, gottejantes de piedade, recreio e caricias, o tom muda; o bardo canta a vida aventureirado—*Nauta*— que lança de cima do convéz estas palavras aos ventos:

Corre, meu lindo baixel,
Os plainos corta do mar!
Avante, avante á vogar
N'este azulado oceano,

Vamos romper estas vagas,
As velas desfralda ao vento;
D'este cruel elemento
Tu sejas o soberano!

... .. .!

Um pouco adiante cessa a energia do pensamento, a robustez do verso, e vemos apparecer um tafil e rochiunchudo Vigario, amigo dos bailes, destruidor das bandejas de doces, e que pula.

Batendo os pés no assoalho
Como um pica-páo no galho!

Algumas vezes o Poeta cái em idéias vulgáres, imagens requisitadas, mas esperai elle ha-de se erguer d'aqui á um pouco; elle vos mostrará aquella formósa donzella, que corre, corre até perder-se dos olháres inquietos de quem lhe implóra um momento, um instante, aquella doce imagem de Lazzara. O Poeta é joven; é este o seu primeiro trabalho; as suas azas são fortes, mas a timidez e o receio dos monopolisadores, inimigos de concurrencia, têm lhe vedado o vôo; esperemos.

Poderia citar mais outras graciosas peças das—Poesias soltas— mas para que? O leitor que tem o livro adiante de si as verá, e creio ter apontado o character e o fundo d'estes cantos ligeiros; direi duas palavras sobre sua fórma e passarei á examinar com mais attenção as—Intimas—, aonde se revela mais amplamente o Escriptor.

Como a substancia, a fórma metrica tambem é variavel; no entanto nóto que ha maior numero de octosyllabos; a lingua-gem é doce; o estilo suave e florido, apesar de, ás vezes um pouco affectado, correr limpidamente pela rima abundante como regatos de christal sobre margens de margaridas e mysothis.

Encontro ainda um defeito, defeito relativo ao gosto moderno de versificação, o abuso das elisões e synnalephas: era isto admitido no tempo de Philintho, não hoje: comquanto não quebrem a cadencia do ritmo, endurecem estranhamente a frase como por exemplo:

Queres ir? Corre, vai, não digas *pr'onde*.

Deixemos porém de lado estes preludios da harpa do sym-pathico trovador fluminense; elle vai entrar no desenvolvimento

de suas harmonias, elle vai nos mostrar o fumo dos thurybúlos, o rizô da infancia, a corôa desfolhada de Ophelia, o tumulto de Julieta, a plumagem dos passarinhos da auróra, e as lagoas de nossa terra enrubecidas pelos arrebóes suaves de nossas tardes de estio; ouçamos, prestemos attenção ás

INTIMAS.

Coração.... sentimento.... eis as primeiras palavras da Poesia!

Ninguém pôde aspirar á esse louro santificado nas lagrimas de *Tasso* e de *Camões*, de *Musset* e *Lamartine*, sem ter sentido, sem ter soffrido e muito! A natureza é o espelho onde se mirão as Musas; os brilhantes de seus collares são lagrimas crystallizadas; o talento é o lustre brilhante que lhes illumina com seus esplendôres!

Anathema sobre esses Jeremias ridiculos que ésmollão no portico do palacio de Appollo: lamuriosos como os mendigos das Cidades nos degrãos da Cathedral! Anathéma sobre esses hypocritas da dôr, comediantes de sentimento, que peirão o ar de soluços mentidos, e atordoão os ouvidos alheios com os seus pretendidos martyrios!

Felizmente conhecem-se os lobos disfarçados, o sentimento tem accentos tão verdadeiros, notas tão convincentes, que ferem a alma.

A imitação está para a inspiração como o *Stabat mater* de Pergoleso transformado do orgão da Capella Sixtina para o cylindro de um realejo saboyardo!

Vou recordar cantos do coração; vou mostrar threnos que forão intimamente sentidos, que trazem em sua propria linguagem o cunho d'esta verdade; vou rever a segunda parte, á meu ver, a primeira, das Poesias do Sr. Ferreira de Menezes; as Intimas.

Comprehendo debaixo d'este titulo toda aquella composição que recorda uma impressão do coração, uma quadra da existencia, um facto qualquer de nossa vida, ou que esteja á ella estreitamente ligado. Assim, por exemplo, todas as Poesias que o Bardo de Newtead collocou sob esta denominação, têm o caracter que acabei de apontar; por exemplo, as *estancias á Augusta*, a *epistola á Miss Milbanks*, o *carvalho da Abbadia*, a *morte de um cão da Terra Nova*; como tambem os threnos melancolicos de Lamartine ao passamento de sua filhinha

adorada, essa bella Julia de olhos azues e leiros cabellos, morta entre todos os sorrisos da juventude e todos os clarões da primavera, ao chegar á essa montanha sombria onde se representou o mais sombrio drama do Mundo, o suicidio de um Deos, louco de amôres pela humanidade, o Calvario!

Bem quereis conhecer o Poeta? quereis ver como sua alma é delicada, timida e mysterioza, que notas sublimes a sua harpa inspirada vibrou no socego e na paz quando sabia que ninguem o escutava senão os seus? Abri as — Poesias Intimas — lêde essa bella elegia que se intitula — Morta! — em que o Auctor implora para o tumulo d'aquella que dorme sobre a louza funeraria o perfume d'essas rózas, que os Poetas Persas sonhão crescer no Paraizo do Profeta; em que implora ás estrellas que seião mais silenciozas, desção devagarinho do céu para allumiar com seus raios somnolentos o tumulo de uma virgem que transpoz os umbrâes da Eternidade sem ter provado o mel de sua juventude na taça ainda cheia de sua vida!

Segui, segui com attenção estes versos ungidos de tristeza; repeti mil vezes este brado dorido de saudade; estas imagens mimózas que surgem brillantes e coão até o coração como lagrimas quentes:

Quinze annos, meu Deus! Brincou nos lagos
 Pizou correndo por vergeis mimózos
 Seguindo a borboleta — irmã louquinha
 Inconstante no brinco e na corrida!
 Com as mãos alvinhas sobraçando as vestes,
 Arfando, alegre, de cansaço exhaasta
 Lá seguiu a gentil mulher criança
 De olhos brillantes, e joelhos curvos,
 De pézinhos descalços na carreira,
 Na carreira sem fim; airóza sempre!

.

Não é verdadeiro isto; não é exacto que parte da alma! não tem alguma cousa de mais fundo que o *te'io do meu espirito, a descrença que me rõe*, e outras desastradas *geringonças*, deploráveis consequencias de uma *eschôla sublime?*

E depois o estylo, a versificação?

Não vos recordaes de alguma noite vivida e palpitante de perfume e virações; do murmurar de um riacho entre pedras

alvas ; do balancear melancolico de um coqueiro pendido á margem de uma lagoazinha azulada, quieta como os olhos de uma criança loura?

Passai adiante. E' ainda a imagem de uma criança macilenta, palpebras roxas, fronte branca como o marmore de Carrara, com suas arterias tenues e delgadas, como ligeiros traços de lapis-azuli, labios entreabertos, como uma róza desmaiada pela geada do inverno ; é talvez a mesma sombra, a mesma imagem que a antecedente ; parece comtudo que, p'or um clarão duvidoso da lua, o Bardo sacudiu a humida camada de terra que a cobria. A amargura succede de um inefavel sentimento de consoladora esperanza contemplando-a ; a cruz de cedro levanta-se ; a cruz é a fé ; a cruz nos segue por toda a parte ; parão as lagrimas nos olhos do Trovador ; o céo envia-lhe um de seus bellos raios, e elle exclama em arroubos cheios de crença e religião :

Dorme oh ! lyrio em botão que a fouce d'oiro
Do cegador de Deus cortou tão cedo !
Vae desatar no céo, nivea caçoila
Vae vazar teu perfume aos pés de Deus !

Que delicadeza de imagens ! Que doçura de versos ! Que verdade de expressão !

Não é tudo ainda ; escutae :

Vôa, vôa bem longe, e alada alcança
O pavilhão de azul que cobre os mundos !

Não ha aqui, n'estes versos, um reflexo brilhante dos pensamentos grandiozos de Milton, de seu estylo pompôzo e soberbo ? Não ha n'estas phrazes toda a energia e robustez dos melhores Poetas de nossa lingua ?

Felizmente o livro está nas mãos de todos ; não me lançarão a sentença de exaggeração. Conheço além d'isso até onde vão as proporções.

Sou inimigo de tecer elogios hyperbolicos á quem não os merece ; assim como admiro as bellezas de um escripto, tambem sei conhecer seus defeitos. Não é porque uma obra tem alguns vicios que se deve fechar os olhos e negar os seus pontos sublimes, como é a mania geral dos improvisados criticos que muitas vezes surgem por este mundo.

Todas as vezes que uma obra vos agradar, que sentirdes uma impressão forte, que vos elevardes acima de vós mesmos, podeis dizer sem medo de errar — esta obra é bella, tem merecimento. Taes palavras de um illustre **Escriptor** formão a baze de toda a arte critica. « Lêde e julgai; não vos importeis com as pompas de uma fôfa erudição; nem presteis attenção ao diluvio de principios inuteis que têm creado os charlatães. »

Depois d'estas duas composições que citei, tão melancolicas, tão docemente elegiacas, tão cheias de prantos e saudades, crenças e consolações, eu passarei a notar uma outra Poesia de genero differente, uma que merece verdadeiramente o epitheto de — intima — porque foi vibrada pelas cordas as mais gratas, as mais sanctas do coração humano. São os bellos endecasyllabos que têm por epigraphie — Meu filho —.

Ao lêr estes versos tão simples, tão cheios de puro sentimento, não pude deixar de lembrar-me d'aquellas saudôzas palavras de Byron, ao abrir o 3.^o canto de Chil Harold. — *Ada my sole daughter of my house and heart* — e, ainda uma vez, meu coração pulsou de piedade pela desventurada sorte do primeiro Poeta do seculo, errabundo, mácerado, longe da filha amada, cujos olhos azues lhe sorrião todas as vezes que deixava as costas da Inglaterra, menos hoje.

Estas paginas, fundas de sentimento, escriptas com lagrimas, são a prova mais evidente de que o Poeta não é só, como querem muitos, Petrarca suspirando juncto á fonte de Vaucluse, nem Homero narrando as lendas do passado, nem Gessner decantando a natureza, nem Lamartine offerecendo sua lyra á Religião.

O Poeta é o que sente, e sabe cantar o que sente; sua grammatica é o Universo.

Com effeito, entre as producções dos nossos jovens Poetas da época, nada conheço de tão fiel, tão intimo, e tão puro.

Não ha negar-se o que digo.

Contemplai; é um Pae moço, intelligente e sonhador; as tempestades da vida não conseguirão turbar-lhe ainda a fronte: o mundo não a enregelou com seu positivismo: elle balança em seus joelhos uma criancinha rósea, de formas arredondadas, olhos vivos e travessos como duas borboletas negras; beija-lhe os labios carmineos e innocentes; prodigalisa-lhe as mais ternas meiguices, as mais gratas palavras. Entretanto, atravez desta ventura ineffavel, aos olhos do moço

interpõe-se uma nuvem presaga; seus braços affrouxão-se em torno do innocente; e elle murmura receiozas palavras: é a lembrança da morte; os temores do futuro. Rapido, fôge este pensamento sinistro; as recordações surgem; o poeta falla de sua mocidade; lembra essês gratos episodios da primavera; seus labios parecem sorrir; e elle murmura beijando a criancinha:

.....
 Quando meu filho na infantil idade
 De brincos futeis de criança viva
 Fores, travesso, remecher-me a estante
 Abrir-me os livros, reviral-os, creio
 Que hasde encontrar um voto de amizade
 Uma flôr de Poesia, já myrrhada
 Como a malva que a moça deu ao amante
 Que no livro d'estudo séca á um anno!

Tudo é bello n'estas palavras, os pensamentos e versos são meigos e doces, innocentes como a propria infancia; santos como o coração paterno. Ouvi ainda:

Teu Pae tem coração, meu filho; é d'elle
 Que tu verás brotar almos conselhos
 Orações de mulher, preces sublimes,
 Cantos de rola que perdeu seu ninho;
 Teu Pae tem coração, és fibra d'elle!

 Dorme, oh! filho de Deus! Deixa que a lua
 Cresça ou mingue nos céos... isso qu'importa
 Deixa que o tronco seque, e o orvalho cáia
 Na gramma extensa qu'esmeralda os campos
 Deixa teu Pae morrer! Se fores vivo
 Dá-me um beijo na campa, abre este livro
 E lê attento, ao menos, esta folha!

Taes versos não se escrevem sem sentir-se; não se ouvem sem emoção.

Feliz a sorte d'aquelle que, no inverno da vida, tiver no sacrario de suas recordações uma pagina tão sancta, ditadas pelo coração de quem, arrebatado pelo vendaval da morte,

descansa para sempre á sombra funeraria das tilias dos cemiterios, tendo por unico epithaphio as lagrimas de seus filhos !

Até os ultimos versos que citei a Poesia é delicada, sentimental, fere direito o coração do leitor ; quando porém o Poeta vaza o seu pensamento no molde da rítlima, acho que elle não conserva a mesma energia, antes pelo contrario enfraquece.

Roza Feliz, Meia Noite, são producções mimózas unguidas de tristeza ; n'esta ultima há uma expressão de amargura, um certo delirio de pensamento traduzido por imagens tão ficis, que produz o desejado effeito.

Citarei, por exemplo, esta strophe :

Meia noite, meu Deus, ardem-me as palpebras ;
 Me dóe o coração na dôr do aneio ;
 Como tarda o meu dia de venturas
 De lhe abrir o roupão, e vêr-lhe o seio !

Nada há de mais verdadeiro, de mais bem expressado.

Todas as composições do Poeta têm para mim um defeito, são breves, muito breves ; é verdade que a brevidade é uma das primeiras qualidades da arte de escrever ; comtudo o espirito, que rôla á mercê da correnteza limpida do rithmo plangente ; que, á cada passo, estasia-se e arrebatase diante de uma imagem aerea e vaporóza, languida ou mysterioza, sente um certo despeito, quando, justamente no seu maior enlevo, sente que tem tocado ao fim.

Espero que, com o correr do tempo, quando o Poeta tiver composto um novo volume, tiver afinado bem sua harpa, se hade corrigir d'este defeito, como de outros desculpaveis, que os escrupulózos nunca perdoão no seu fanatismo pela arte.

Minha Mãe, é uma intima dolorida, cunhada d'este caracter de verdade que baptiza todo o escripto do Sr. Ferreira de Menezes.

É um canto partido involuntariamente da alma, misturado de lagrimas e reminiscencias ; é a creatura, que chegando á plhaze da vida em que o coração precisa de affectos, em que a duvida e o presentimento correm por seu horizonte, como ligeiros pedaços de nimbo antes de uma tempestade, recorda-se chorando d'aquella imagem pallida e sagrada, que o embalava ao regaço nos loiros dias da infancia ; d'aquella fronte coroada de virtudes, que pendia á seu berço, murmuran-

do suaves cantigas; d'aquelles olhos amorózos, onde tudo era meiguice, brandura, cuidados e esperanças. Oh! só quem nunca dobrou os joelhos diante da cruz que protege o sepulchro materno; só quem nunca no seio das selvas, no clarão da lua, no espelho da correnteza, procurou reunir os traços e formar debalde a imagem d'aquella que lhe deu o ser, póde desconhecer o encanto d'esta Poesia!

Já mostrei as cordas vibrantes das — Poesias intimas — a recordação e a saudade, as emoções mais sagradas de espirito humano; há porém algumas secundarias; essas são poucas, no entanto sempre bellas; citarei por exemplo o — *Aperto de mão*; composição rapida, vaga, indeciza; mais que um escripto, um sentimento.

Seguem-se muitas outras que torna-se inutil mencionar.

Para se comprehender toda a extensão d'estes cantos não é só necessario um gosto apurado, um extremo conhecimento da arte; é preciso, porém, que o leitor se identifique com a alma do Poeta; que se compenetre de que, se elle nada sentisse, sua harpa rebelde petrificára as cordas, negára-lhe um som.

Não se deve procurar ali a imaginação funcbre de *René*, a colera violenta de *Lara* e *Conrado*, a molestia de *Werther* nem o abatimento de *Oberman*; se algum tédio, se alguma descrença transuda d'estes bellos cantos, ella é momentanea, fugaz; ella passará como a sombra phantastica de um ermo ao primeiro raio da manhã. A Musa gracioza do Poeta é sensível, infantil, impressionavel; ella não esconde uma emoção; ella tem a franqueza nos labios.

Torna-se desnecessario um estudo de forma; o metro predominante nas — Intimas — é o endecasyllabo, quasi sempre sem ritmo, o que se chama verso branco, ou verso solto.

O mesmo defeito que notei nas — Poesias soltas — o abuzo das suppressões, alguns arcaismos mesmo e fraqueza ás vezes, noto aqui; com tudo isto é desculpavel em attenção ás bellezas da composição, e o Poeta se corrigirá.

Concluindo estas ligeiras e desácertadas observações, peço permissão ao Poeta para dirigir-lhe duas palavras sincéras.

Não abandone nunca a Poesia; em toda a circumstancia, em todas as occupações que sua bella posição lhe impõe, não se esqueça jámais d'essa imagem formóza e coroadada de louros, de cujos labios só partem as consolações e palavras do céu.

Os Politicos, os homens positivos, têm um só dia de existencia; surgem com as circumstancias, e com ellas desapare-

cem; têm o destino das marés. Cercão-lhes a reputação, a posição, a adulação de todos; mas quando a morte os leva, o seu nome desaparece da terra, senão logo, ao menos com o correr do tempo.

O homem não veio ao mundo para occupar o espaço, e depois deixal-o vazio; quando partir tem ainda alguma couza á legar; porque o homem não é o bruto, e sua vida não deve ser uma só.

Continue o Sr. Ferreira de Menezes; aperfeiçõe-se cada vez mais; componha novas obras; e, ou em nossa terra se despreza e abafa o talento, ou terá uma bella reputação.

VERSÕES.

E' especialmente nas traducções que melhor se revêla qualquer escriptor. Verter uma obra de uma lingua qualquer para outra suppõe sempre conhecimento de ambas, e fina percepção de suas relações.

Não é o estudo machinal de recorrer aos Dictionarios, tirar significação das palavras, e ir desfiando a phrase ao pé da letra; é necessario, porém, dar á cada uma d'aquellas o seu verdadeiro valor, á cada uma d'estas a sua propria expressão.

Na ultima parte da collecção de Poesias do Sr. Ferreira de Menezes encontra-se, á par da perfeita comprehensão das composições vertidas, alguma couza de mais,—esta unção individual, estes toques que, não alterando nem desfigurando a peça, dão-lhe entretanto alguma couza de novo.

Para prova do que acabo de dizer, o leitor não tem mais do que confrontar os escriptos.

Abra por exemplo — *a Consciencia* — de *Victor Hugo*, e, não duvido affirmar, que se achará agradavelmente surprehendido de quanto o Poeta compenetrrou-se da bella composição do desterrado francez. Na narração do desassocegado vagar de Caim, fugindo a *esse olho importuno*, que o espreitava *por todt a parte*: na discripção d'essas barreiras e muralhas inuteis; que sempre erguião diante d'elle, encontrará estes versos robustos:

Inda estou muito longe, á tremer disse:
E vae os filhos despertar que dormem
A mulher fatigada erguer nos pulsos
E, sinistro, á fugir, se atira ao espaço!

Trinta dias andou, e noites trinta !
 Pallido e mudo elle ia, estremecendo
 Ao mais leve arruido, receiozo;
 Sem olhar para traz, sem trégoas nunca,
 Sem somno e sem repouzo; e do paiz,
 Depois chamado Assur, enfim chegando
 A's praias arenózas d'esses mares,
 « Vamos parar aqui, disse; este asylo
 « E' seguro; fiquemos; nós do Mundo
 « Aos limites chegámos. » E sentou-se...
 E sentou-se Caim ! Lá, nos céos mornos,
 Vio no mesmo lugar o olho importuno
 No fundo do horizonte !

Depois, quando escondido na tenda que lhe levantáráo, sua neta o interroga, o Poeta comprehendeo perfeitamente a palavra do Escripitor, e deo-lhe toda a doçura e sentimento; vejámos :

« Mais nada vêdes? »—Diz Tsilla a loura,
 Menina filha de seus filhos, doce
 Como a auróra há-de ser. Caim responde
 « Eu vejo esse olho ainda ! »

Mais adiante ainda a phráze enrobustece-se, e estes bellos versos resaltão da penna do traductor:

A tenda de panno se tornou granito ;
 Prendeo-se á cada pedra élos de ferro ;
 E parecia do Inferno uma Cidade !
 Dos torreões a sombra nàs câmpinas
 Sæ assimilhava o appropinquare da noite ;
 Aos muros deu-se colossal grossura ;
 Sobre a porta gravou-se « Aqui nem Deos.

E' loucura desejar-se melhor versão; o auctor dos *Misera-veis*, como Goethe á leitura do seu Faust, traduzido pelo joven de 18 annos (Gerard de Nerval) animaria o Poeta *Academico*, auctor das *Flores sem cheiro*:

Os cantos de Selma estão bellos e fielmente transportados para nossa lingua. Não ha ninguem que desconheça a subli-

me invocação do começo, e que tão bem imitou *Alfredo de Musset*

Pale étoile du soir, messagère lointaine,
Dout le front sort brillant des voiles du couchant
De ton palais d'azur au sein du firmament
Que regardes tu dans la plaine?

Considerem bem os leitores com que delicadeza o Poeta traduzio este bello trecho do cégo Escossez :

Olhar casto da noite, estrella branca,
Brilhante luminoso, d'ó crepusculo
Na fronte azul, o que olhas na planicie?
Já do dia os rumôres têm cessado:
Calou-se o vento; o écho da montanha
Parece ir-se sumindo; as vagas lambem
Plainas e quietas do rochedo a base!
De perfumes envoltos vespertinos
Volteando às tontas, os insectos enchem
De enfadonho zumbido os ares mudos,
Brilhante estrella o que olhas na planicie?
Mas teu doce clarão já desce aos poucos
Para as bordas do horisonte!
Para te receber, banhar-te a argentea
Cabelleira, do mar abrem em meio
Promptas as ondas, oh! celeste filha!

O resto da peça continúa sempre com a mesma graça e belleza; o Sr. Ferreira de Menezes só merece elogios.

Lech na Garr, e os versos escriptos á sombra de um olmeiro, de Byron, são perfeitamente vertidos; não duvidamos collocar-os á par das traducções ultimamente apparecidas de Pinheiro Guimarães.

Há mais algumas versões curtas de *Schiller*, *André Chénier* e *Millevoye*. Do primeiro distinguirei comtudo o — *Amor triumpante*.

Se este pequeno esboço não estivesse ao lado da obra, de bom grado eu tudo copiaria; torna-se porém inutil este trabalho, basta só apontar as composições, e apresentar alguns de seus traços mais distinctivos.

Depois do que acabamos de vêr não duvido assegurar, que, se o Sr. Ferreira de Menezes continuar na carreira que segue, será uma das nossas mais bellas Muzas. O Brazil é rico de enthusiasmo e de genio; a fronte de seus filhos é ardente como o sól que as allumia; sua natureza immensa. Poucos paizes se poderão gloriar de tanta intelligencia e tantas esperanças; é preciso caminhar, pois; cerrar os olhos ás miserias que nos cercão; lançar um sorrizo de soberano desprezo á esses espiritos seccos e calculistas, que nada vêem além de uma burra de dinheiro, ou uma pasta de ministro. Caminhar, e caminhar sempre, porque nascemos hontem, a madrugada é bella, e muito temos que andar

O futuro é nosso.

Concluo aqui meu desalinhado e insignificante trabalho; sinto sinceramente, que o livro do modesto e maviozo Poeta coubesse á tão máo analysador; a culpa é sua.

S. Paulo — Setembro de 1863.

LUIZ NICOLAU FAGUNDES VARELLA.



INDICE

DAS

POESIAS?

SOLTAS.

	Pa.
Introdução... ..	9
Canto do Nauta.	11
Ai de ti... ..	14
Segredo	16
Canção..	18
Um Instante..	19
Queres ir...	20
Meus Sonhos...	22
A Cruz de Cedro...	24
Tão triste. — N'um album de moça.. . . .	25
Sou eu...	26
Sonha e dorme...	27
A vida...	28
A Vendida...	30
Minha Infancia...	33
Eu te adôro...	36
O Anjinho da Procissão...	38
Ruínas da Gloria...	40
Desengano...	42
Somno da Virgem..	44
A' Germanica..	45
Recuerdos...	47
A Pedido...	50
Parodia	52
Eureka	53
Em que pensas...	54
Eu sou beija-flôr...	55

	Pag.
Devaneio	56
Eu vi-te.	58
Um Anjo do Céu.	60
A' um Vigario	61

INTIMAS.

Saudades de meu Paê.	65
Minha Mãe, D. Alexandrina de Menezes Drumond.	70
Meu Irmão, Zeferino de Menezes Gomes Ferreira...	73
Meu Filho.	75
Volver d'olhos. — A' H. D. M. S.	79
Tanto soffres.	81
Lê.	83
A' meu sincero e leal amigo, o Sr. Dr. Americo Bra- silio de Campos.	84
A' minha Irmãa.	87
Imitação. — A' Zeferino de M. Gomes Ferreira. . . .	89
Desesperança	91
Meia noite. — A' H. D. M. S.	93
Ella dorme	96
Spleen e cigarros.	98
A' Um Romantico.	104
Minha Vida.	107
Morta.	108
Se eu morresse de amôr.	110
Roza Feliz.	112
Adeus.	114
Hontem.	117
N'um Album.	119
A' Antonio Homem de Barros (fallecido.	121
A' Pedido	123
Triumphaste	126
Hymno á morte.	128

TRADUCCÕES.

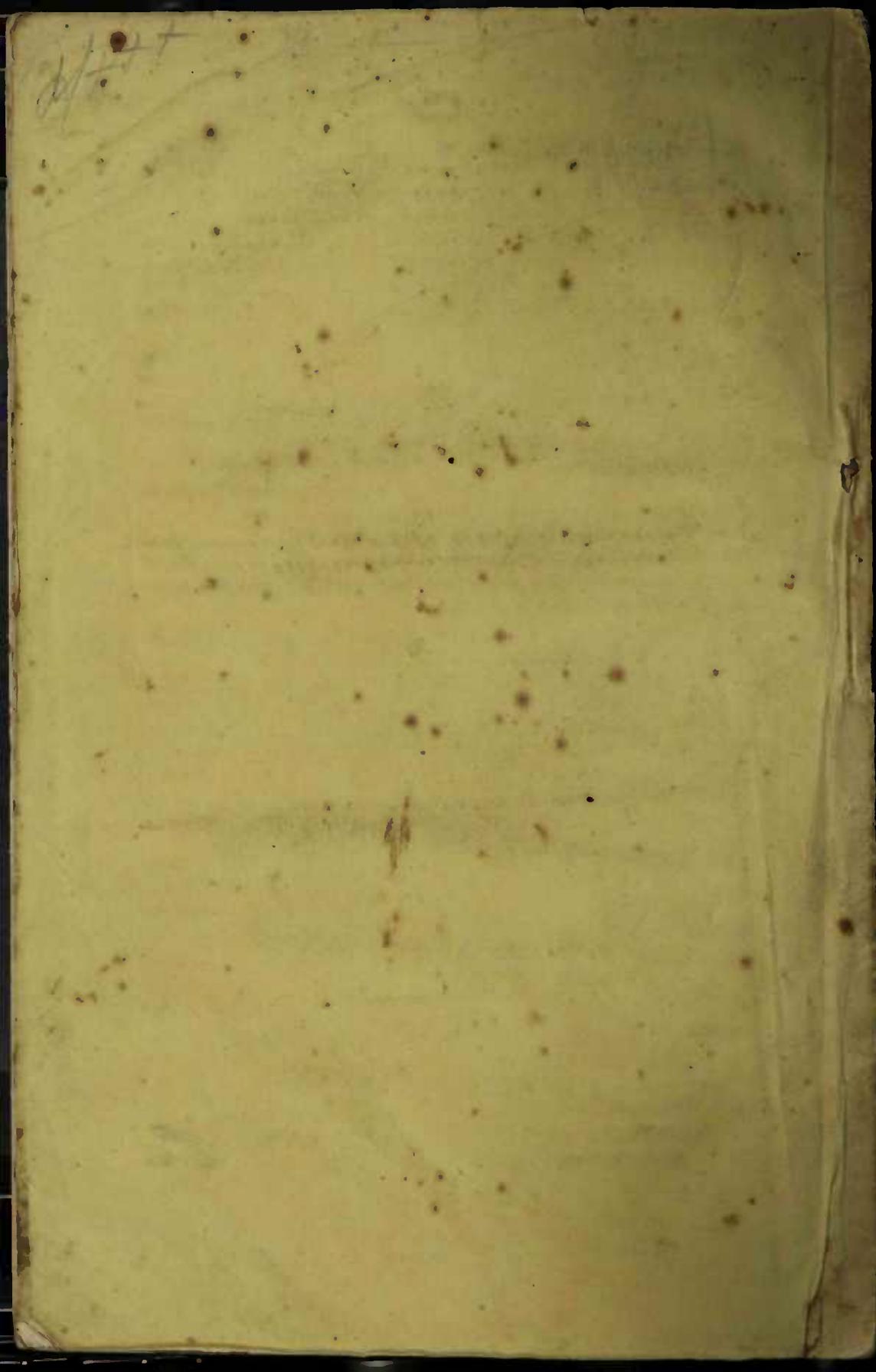
Loch na Garr.	133
Fragmentos	136

	Pag.
O Amôr triumphante	138
A Emma	143
Fragmento	144
A constancia	145
O fugitivo	148
Enlêvo	150
O Poeta moribundo	151
Cantos de Selma	153
O moço enfermo	165

ESTUDO CRITICO.

Poesias soltas	173
Intimas	176
Versões	183





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).